

RODRIGO BIANCHINI CRACCO

A LONGA DURAÇÃO E AS ESTRUTURAS TEMPORAIS EM  
FERNAND BRAUDEL:

de sua tese *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época  
de Felipe II* até o artigo *História e Ciências Sociais:*

*A longa duração (1949-1958)*

Dissertação apresentada à Faculdade de  
Ciências e Letras de Assis – UNESP –  
Universidade Estadual Paulista para a  
obtenção do título de Mestre em História.  
(Área de Conhecimento: História e  
Sociedade)

Orientador: Hélio Rebello Cardoso Júnior

Cracco, Rodrigo Bianchini

C9211 A longa duração e as estruturas temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958). / Rodrigo Bianchini Cracco. – Assis : 2009.  
115 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2009

Orientador: Hélio Rebello Cardoso Junior

1. Annales 2. Fernand Braudel  
3. Historiografia 4. Tempo I. Autor II. Título.

CDD 944.0072

*Aos meus pais  
Luis e Cecília  
e à minha esposa  
Ligia*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. Desde já, peço desculpas aos que não forem mencionados.

Agradeço a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) pelo auxílio financeiro.

Para me conduzir nesta jornada, contei com a orientação, a amizade e a atenção do professor Hélio Rebello Cardoso Júnior. Fico honrado em ser seu orientando. Muito obrigado!

Ao professor Milton Carlos Costa e ao professor Ricardo Gião Bortolotti, agradeço pelas contribuições feitas na ocasião da qualificação que ajudaram muito no enriquecimento deste trabalho. À professora Tânia Regina de Luca, agradeço pelo curto, mas decisivo, período de orientação.

Agradeço aos amigos que estiveram bastante próximos de mim durante a execução deste trabalho: Lucas, Adilson, Daniel, Rodrigo e Guilherme, que suportaram as minhas cansativas conversas de pesquisador neófito. Agradeço aos velhos amigos que não nomearei, posto que, felizmente, são muitos. E às novas e sinceras amizades que fiz nas turmas de graduação e pós-graduação.

Agradeço imensamente o apoio e dedicação de meus pais que amo muito, Luis e Cecília; à Ana e ao Daniel, minha família que sempre esteve ao meu lado. Tenho muito orgulho de vocês, e toda a gratidão do mundo. Também agradeço à minha nova família, Maria Helena, Teofredo e Bruno, por me receberem em seu seio como um filho.

Ligia, minha esposa, amante e principal incentivadora. Sem você, seu apoio e suas broncas – “Rodrigo, vai estudar” – este trabalho não teria existido. Muito obrigado por seu amor e por acreditar em mim!

Obrigado Deus.

## RESUMO

Fernand Braudel defende a pesquisa histórica que prioriza a longa duração. Os próprios fundadores da revista dos *Annales* já pensavam a história a partir de longos períodos, contrapondo-se à história política dos séculos XVIII e XIX, ainda que Fernand Braudel afirme que a história política não é exclusivamente factual, nem condenada a sê-lo. Para entendermos como Fernand Braudel chega a esta posição é necessário refletir sobre as influências que o levaram a tal, dentre as quais e, principalmente, a tradição dos *Annales*. Portanto, buscaremos analisar as considerações sobre o tempo histórico em Lucien Febvre e Marc Bloch e como estas considerações incidem na nova grade do tempo proposta por Fernand Braudel. Analisaremos o tempo histórico em suas dimensões de “temporalidade” e “duração”, a “dialética da duração” e a forma como Fernand Braudel trabalha com o conceito de “estrutura”. O estudo das perspectivas metodológicas do grupo dos *Annales*, onde se situa nosso projeto, figura como pré-requisito para a compreensão dos métodos da historiografia contemporânea, em especial os ligados à Nova História. Devido à sistematização da nova proposta temporal para as pesquisas históricas realizada por Fernand Braudel e, principalmente, ao seu mérito de articular o meio, cultura e sociedade em trabalhos balizados pela “dialética das durações”, somos levados a tomar a sua obra como base para o atual trabalho.

**Palavras-chave:** Annales, Fernand Braudel, Historiografia, Tempo.

## ABSTRACT

Fernand Braudel argues about the historical research which gives priority to long term. Even the founders of the Journal of Annales already thought history from long periods of time, contrasting to the political history of the eighteenth and nineteenth centuries, while Fernand Braudel has said that the political history is not only factual, or ordered to do so. To understand how Fernand Braudel reaches this position, we must reflect on the influences that led him to this, among them, and mainly from the tradition of the Annales. Therefore, we'll examine the comments about the historical time in Marc Bloch and Lucien Febvre and how these considerations relate to the new grade of time proposed by Fernand Braudel. We'll review the historical time in its dimensions of "temporality" and "duration", the "dialectic of duration" and how Fernand Braudel works with the concept of "structure". The study of the methodological perspectives from Annales group, which is our project, is a prerequisite to understanding the methods of contemporary historiography, in particular those linked to the New History. Due to the systematization of the new proposal about time for historical research conducted by the Fernand Braudel and, especially, the merit of articulating the environment, culture and society on works marked by the "dialectics of the time," we have to take his work as a basis for the current research.

**Key words:** Annales, Fernand Braudel, Historiography, Time.

## SUMÁRIO

Introdução.....	8
Capítulo 1: A renovação da temporalidade histórica nos primeiros <i>Annales</i> .....	17
1.1. Orientações gerais sobre a modificação da temporalidade histórica nos primeiros <i>Annales</i> .....	18
1.2. As influências das Ciências Sociais, Geografia e da <i>Revue de Synthèse Historique</i> na nova temporalidade dos <i>Annales</i> .....	23
1.3. O alvo das críticas: o modelo temporal dos historiadores “positivistas”.....	31
1.4. Lucien Febvre: renovação metodológica da pesquisa histórica e sua implicação na nova temporalidade.....	34
1.5. Marc Bloch: primeiras considerações conceituais sobre o novo tempo histórico nos <i>Annales</i> .....	43
Capítulo 2: O tempo em <i>O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II</i> .....	50
2.1. A temporalidade histórica dos fundadores e a inovação braudeliana.....	51
2.2. A tripartição temporal de <i>O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II</i> .....	57
2.3. Algumas leituras de <i>O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II</i> .....	63
Capítulo 3: A “dialética da duração” de Fernand Braudel.....	72
3.1. “História e Ciências Sociais: a longa Duração”.....	73
3.2. Uma proposta de leitura das estruturas braudelianas a partir de Gilles Deleuze.....	86
3.3. As estruturas de Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss.....	94
3.4. Algumas considerações sobre o tempo na metodologia de Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss.....	102
Considerações Finais.....	106
Referências.....	111

**Introdução**



Rever os hábitos cronológicos dos historiadores, na tentativa de mostrar como o tempo avança em diferentes ritmos, caracterizou a obra de Fernand Braudel, que além de crer em uma História Nova, costumava afirmar a existência de apenas uma história válida, a “correta”. O presente trabalho propõe uma análise da concepção braudeliiana de tempo histórico em função de certas influências, em especial de Lucien Febvre e Marc Bloch, em pontos precisos que haveremos de determinar na seqüência. Concentraremos nosso trabalho no período compreendido entre a publicação da tese de Fernand Braudel, *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, e a publicação do artigo *Histoire et sciences sociales. La longue durée* (1949-1958).

Em 1958, Braudel publicou na revista *Annales E. S. C.* – sob a rubrica *Debats et Combats*, justamente um chamado à discussão – seu artigo *Histoire et sciences sociales. La longue durée*. Sua intenção de levantar o tema da concepção de tempo histórico dos historiadores, assim como a de subverter a periodização da dita “história tradicional”, foi atingida, ou antes, foi sistematizada nesse artigo, posto que nove anos antes, Braudel publicou *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, no qual, utiliza na prática, as propostas de renovação dos recortes temporais abordadas no artigo.

Braudel defende a pesquisa histórica que prioriza a longa duração. Os próprios fundadores da revista dos *Annales* já pensavam a história a partir de longos períodos, contrapondo-se à história política dos séculos XVIII e XIX, ainda que Braudel afirme que a história política não é exclusivamente factual, nem condenada a sê-lo. Vários fatores os levaram a defender esta posição<sup>1</sup>. Rompe-se com a idéia de tempo revolucionário da modernidade, na busca de uma explicação estrutural da história – mais consistente, menos impressionista. Representa a necessidade de uma desaceleração da história, trazendo para o mundo dos historiadores o conceito de “estrutura social”, ainda que modificado, negando a atemporalidade de alguns modelos de sociólogos e antropólogos. Assim, priorizando a longa

---

<sup>1</sup>Vale ressaltar, entre outros, o deslocamento do olhar do aspecto político para o econômico e social. E não só a crise de 1929, mas toda a década de 20 é marcada por debates e decisões importantes no campo econômico. É onde a revista *Annales d'histoire économique et sociale* encontra um meio propício para seu desenvolvimento. Deve-se ressaltar também a mutação do campo das ciências sociais no fim do século XIX e início do XX.

Também como contexto do desenvolvimento da revista, e, conseqüentemente, de suas propostas, temos o trauma do pós-guerra, cristalizado na negação do evento explosivo: da história batalha, história política e “factual”; favorecendo assim as perspectivas de longa duração e a vontade pacifista: “[...] todos desejam reaproximar as humanidades, os povos, e uma nova finalidade aparece, portanto, no discurso do historiador, o qual é então considerado como instrumento possível da paz, após ter sido arma de guerra.”

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Trad: Dulce Oliveira Amarantes dos Santos; Revisão Técnica: José Leonardo do Nascimento. Bauru: EDUSC, 2003. p.33-38.

duração, sem negar o evento, Braudel passa a pensar a história em termos de “dialética das durações”.

A dialética das durações, como coloca Braudel, liga, relaciona, articula os diferentes tempos da história. Apesar de dar maior importância à longa duração, o autor afirma em vários de seus escritos a necessidade de se pensar a conjuntura e o evento. Superar a história acontecimental atribuindo uma importância maior à relação entre as diferentes velocidades com as quais o tempo histórico viaja, exprime sinteticamente a idéia de dialética das durações. Nas palavras de Braudel:

En fait, les durées que nous distinguons sont solidaires les unes des autres: ce n'est pas la durée qui est tellement création de notre esprit, mais les morcellements de cette durée. Or, ces fragments se rejoignent au terme de notre travail. Longue durée, conjoncture, événement s'emboîtent sans difficulté, car tous se mesurent à une même échelle. Aussi bien, participer en esprit à l'un de ces temps, c'est participer à tous.<sup>2</sup>

Em sua aula inaugural no Collège de France, conclui:

Et la difficulté n'est pas de concilier, sur le plan des principes, la nécessité de l'histoire individuelle et de l'histoire sociale; la difficulté est d'être capable de sentir l'une et l'autre à la fois, et, se passionnant pour l'une, de ne pas dédaigner l'autre.<sup>3</sup>

Para entendermos como Braudel chega a estas posições, é necessário refletir sobre as influências que o levaram a tal, dentre as quais e principalmente a tradição dos *Annales*. Portanto, buscaremos analisar as considerações sobre o tempo histórico de Febvre e Bloch e como estas considerações incidem na nova grade do tempo proposta por Braudel. A análise

---

<sup>2</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales. La longue durée”. In: *Écrits sur l'histoire*. Paris : Flammarion, 1969. p. 76. (1ª ed. – *Annales E. S. C.*, nº 4, octobre-décembre 1958, Débats et Combats, p. 725-753.)

“De fato, as durações que distinguimos são solidárias umas com as outras: não é a duração que é tanto assim criação de nosso espírito, mas as fragmentações dessa duração. Ora, esses fragmentos se reúnem ao termo de nosso trabalho. Longa duração, conjuntura, evento se encaixam sem dificuldade, pois todos se medem por uma mesma escala. Do mesmo modo, participar em espírito de um desses tempos, é participar de todos.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Trad: J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo : Perspectiva, 2005. (Debates ; 131). p. 72.

<sup>3</sup> BRAUDEL, Fernand. “Positions de l'histoire en 1950”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* p.35. (Leçon inaugurale au Collège de France faite le 1 décembre 1950.)

“E a dificuldade não é conciliar, no plano dos princípios, a necessidade da história individual e da história social; a dificuldade é ser capaz de sentir uma e outra ao mesmo tempo, e se apaixonando por uma, não desdenhar a outra.”

BRAUDEL, Fernand. “Posições da História em 1950”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p.35.

desta herança de Febvre e Bloch é imprescindível para a compreensão do sucesso das perspectivas e da ampla difusão da obra de braudeliana, da qual vale ressaltar alguns pontos.

Após a publicação de *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II* e principalmente de seu artigo-manifesto, Braudel passa a ser referência para a historiografia francesa e de parte do mundo. A influência de sua obra foi e ainda é grande, expandindo-se inclusive (seus principais trabalhos foram traduzidos para dezesseis idiomas).<sup>4</sup> Devido a isso, não é possível objetivar uma análise completa do impacto de seus escritos na historiografia, ainda que se possam ressaltar alguns pontos. As décadas de 50, 60 e 70, notadamente, refletem a importância do trabalho tanto de Braudel quanto de Ernest Labrousse. As abordagens históricas por eles propostas tornam-se o eixo da produção historiográfica francesa e de parte do mundo, evidentemente porque, sob a direção de Braudel, a partir de 1957, os *Annales* estabelecem um relativo domínio institucional sobre os historiadores do período. Bolsas e financiamentos para pesquisa estavam sob sua autoridade<sup>5</sup>. Não devemos, porém, atribuir a isso a crescente expansão de suas idéias, o que seria negar o caráter inovador de suas propostas em virtude da posição por ele ocupada de administrador do patrimônio físico e institucional dos *Annales*. Novas abordagens foram criadas a partir da longa duração e da história quantitativa, combinando estruturas, conjunturas, demografia histórica, ampliando o campo teórico-metodológico dos historiadores, e desta forma, diversificando o próprio projeto dos fundadores dos *Annales*. Mesmo outras ciências tiveram e têm tido especial consideração sobre a discussão da história de longa duração, posto que é de óbvia importância para os teóricos (sociólogos e antropólogos) das mudanças sociais.

Os avanços proporcionados pela difusão da proposta metodológica braudeliana são muitos. A substituição da idéia de um tempo único, linear, pela “dialética da duração” e o enfoque no tempo longo propiciou, além de uma aproximação da antropologia, a possibilidade de construir uma cronologia científica, datando os fenômenos históricos segundo sua duração, longe de encerrar-se nos acontecimentos, individualizando as estruturas e interessando-se em primeiro lugar por elas. Exemplo disso são as afirmações de autores da chamada “terceira geração dos *Annales*” como Michel Vovelle<sup>6</sup>, que vê na longa duração o veículo pelo qual a história cultural teve mais avanços. Jacques Le Goff chega a reconhecer [a longa duração] como “a mais fecunda das perspectivas definidas pelos pioneiros da história

<sup>4</sup> AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. *Tempo, duração e civilização: percursos braudelianos*. trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 89) p. 15

<sup>5</sup> DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. *Op. Cit.* p. 182-195.

<sup>6</sup> VOVELLE, Michel. “A história e a longa duração”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dir.). *A História nova*. Trad. Eduardo Brandão. – 5ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2005. p. 99.

nova”.<sup>7</sup> Devido à sistematização da nova proposta de pesquisa histórica realizada por Braudel no artigo de 1958 e, principalmente, ao seu mérito de articular o meio, cultura e sociedade em trabalhos balizados pela “dialética das durações”, somos levados a tomar a sua obra como base.

O estudo das perspectivas metodológicas do grupo dos *Annales*, onde se situa nossa pesquisa, figura como pré-requisito para a compreensão dos métodos da historiografia contemporânea, em especial os ligados à Nova História.

Na maior parte das vezes em que a questão da divisão cronológica dos historiadores veio à tona, foi atribuída a filósofos a articulação teórica de tais procedimentos. Estes “emprestaram” aos historiadores noções de recortes temporais, continuidades e rupturas. Daí a escassa discussão teórica do tema por parte dos historiadores. Se buscarmos discutir estes hábitos cronológicos nos referindo exclusivamente ao grupo dos *Annales*, podemos tomar como parâmetro as considerações sobre o tema feitas por Lucien Febvre e Marc Bloch, culminando na obra de Fernand Braudel, em especial, na sistematização por ele proposta da “dialética das durações”, que evidencia a necessidade de se pensar este tema tão caro aos historiadores já que, como coloca François Dosse: “a duração condiciona todas as ciências sociais e confere um papel central à história”.<sup>8</sup>

Braudel, em seu artigo *Histoire et sciences sociales. La longue durée*<sup>9</sup>, apresenta suas posições em relação às “ciências vizinhas” e à história. Discute o conceito (longa duração) e defende sua utilidade, tanto para a história quanto para as outras ciências humanas, apresentando uma possível metodologia comum para o estudo do homem. A multiplicidade do tempo, em especial o tempo longo, e a interdisciplinaridade são o eixo do texto.

Privilegiando a permanência, a continuidade, Braudel muda a perspectiva temporal da pesquisa histórica, priorizando os movimentos repetitivos, seriáveis, em detrimento da ruptura brusca da história individual e dos eventos. O cotidiano toma o lugar dos fatos singulares e o homem torna-se elemento seriável: diminui, quase rejeitando, a importância das figuras singulares na operação histórica. Não exclui o homem da condição de sujeito, mas mostra como as estruturas existentes agem como barreiras – ainda que não totalmente intransponíveis – à ação individual modificadora (produtora) da história.

Ainda neste artigo, expõe também sua posição em relação ao conceito de estrutura, negando a atemporalidade e a abstração matemática de alguns modelos das ciências sociais,

<sup>7</sup>LE GOFF, Jacques. “A História Nova”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dir.). *A História nova. Op. Cit.* p. 62.

<sup>8</sup>DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História. Op. Cit.* p.166.

<sup>9</sup>BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales. La longue durée”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.*

mostrando o papel da estrutura na disciplina histórica, como formulação objetiva, buscando atingir assim, o observável, repetitivo, seriável. “A estrutura do historiador é um quadro estável, que confere às atividades um quadro monótono, repetitivo; é uma “longa duração”, concreta, mas “invisível”, que só a pesquisa e a reconstrução conceitual podem apreender”<sup>10</sup>. O artigo-manifesto *Histoire et sciences sociales. La longue durée* causou grande repercussão no período de sua publicação, ainda que foi em sua obra *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, onde primeiro foram colocados em prática os métodos de análise posteriormente discutidos no artigo, de forma que é válido explicitar alguns pontos desta obra, no que se refere às durações.

*La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, obra dividida em três partes, cada qual com uma maneira específica de abordar o passado, forma uma “décomposition de l'histoire en plans étagés”.<sup>11</sup> A primeira parte e, certamente a mais representativa, trata da “geo-história”, da relação entre o homem e o meio, de como as características geográficas são parte da história; além das descrições dos espaços geográficos abordados, relacionando-os sempre com a cultura e a sociedade pertencente a estes. Apresenta tanto montanhas, planícies e ilhas quanto o clima e mesmo as rotas de navegação e de transporte terrestre. São quase trezentas páginas dedicadas a um tipo específico de história que se diferencia das costumeiras introduções geográficas “inutilement placées au seuil de tant de livres”.<sup>12</sup>

Em seguida, na segunda parte do livro, o autor se preocupa com a história “lentamente ritmada” – sociedades, tradições religiosas, sistemas econômicos; com as civilizações, como preferia dizer. É o espaço destinado basicamente ao estudo dos dois grandes impérios rivais que dominavam o Mediterrâneo. Sua análise perpassa tanto aspectos sócio-econômicos quanto culturais dos turcos e espanhóis do mediterrâneo, ainda que Braudel seja criticado pela falta de ênfase na cultura e nas mentalidades. É uma história de permanências e mudanças somente percebidas por meio do estudo de períodos relativamente extensos, por vezes séculos.

<sup>10</sup> REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.17.

<sup>11</sup> BRAUDEL, Fernand. “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Extrait de la préface”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* p. 13. (O livro acabado em 1946, foi publicado em 1949: *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*, Paris, Armand Colin, XV + 1160 p., in-8°; 2ª ed. revista e aumentada, *ibid.*, 1966, 2 v., 589 e 629 pp., in 8°. Cf. p. XIII e XIV da 1ª ed.)

<sup>12</sup> BRAUDEL, Fernand. “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Extrait de la préface”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* p. 11.

“Inutilmente colocadas ao limiar de tantos livros.”

<sup>12</sup>BRAUDEL, F. “O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo à Época de Filipe II. Extraído do Prefácio”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 14.

Sem negá-la, porém sempre alertando para seus perigos, na terceira parte do livro, Braudel trabalha com a história acontecimental (*événementielle*). Não se trata de uma narrativa de eventos aos moldes tão criticados da história “metódica”, posto que se esforça todo o tempo em situar os indivíduos e fatos num contexto amplamente valorizado, ainda que o faça para negar-lhes importância substancial. É uma história de caráter político-militar, uma nova proposta de como a historiografia pode pensar os atores e acontecimentos num curto período da história.

É preciso, no entanto, esclarecer que apesar de Fernand Braudel ter sido um inovador no que diz respeito às dimensões da temporalidade, seus escritos fazem parte da perspectiva lançada por Lucien Febvre e Marc Bloch, os quais, ainda que de formas diferentes, já se preocupavam em realizar uma mudança significativa dos hábitos cronológicos dos historiadores. Exemplo disso é a tendência das perspectivas de longa duração nas publicações da revista por eles dirigida<sup>13</sup> e mesmo a proposta de história-problema, que utilizando questões do presente para interrogar o passado, inevitavelmente reorganiza o tempo histórico. Nesta análise, como em qualquer outra que envolva o grupo dos *Annales*, duas obras são essenciais: *Combats pour l'histoire*, e, *Apologie pour l'histoire, ou Métier d'historien*, esta que tem o primeiro capítulo intitulado *L'histoire, les hommes et le temps*, onde Marc Bloch expõe suas posições quanto às temporalidades que, de certa forma, aproximam-se mais das disposições braudelianas – ainda que Braudel tivesse relações muito mais próximas de Febvre. Já na coletânea *Combats pour l'histoire*, não temos um artigo tratando especificamente a questão da temporalidade, no entanto, em muitos deles Febvre discute o tema. Notam-se formas diferentes de considerar as durações históricas em Febvre e Bloch. Febvre, apesar de sempre empenhado na crítica da periodização da história metódica, busca partir do evento intelectual ou da biografia, para desta forma atingir uma estrutura mental coletiva. Bloch diferencia-se de Febvre colocando em primeiro plano as estruturas, como latente na passagem: “Or, ce temps véritable est, par nature, un continu. Il est aussi perpétuel changement”<sup>14</sup>, onde podemos notar a ênfase de Bloch nos aspectos duradouros, sem excluir a especificidade histórica da mudança.

Em nosso primeiro capítulo, buscaremos nos focar no período pré-braudeliano, nos textos de caráter metodológico de Lucien Febvre e Marc Bloch, assim como na Revista por

---

<sup>13</sup> No período de 1929-1939, 45,9% dos artigos publicados na revista dos *Annales* tratam da longa duração, contra porcentagens bem menores na *Revue historique* e *Revue d'histoire moderne et contemporaine*.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Op. Cit.p. 123.

<sup>14</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire, ou Métier d'historien*. 5ª ed. Paris : Armand Colin, 1964. (1ª ed. 1949).

eles publicada. Este primeiro capítulo servirá como base para compreendermos qual o papel dos pais fundadores dos *Annales* e da própria Revista para a renovação do tempo histórico realizada por Fernand Braudel.

Ainda neste capítulo buscaremos mostrar como outras ciências do homem tiveram uma importância central para a renovação do tempo histórico, seja ainda com Febvre e Bloch, seja depois, com Braudel. Também pretendemos mostrar, ainda que de modo latente, qual o contexto de modificações das ciências pelo qual o mundo e, em especial, a França, atravessa na primeira metade do século XX.

No segundo capítulo, faremos uma incursão pelas diferentes durações presentes na tese de Fernand Braudel *O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*, posto que esta obra é o principal trabalho onde a dialética da duração braudeliiana está aplicada. Neste capítulo, buscaremos integrar: 1) a continuidade/descontinuidade do tempo histórico segundo os fundadores dos *Annales* e o de Fernand Braudel; 2) como a dialética da duração aparece na obra e; 3) quais foram as principais críticas e a aceitação deste trabalho, em função da modificação da perspectiva temporal por parte dos historiadores.

No terceiro e último capítulo, trabalharemos mais diretamente em função da dialética da duração braudeliiana. Além de uma análise do artigo fundamental de Braudel sobre o tempo histórico “História e Ciências Sociais: a longa duração”, buscaremos iluminar a questão sobre as estruturas em Fernand Braudel, seu caráter singular e inovador, a partir do trabalho de Gilles Deleuze, que propõe um roteiro para a conceituação “dos estruturalismos”. Por fim, analisaremos as aproximações e, principalmente, as diferenças entre as estruturas temporais da história, com Fernand Braudel, e as da antropologia, com Claude Lévi-Strauss. Estas últimas discussões permitirão revelar os traços singulares do “estruturalismo temporal” e da dialética da duração de Fernand Braudel.

O objetivo de nossa pesquisa, portanto, é o de analisar as considerações sobre as durações contidas na metodologia dos fundadores dos *Annales* até, e incluindo, a obra de Fernand Braudel. Logo, buscaremos identificar, exclusivamente nos escritos de cunho metodológico de Lucien Febvre, Marc Bloch e Fernand Braudel (sobre este último, incluiremos nos textos a serem discutidos também sua tese sobre o mediterrâneo), nosso eixo de análise do tema, procurando definir a posição de cada um em relação ao tema das durações, suas proximidades e diferenças e identificar a forma como o programa de renovação metodológica de Febvre e Bloch incide sobre a nova grade do tempo histórico proposta por Braudel.

Devemos, contudo, insistir em um ponto: não almejamos, em absoluto, uma análise que vá além das considerações sobre o tempo histórico, nesta bibliografia tão grandiosa em volume e, fundamentalmente, representatividade. Procuraremos analisar nosso tema de forma sistemática e direcionada, para evitar que a pesquisa venha a enveredar-se por caminhos e variações temáticas que não correspondem com a proposta da pesquisa.



**Capítulo 1**

A renovação da temporalidade histórica nos primeiros *Annales*.

### 1.1. Orientações gerais sobre a modificação da temporalidade histórica nos primeiros *Annales*.

Neste capítulo buscaremos discutir as primeiras inovações relacionadas ao tempo histórico nos *Annales*. Focaremos nas figuras de Lucien Febvre e Marc Bloch, em seus escritos de cunho metodológico onde questões relacionadas, direta ou indiretamente, à temporalidade são discutidas. Procuraremos também reconstruir brevemente o contexto do lançamento da Revista e o papel exercido por outras ciências como a sociologia, economia e geografia no projeto da revista de história econômica e social dos *Annales*. Nosso foco não é a revista em si, mas, sim, a inovação da temporalidade da pesquisa histórica efetuada pelo grupo de historiadores reunidos em torno dela. Nosso principal objetivo é discutir a sistematização da nova temporalidade histórica feita por Fernand Braudel. Acreditamos, todavia, ser imprescindível partir de Lucien Febvre e Marc Bloch, posto que eles são os fundadores do grupo dos *Annales* e as principais influências do pensamento braudeliano. Passemos, portanto, à revista e ao pensamento metodológico de Febvre e Bloch.

Ao cabo da Primeira Guerra Mundial, Lucien Febvre pensa já uma revista de história econômica para ser dirigida pelo historiador belga Henri Pirenne. Este projeto foi adiado até 1928 quando, junto de Lucien Febvre, Marc Bloch o retoma ainda com a intenção de que Pirenne estivesse à frente de tal empreitada. Com a recusa de Pirenne, Febvre e Bloch passam a ser os editores da revista, que publica seu primeiro número em 15 de janeiro de 1929. A revista tinha então o nome de *Annales d'histoire économique et sociale*, nome que perdurou até 1939. Entre 1939 e 1942, e também no ano de 1945, devido a mudanças na própria orientação dos estudos da revista, esta se chamou *Annales d'histoire sociale*; entre 1942 e 1944, a revista levou o nome de *Mélanges d'histoire sociale* e de 1946 em diante, de certa forma, sintetizando os títulos anteriores, a revista passou a se chamar *Annales: économies, sociétés, civilisations*. Em 1994 a revista mudou seu nome para *Annales. Histoire, Sciences Sociales*, nome que perdura até hoje.

Este período, de cerca de dez anos, entre a idealização de uma revista de história econômica e, de fato, seu lançamento, tem razões políticas e sociais, devido à situação mundial do pós-guerra. Devemos considerar também a conjuntura econômica do período.

As oscilações econômicas da década de 20 são um ponto importante para o sucesso de uma revista de história econômica e social. Ainda assim, não podemos dizer que foi da crise de 1929 que a revista recebeu seu principal impulso, já que esta foi lançada nove meses antes da quebra da bolsa de *Wall Street*. Toda a sociedade na década de 20, no entanto, busca, inclusive na história, respostas para o momento econômico não só europeu, mas mundial. A

lógica econômica capitalista é colocada em xeque. As implicações econômico-sociais da crise são amplamente discutidas, principalmente os efeitos de recessão, desemprego e queda na produção industrial. Este deslocamento do objeto em discussão na sociedade – a saber, do domínio político-militar do pós-guerra para o domínio econômico – apresenta-se como terreno fértil para o lançamento da revista. Mesmo a atuação política do período passa a ser qualificada diante dos sucessos ou insucessos das medidas econômicas.

Também os aspectos sociais da década de 20, derivados muitas vezes da situação econômica, são essenciais para o desenvolvimento da revista. Os efeitos da primeira guerra mundial ainda estão bastante presentes em 1929, principalmente no domínio da história. Os relatos políticos, a história militar e episódica é alterada, posto que este tipo de história da guerra e dos fatos políticos não explica inteiramente os fatos traumáticos do período do qual o mundo vem lentamente se recuperando. A conjuntura do pós-guerra favorece uma história econômico-social onde a história das relações diplomáticas, das batalhas e atos políticos não responde mais totalmente aos anseios e questionamentos da sociedade. Também há um espírito pacifista entre os historiadores que procuram fazer da história menos relato de guerra e mais ferramenta de questionamento e fonte de respostas para a sociedade do período<sup>15</sup>.

A revista surge no momento de crise da consciência histórica quando as críticas à história metódica já estão bastante disseminadas. Há um desgaste deste tipo de história, causado principalmente pela investida das ciências sociais. As constantes críticas ao modelo metódico de história se dão, por parte dos *Annales*, pela necessidade de afirmar um novo modelo de história, afirmar uma “nova história”. As tentativas de renovação da disciplina histórica se multiplicam e os *Annales*, assumindo uma postura de história influenciada pelas ciências sociais detêm, logo de início, uma relativa importância no cenário de contestação à história metódica. É-nos essencial retomar, ainda que superficialmente, os passos iniciais da Revista dos *Annales* e dos pesquisadores que se agrupam em torno dela a fim de analisar, em seu programa inicial, indícios de modificação da relação dos historiadores com a temporalidade histórica.

Vale citar alguns dos pontos de renovação propostos por Febvre e Bloch no lançamento da revista<sup>16</sup>. O primeiro deles, e o mais importante em nossa pesquisa, é a forma como, já nos primeiros números da revista e nas obras de seus fundadores, nota-se uma modificação na perspectiva temporal das pesquisas apresentadas. A inclusão do estudo das

---

<sup>15</sup> DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Trad: Dulce Oliveira Amarantes dos Santos; Revisão Técnica: José Leonardo do Nascimento. Bauru: EDUSC, 2003. p. 36.

<sup>16</sup> Cf. REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. São Paulo : Paz e Terra, 2000. pp. 91-97.

permanências, dos aspectos duradouros difere bastante da história tradicional na qual o evento político é tratado quase como exclusivo objeto da história. A perspectiva da mudança continua sendo considerada, mas a inclusão no discurso do historiador do que muda somente muito lentamente, as estruturas mentais tão presentes na obra de Febvre, assim como as estruturas sociais e econômicas da obra de Bloch, abrem uma nova possibilidade para a disciplina histórica de expandir o leque de objetos de estudo, além de aproximar a história das ciências sociais e, desta forma, atualizar seus métodos de análise e possibilitar buscar permanências e mudanças reconhecidas somente na longa duração aos moldes das ciências sociais.

A ênfase nos aspectos econômicos e sociais é de suma importância para a caracterização da nova revista. A mudança de foco do político para o social e econômico abrem as portas para o estudo das estruturas, das permanências, assim como dos ciclos e tendências seculares, principalmente no que diz respeito à economia. A mudança nos objetos privilegiados carrega consigo uma mudança na perspectiva temporal das análises. A lentidão da mudança do social, assim como sua amplitude, buscando investigar as práticas humanas em todas as suas instâncias, em comparação com o político, assim como a inclusão das várias durações conhecidas dos economistas na disciplina histórica provoca uma alteração significativa na temporalidade da história dos *Annales*, logo no início da publicação da revista.

Portanto, em linhas gerais, o programa dos fundadores dos *Annales* buscava: praticar uma interdisciplinaridade, alianças com disciplinas vizinhas para desta forma diminuir o isolamento disciplinar das ciências humanas; afirmar novas áreas de interesse para seus estudos, com ênfase principalmente nos aspectos econômicos e sociais; diminuir a importância atribuída à história política, narrativa e acontecimental, para buscar um fundo estrutural da história recusando a história tradicional num esforço para a construção de uma nova história; produzir uma história total, sem determinismos explicativos e reducionismos. Todas estas orientações da pesquisa histórica afirmadas pelos *Annales* partem da nova concepção de tempo histórico.

Foram nos anos de 1920 a 1933 que Febvre e Bloch se encontraram diariamente na universidade de Estrasburgo. A amizade e a identificação das perspectivas de trabalho de Febvre e Bloch figuram mesmo como um dos principais motivos do sucesso da empreitada de uma revista da qual dividiam a direção. A identificação teórico-metodológica e pessoal dos fundadores da revista animou o trabalho conjunto e o projeto maior de renovação do

conhecimento histórico. É na revista dos *Annales* onde principalmente se dá o combate às disposições da história do fim do século XIX.

Febvre e Bloch já são intelectuais reconhecidos na França da década de trinta. O sucesso da revista desde seu lançamento se deve também a este reconhecimento. Ainda assim, os *Annales* foram considerados marginais ao *establishment* historiográfico no seu início. O trabalho de Febvre e Bloch na revista não se dava unicamente como o de diretores: ao contrário, o conteúdo essencial da revista dos *Annales* na década de trinta e primeira metade da década de quarenta são os escritos, resenhas, artigos, notas etc., de Febvre e Bloch. Os diretores da revista assinam neste período uma quantidade significativa de textos publicados.

Vale ressaltar que os pontos de renovação da disciplina histórica propostos pelos *Annales* são essencialmente metodológicos: apesar da inexistência de uma teoria, como corpo fixo de interpretação, mesmo porque este é um dos alvos do ataque dos *Annales* a um tipo de história que não é a deles, Febvre e Bloch se preocuparam constantemente em propor e aplicar novas direções do método de investigação. Há em seus trabalhos, principalmente nas resenhas publicadas na revista dos *Annales*, uma constante preocupação epistemológica. É a partir da análise do discurso histórico, que buscam renovar, que Febvre e Bloch baseiam suas críticas. Apesar de constantemente recusar teorias dogmáticas sobre o conhecimento histórico, os *Annales* participam também, e talvez, principalmente, da renovação da história por meio da apresentação de novos métodos interpretativos. A própria interdisciplinaridade que caracteriza os *Annales* pressupõe uma constante troca metodológica de experiências científicas, formas de análise e explicação. Esta preocupação teórico-metodológica por parte dos *Annales* foi bem exposta como forma de questionamento por Ulisses T. Guariba Neto:

O programa dos “*Annales*” de intercâmbio de experiências teóricas, que se propõem a objetivar a ação do homem na história, não responde à necessidade de renovação da prática científica? Não é todo um programa de epistemologia das ciências do homem que é posto em ação?<sup>17</sup>

Ainda, segundo Guariba Neto, “os “*Annales*” são escola de método, sem dúvida “<sup>18</sup>.

Para efetuar esta renovação metodológica da história, os *Annales* se aliaram a disciplinas vizinhas, das quais vale citar as três principais. Seguiremos, todavia, somente os

<sup>17</sup> GUARIBA NETO, Ulysses T. *Leitura da obra de Lucien Febvre e Marc Bloch nos Annales: Introdução a análise do conhecimento histórico*. 299 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, s.d. p. 201.

<sup>18</sup> Id. Ibid. p. 202.

pontos nos quais estas disciplinas contribuíram para a formulação de um novo conceito de tempo histórico.

1.2. As influências das Ciências Sociais, Geografia e da *Revue de Synthèse Historique* na nova temporalidade dos *Annales*.

O projeto dos *Annales* sofreu, portanto, basicamente três grandes impulsos externos à própria disciplina histórica: de um lado, a escola sociológica durkheimiana; de outro, a geografia humana, principalmente de Vidal de La Blache e, finalmente, da revista lançada por Henri Berr *Revue de Synthèse Historique*. Citaremos rapidamente quais as implicações destas influências para a modificação da temporalidade histórica pelos *Annales*.

A mutação das ciências sociais que se dá no fim do século XIX e início do século XX figura como ponto essencial para o desenvolvimento das perspectivas dos *Annales*. A sociologia durkheimiana apresenta uma forte oposição à história metódica de então, e busca articular, sob seu comando, as outras ciências do homem. Busca fazer da história uma mera ferramenta que organiza materiais para serem analisados pela nova disciplina, considerada por eles a única capaz de analisar a sociedade e dar respostas aos questionamentos que se colocam nesse momento, caracterizado pela mutação das ciências em todos os planos. Esta investida das ciências sociais foi, a princípio, motivo de crise da disciplina histórica, mas com os *Annales*, passa a ser fator de renovação da disciplina, posto que os *Annales*, de certa forma, absorvem este discurso e fazem dele meio de renovação da disciplina, como haveremos de explicitar na seqüência.

Sobre a investida da ciência social contra a história dita “positivista”, vale citar um trecho do artigo *Método histórico e ciência social*. François Simiand, o mais enérgico crítico do grupo durkheimiano à história mostra, vigorosamente, sua visão da história produzida no fim do século XIX:

O historiador tradicional tem as suas ambições. Ambiciona nos fornecer simplesmente uma representação do passado, sem teoria abstrata, sem ponto de vista tendencioso, sem elaboração dogmática, bem fundamentada sobre documentos pertinentes, realizada com crítica e fidelidade aos fatos. Estas ambições são ilusórias. Não há fotografia ou registro automático do passado, mas operação ativa do nosso espírito. Não há, na ciência, constatação que não seja escolha, observação que não pressuponha alguma idéia, alguma perspectiva. Não há reunião de fatos que não implique (conscientemente ou não) em uma certa hipótese construtiva, em uma pré-formação científica. O pensamento que concebe e a atenção que observa estão, no trabalho científico, em comércio estreito, atuando juntos, constituindo unidade. A investigação analítica segue *pari passu* a síntese construtiva da ciência e regula-se, constantemente, por ela, da mesma forma que a síntese se funda, também passo a passo, apoiando-se na análise. Os dois processos são inseparáveis. Por que razão o procedimento científico estaria excluído do conhecimento histórico? O historiador que evita fazer trabalho de ciência social, que se afasta da procura das relações científicas, das leis dos fenômenos, da constituição de tipos e de espécies de fatos crê, em vão, não estar entregando idéias pré-concebidas, nem plano prévio de organização da pesquisa. As

idéias e os planos estarão, sem dúvida, atuando no seu trabalho, inconscientemente talvez, com a diferença que, no lugar dos mais inovadores, serão incapazes de responder às exigências e aos desafios da ciência atual. Idéias e planos que, provenientes do fundo de idéias prontas, constituídos pela ciência de cinquenta ou cem anos atrás e absorvidos pela mentalidade social, parecerão “naturais” como se não tivessem sido concebidos pela inteligência humana. Assim, o trabalho que procede destas concepções regula-se pela ciência de ontem ou de anteontem, ao invés de se orientar pela ciência de hoje ou de amanhã. Avança, contraindo empréstimos, apressados e incoerentes, à fraseologia do dia, utilizando-se, sem crítica, de noções pseudocientíficas atualmente na moda, ou de construções arbitrárias subjetivas e fantasias.<sup>19</sup>

Febvre critica esta fundamentação científica da história metódica em um modelo científico já ultrapassado. Assumindo o discurso de Simiand, afirma que é tempo de renunciar as velhas orientações do trabalho científico em favor de novos modelos:

Tout au moins, n’y a-t-il pas lieu de renoncer, une bonne fois, à nous appuyer sur les « sciences » d’il y a cinquante ans pour étayer et justifier nos théories — puisque les sciences d’il y a cinquante ans ne sont plus que des souvenirs et des fantômes? Voilà toute la question. Y répondre, ce serait résoudre la crise de l’histoire. Et s’il est vrai que les sciences sont toutes solidaires — la réponse est connue d’avance. Inutile de la professer solennellement.<sup>20</sup>

Simiand funda suas críticas a partir das principais características da história metódica, características as quais intitulará “ídolos da tribo dos historiadores”: o “ídolo político”, o “ídolo individual” e o “ídolo cronológico”<sup>21</sup>. A primazia da história política, dos grandes nomes da história e da busca pelas origens são justamente os focos da pesquisa histórica do período. Sobre o ídolo político, Simiand critica a exagerada ênfase dada a este aspecto da história que, episódico, segundo ele, dificulta “o estabelecimento de regularidades e de leis”. O ídolo individual é a crítica à centralidade dos indivíduos nas pesquisas históricas que, dessa forma, relegam ao segundo plano o estudo de temas mais amplos como as instituições, a economia, agricultura, entre outros e o ídolo cronológico é uma crítica a busca das origens por parte dos historiadores que muitas vezes acabam por se perder em particularidades.

<sup>19</sup> SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Trad. José Leonardo do Nascimento. Bauru : EDUSC, 2003. pp. 99-100.

<sup>20</sup> FEBVRE, Lucien. “Vivre l’histoire. Propos d’initiation”. In: *Combats pour l’histoire*. Paris : Librairie Amand Colin, 1992. (primeira edição de 1952). p. 29.

“Não será, pelo menos, tempo de renunciar de uma vez por todas, a apoiar-nos nas “ciências” de há 50 anos para escorar e justificar as nossas teorias – uma vez que as ciências de há 50 anos não são mais do que recordações ou fantasmas? Essa a pergunta. Responder-lhe, seria resolver a crise da história. E se é verdade que as ciências são todas solidárias – a resposta é conhecida de antemão. Inútil professá-la solenemente.”

FEBVRE, L. “Viver a história”. In: *Combates pela história*. 3ª edição. Lisboa : Presença, 1977. p. 39.

<sup>21</sup> SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Trad. José Leonardo do Nascimento. Bauru : EDUSC, 2003. pp. 109-116.



Os *Annales* creditam como válidas as críticas de Simiand a respeito da história como era produzida no início do século XX e, de certa forma, assumem algumas direções metodológicas vindas da sociologia, sobretudo do núcleo durkheimiano. Sobre o papel das ciências sociais na modificação do tempo histórico, vale discorrer brevemente sobre como a união entre a sociologia e história produziu um “terceiro tempo histórico”. Buscaremos por um momento nos basear na hipótese sobre o tempo histórico dos *Annales* desenvolvida por José Carlos Reis<sup>22</sup>.

O que caracteriza a Nova História é a sua posição de deixar-se influenciar pelas ciências sociais e seus métodos. Esta influência traz diversas implicações para a disciplina histórica. Entretanto, seguindo nossa proposta de pesquisa, nos focaremos no modo como esta influência das ciências sociais significou uma mudança na forma como os historiadores trabalham as temporalidades históricas.

Para José Carlos Reis, a união da história com as ciências sociais produziu uma terceira mudança substancial do tempo histórico. A primeira se produziu na esfera da religião, quando, ao romper com o mito, o tempo histórico passa a ser orientado para o futuro, para um fim histórico. Nesta perspectiva teleológica, os eventos têm lugar dentro de uma linearidade temporal, de sentido único, em direção a um fim, a salvação. Esta concepção de tempo valoriza a história e sua irreversibilidade, dá importância aos eventos como localizados nesta perspectiva teleológica, caracterizada por sua abertura e espera do futuro, do Juízo. É dessa forma que o tempo histórico sofre a primeira mudança, exemplificada pela substituição do tempo cíclico do mito pela salvação futura.

A segunda mudança na orientação do tempo histórico se dá pela filosofia do século XVIII, ao romper com a religião. O futuro deixa de ser orientado por uma escatologia e passa a ser produzido pelo homem. Dá-se assim a busca por um fim diferente do da religião, de uma sociedade moral e racional, onde o homem é produtor da história e que busca, com a idéia de progresso, este futuro no qual triunfa a Razão enquanto princípio. Esta perspectiva temporal da história caracteriza-se pela atribuição do futuro à ação humana; é de fato histórico e se opõe ao futuro divino.

Temos, portanto, neste movimento iniciado pela religião, e posteriormente pela filosofia, uma mudança significativa em relação ao futuro: de um fim escatológico para uma filosofia da história. Diferenciam-se, basicamente, pela exterioridade da orientação temporal da religião: a história se produz por um exterior divino, enquanto a filosofia afirma a

---

<sup>22</sup> REIS, J. C. *Nouvelle Histoire e Tempo Histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.

produção da história a partir do homem. Nos séculos XIX e XX as ciências sociais rompem com a religião e com a filosofia para atribuir uma nova orientação temporal à história e é aí que os *Annales* vão buscar elementos para produzir a renovação da temporalidade histórica.

Este tempo histórico das ciências sociais se caracteriza pela inclusão no movimento histórico da permanência, das estruturas, dos movimentos e mudanças de longa duração, da repetição, constâncias e repousos. A modernidade e o tempo histórico da filosofia do século XVIII propiciaram uma grande aceleração na produção de eventos, que se acreditava serem reflexos da realização de um progresso de sentido conhecido, em direção à razão. As ciências sociais alertaram então para o fato de que os eventos não se ordenam e nem são passíveis de controle tal qual se considerava no século XVIII. É preciso antes conhecer as resistências da história, suas estruturas, antes de transformá-la em meio no qual os eventos são necessariamente encadeados na direção de um fim já conhecido; é negar, de certa forma, uma filosofia da história.

Este terceiro tempo histórico, posterior à religião e à filosofia, passa a fazer parte do discurso dos sociólogos na segunda metade do século XIX. Já para os historiadores, este tempo histórico começa a aparecer somente no início do século XX, já que a história tradicional estava até então ainda ligada às filosofias da história, considerando o tempo como linear, contínuo e progressivo.

É deste terceiro tempo da história, portanto, que os *Annales* vão se alimentar para produzir seu conceito de tempo histórico. Assim como nas ciências sociais, este tempo se caracteriza pela desaceleração na produção de eventos e dá ênfase aos aspectos duradouros, coletivos, que se repetem e são, ao menos parcialmente, resistentes à mudança. É desta forma que a Nova História se alia às ciências sociais e redimensiona a temporalidade histórica.

Esta nova orientação temporal da pesquisa histórica favoreceu uma mudança significativa nos objetos de análise do historiador. Passando a considerar às permanências, o historiador desloca o olhar dos objetos tradicionais da história para outros nos quais o papel do que resiste, do que muda somente a longo termo, se destacam. Passa a ser dada uma importância maior aos aspectos mais resistentes da história como os econômicos, sociais e mentais em detrimento da política, das biografias, etc. Nos campos econômico, social e mental o tempo histórico aparece de forma menos acelerada: a especificidade histórica da mudança continua presente, no entanto, de forma menos convulsiva, menos rápida que no campo político-biográfico, do tempo individual, dos eventos. Este tempo mais lento favorece a pesquisa quantificada e problematizante. A repetição também é característica deste novo

tempo histórico, possibilitando a comparação como modelo científico, diferente do modelo positivista.

Neste novo modelo temporal, a história não é mais narrativa de indivíduos e eventos. Ao focar os aspectos econômicos, sociais e mentais, a história passa a buscar movimentos de longa duração, que se repetem e estão instalados no âmbito coletivo, de certa forma, diminuindo a importância da ação livre dos indivíduos.

Para José Carlos Reis, a história produzida pelos *Annales* só pode se considerar nova por ter empreendido uma nova concepção de tempo histórico, desde o início, com Febvre e Bloch. A realização deste novo conceito se dará mais adiante com Fernand Braudel. Isto, contudo, não indica uma unidade entre os membros do grupo dos *Annales* quanto ao conceito de tempo. Existem diferenças significativas, que haveremos de explicitar na seqüência, entre as pesquisas de cada um dos autores. O que os une, no entanto, é um impulso comum no sentido da produção de uma história dentro de um quadro de longa duração, numa tentativa de superar a história acontecimental dos eventos em favor de uma história que prioriza as constâncias e regularidades, estruturas sociais e econômicas onde a especificidade histórica da mudança somente se apresenta a partir do estudo de períodos longos.

Os *Annales* introduzem na história, portanto, a possibilidade de analisar a repetição e a permanência, quadros estáveis e de mudança em longo prazo. Os novos objetos dos historiadores favorecem este tipo de enfoque da história. Ao importar o conceito de “estrutura social” das ciências sociais, ainda que modificado, os *Annales* formulam o conceito de longa duração e desta forma produzem uma significativa modificação epistemológica. O conhecimento histórico, antes dedicado exclusivamente à irreversibilidade da mudança, passa a comportar também o estudo das constâncias e regularidades, do homogêneo e quantitativo. Esta mudança na orientação da pesquisa, no entanto, não é total: se há uma aproximação da sociologia, das estruturas e permanências, as mudanças qualitativas, a sucessão não desaparece da pesquisa histórica. Há, neste momento, um aumento na possibilidade de temporalização da pesquisa e não uma guinada total em direção de uma história estrutural.

Além da aproximação das ciências sociais, o contato com a geografia exerce um papel muito importante nesta fase posto que se cria uma geo-história, uma busca da relação entre os homens e o ambiente. Deste contato também temos como resultado, além de uma aproximação interdisciplinar, mais uma forma de expandir ainda mais a temporalidade, já que o tempo da geografia, da transformação e adaptação do homem à natureza é também de muita longa duração. As introduções geográficas incluídas nas monografias regionais que

caracterizam esta primeira fase dos *Annales*, assim como a história rural assume, desta forma, um papel decisivo na renovação da compreensão do tempo histórico.

A geografia humana da qual os *Annales* se aproximam estava principalmente representada pela revista *Annales de Géographie* e em torno da figura de Vidal de La Blache. Segundo José Carlos Reis<sup>23</sup>, esta geografia humana produz um tipo de conhecimento muito próximo do que vai ser produzido pelos *Annales*: alia-se às ciências sociais, dá ênfase à economia e às sociedades e recortam seu objeto segundo um espaço. O foco de suas pesquisas são os grupos humanos, as coletividades em sua relação com o meio, desta forma privilegiando durações mais longas. A inspiração que vem dos geógrafos para a pesquisa de estruturas lentamente móveis é de primordial importância para o grupo dos *Annales*. Vale também citar que através desta aproximação da história e da geografia o espaço, além do tempo, passa a ter um papel muito importante para os historiadores que inclusive passam a definir seus objetos de análise por um espaço e não mais por fatos e acontecimentos. As monografias regionais devem muito a esta aproximação da história e geografia na primeira fase dos *Annales*.

Um terceiro ponto de importância destacada para a renovação do tempo histórico dos *Annales* é a *Revue de Synthèse Historique*. Henri Berr é um pesquisador de extrema importância na fundação dos *Annales*. Em torno da revista lançada por ele em 1900, que Lucien Febvre e, posteriormente Marc Bloch, tiveram contato com alguns dos principais intelectuais envolvidos na fundação da revista dos *Annales*. Em torno da *Revue de Synthèse Historique* que, tal qual foi também realizado nos *Annales*, profissionais de várias áreas do conhecimento como historiadores, sociólogos, economistas, antropólogos, geógrafos, filósofos etc., se reuniram. Nomes como os de Paul Lacombe, Henri Hauser, François Simiand, Paul Mantoux e Lucien Febvre, que desempenhou papel de destaque neste grupo, contribuíram para o desenvolvimento da revista dos *Annales* que ainda era, no período, somente uma idéia de Febvre. A similitude das propostas da *Revue de Synthèse Historique* e dos *Annales* é evidente: renovar a disciplina histórica, negando o seu caráter factual e exclusivamente político em favor de uma história conjunta dos diversos ramos nos quais a disciplina estava dividida, uma história mais ampla e aberta às novas fontes e métodos, principalmente das ciências sociais.

Havia, contudo, uma diferença crucial entre a *Revue de Synthèse Historique* e o projeto dos *Annales*: enquanto a primeira se preocupava em apontar o problema da

---

<sup>23</sup> Cf. REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. Op. Cit. p. 61.

compartimentação dos ramos da história, denunciar as falhas da disciplina tal qual era produzida então, por meio de uma discussão teórica acerca destas questões, já que “Henri Berr é filósofo, preocupado com a teoria do conhecimento histórico”<sup>24</sup>; a segunda, apesar de prezar muito o aspecto combativo da revista de Henri Berr percorria, desde o momento em que era ainda um projeto a ser desenvolvido, um caminho diferente: ao invés de buscar uma discussão teórico-filosófica sobre a história, pretendia executar uma modificação de fato pelo exemplo, pela prática, e menos pela discussão teórica, como podemos notar na passagem do editorial do primeiro número da revista, onde os diretores escrevem sobre o seu conteúdo: “Non pas à coup d’articles de méthode, de dissertations théoriques. Par l’exemple e par le fait”<sup>25</sup>. Este empenho na produção de uma “nova história” pela prática, por exemplos extraídos do exercício de historiador seguiu a revista não só em seus primeiros anos, mas ao longo de toda a sua história. É a renovação por meio de pesquisas concretas que caracteriza a revista de Febvre e Bloch. A falta de uma discussão maior sobre a teoria da proposta de nova história da revista foi, inclusive, muitas vezes alvo de crítica.

\*\*\*

Dentro deste quadro de mutações das ciências do fim do século XIX e início do XX, entre a investida das ciências sociais e a crítica ao modelo positivista de história, vale lembrar, ainda que superficialmente, da mudança na idéia de tempo da física, a passagem da idéia de tempo da teoria newtoniana para a relatividade de Einstein, e como esta passagem influenciou a história e as outras ciências do homem. Em 1915, a teoria geral da relatividade de Einstein produziu uma verdadeira revolução científica que refletiu, dessa forma, inclusive na disciplina histórica. Das inovações das ciências da natureza, Bloch e Febvre buscam implicações para a história.

Marc Bloch fala da mudança na “atmosfera mental” neste período, e mostra como as idéias sobre as ciências, as noções do que é científico se modificam substancialmente a partir dos exemplos da física: “Au certain, elles ont substitué, sur beaucoup de points, l’infiniment probable; au rigoureusement mesurable, la notion de l’éternelle relativité de la mesure”<sup>26</sup>. Tem-se na nova física e em seu conceito de relatividade um verdadeiro choque nas perspectivas deterministas, inclusive na história. Febvre fala longamente desta mutação das

<sup>24</sup> REIS, José Carlos. *Escola dos Annales* – a inovação em história. *Op. Cit.* p. 56.

<sup>25</sup> ANNALES D’HISTOIRE ÉCONOMIQUE ET SOCIALE. Paris : Librairie Armand Colin, T. 1, N°1, 1929. p. 1.

<sup>26</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Paris : Librairie Armand Colin, 1964. p. XVI. “Com certeza, substituíram, em muitos pontos, o infinitamente provável, o rigorosamente mensurável pela noção da eterna relatividade da medida”.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Prefácio : Jacques Le Goff. Apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarcz. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2001. p. 49.

ciências e indica que assim como a biologia, a física tem importante papel nesta renovação do espírito científico:

Et les vides dont ils étaient tissés nous habitaient, eux aussi, dans le domaine de la biologie, à cette notion du discontinu qui, d'autre part, s'introduisait dans la physique avec la théorie des quanta: décuplant les ravages déjà causés, dans nos conceptions scientifiques, par la théorie de la relativité, elle semblait remettre en question la notion traditionnelle, l'idée ancienne de causalité — et donc, d'un seul coup, la théorie du déterminisme, ce fondement incontesté de toute science positive — ce pilier inébranlable de la vieille histoire classique.<sup>27</sup>

Este ponto incide diretamente sobre a modificação na noção de tempo histórico, que passa a ser relativizado, “esticado” para durações mais longas do que as utilizadas pela escola metódica e caracterizado pela duração dos fenômenos segundo a observação, por parte do historiador, de sua extensão, com durações que variam entre as curtas e as de longo prazo e não mais como simplesmente apresentadas episodicamente pela documentação “oficial”. Vale citar que a menção que fazemos aqui à temporalidade das ciências físicas justifica-se por denunciar como no início do século XX a mudança que se opera na mentalidade científica busca criticar todos os modelos deterministas da ciência, inclusive o positivismo e conseqüentemente a temporalidade deste modelo aplicado à história.

É nesse momento das ciências do fim do século XIX e início do século XX que surge, a princípio, como alternativa, e posteriormente, como modelo dominante, a revista dos *Annales* e é ao redor dela que um contingente de pesquisadores vai se unir para promover uma substancial mudança no pensamento histórico, assim como de um campo maior das ciências humanas do período.

---

<sup>27</sup> FEBVRE, Lucien. “Vivre l’histoire. Propos d’initiation”. In: *Combats pour l’histoire. Op. Cit.* p.28.

“E os vazios de que eram compostos habituavam-nos também, no domínio da biologia, a essa noção de descontínuo que, por outro lado, se introduzia na física com a teoria dos *quanta*: decuplicando os estragos já causados nas nossas concepções científicas pela teoria da relatividade, parecia repor em questão a noção tradicional, a idéia antiga da causalidade – e portanto, de um só golpe, a teoria do determinismo, esse fundamento incontestado de toda a ciência positiva, esse pilar inabalável da velha história clássica.”

FEBVRE, L. “Viver a história”. In: *Combates pela história. Op. Cit.* p. 37.

### 1.3. O alvo das críticas: o modelo temporal dos historiadores “positivistas”.

Esta mudança na orientação temporal da pesquisa histórica produzida pelos *Annales* só pode se considerar nova quando comparada à temporalidade das pesquisas da historiografia do fim do século XIX e início do XX. A história como era produzida neste período criou uma “escola” historiográfica, que autores como François Dosse e José Carlos Reis chamam de “escola metódica”, pois consideram imprópria a forma como estes historiadores se auto-intitularam de “positivistas”, já que o modelo de ciência positiva almejado por estes historiadores não se relaciona de perto com o positivismo de Auguste Comte. Por vezes, este tipo de história é também chamado de “história tradicional”, em oposição à Nova História, como é conhecido o modelo de história dos *Annales*. Vale relacionar brevemente o modelo temporal desta “escola” historiográfica para demonstrar porque os *Annales* podem se considerar produtores de uma Nova História, fundada num outro modelo temporal da pesquisa histórica.

Segundo Hélio Rebello Cardoso Jr.:

A culminância de uma historiografia positivista produz-se a partir de duas tradições distintas: uma derivada da filosofia do romantismo alemão, particularmente em seu aspecto historicista, e outra proveniente do Positivismo propriamente dito.<sup>28</sup>

Da filosofia alemã, a historiografia positivista resgata o papel central atribuído aos grandes personagens que são os exemplos do “espírito de um povo”. O principal nome desta historiografia é Leopold von Ranke que foca suas pesquisas na documentação diplomática e política, pois estas revelam os eventos num estado mais original. Seu intento, tal como foi assimilado pela historiografia francesa “positivista” era de “mostrar puramente e simplesmente como as coisas se verificaram”.

Por outro lado, o papel do Positivismo para a historiografia “positivista” foi o de almejar um caráter científico para a disciplina histórica por meio de uma neutralidade do historiador diante dos fatos. A historiografia “positivista” não cumpre o programa Positivista na medida em que busca, ainda que de forma diferente da sociologia, uma possível síntese dos fatos singulares observados no tempo. Há um esforço entre estes historiadores no sentido de mostrar a ligação necessária dos fatos históricos, ainda que isso não implique que os historiadores “positivistas” buscavam formular leis sociais para a história.

---

<sup>28</sup> CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Tramas de Clio*; convivência entre filosofia e história. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 2001. p. 169.

Na França, Ernest Lavisse era muito conhecido por sua atuação política e por seu trabalho como pedagogo. É também um dos principais nomes da disciplina histórica do final do século XIX, mas foi com a obra de Charles Signobos e Charles-Victor Langlois *Introduction aux études historiques*<sup>29</sup> que a história metódica teve seu maior alcance, já que esta obra tornou-se manual quase obrigatório entre os estudantes de história da época.

A história metódica, ou como intitularam estes historiadores, história positivista, se baseia num total empirismo da pesquisa, considerando científico seu método de observação e descrição dos acontecimentos. A crítica positivista busca, a princípio, assegurar a autenticidade dos documentos para, em seguida, apresentar seu conteúdo e sintetizar, numa seqüência aparentemente lógica, os fatos que se desenrolam no tempo. Desta forma os positivistas buscam encontrar o fato histórico na sua forma pura, tal como apresentado pela documentação, sem a interferência de juízos ou opiniões por parte do pesquisador. A história neste molde deve majoritariamente basear-se na documentação escrita, só se produzir a partir dela e manter-se fiel ao conteúdo apresentado pelos documentos.

Este método de pesquisa histórica acaba por privilegiar o particular, o singular e as durações curtas dos fatos tal como são apresentados pela documentação, em sua maioria produzida pelo Estado. A história metódica assimila a história à escrita e desta forma restringe muito o leque de possibilidades de pesquisa. A descrição factual, a história relato será um dos pontos mais incisivos da crítica dos sociólogos e dos *Annales* à história metódica. Qualquer tipo de regularidade, de repetições observadas no decorrer da história são sistematicamente excluídas do discurso do historiador metódico que se preocupa exclusivamente com o não repetível, o singular, grandes acontecimentos e grandes nomes da história política.

Este tipo de história tende a atribuir maior importância ao político em detrimento de outras esferas do conhecimento histórico. O Estado é o centro das observações no século XIX. A nação recebe atenção especial no contexto de toda a Europa. A história é um dos objetos privilegiados para propagar o nacionalismo francês e reunir, em torno da pátria, toda a nação. A história positivista do período serve muito bem a este propósito, com sua ênfase no fato político-militar nacional. O discurso do historiador é o discurso sobre o poder e o caráter unificador do Estado. As biografias de grandes políticos são um dos principais pilares da produção desses historiadores. A revista *Revue historique* é o principal periódico que representa, no fim do século XIX e início do XX, a história metódica. Fundada em 1876 por

---

<sup>29</sup> LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Paris : Hachette, 1898.



Gabriel Monod, era em torno desta revista que as principais produções ligadas à história político-militar francesa eram produzidas.

O modelo temporal da escola metódica era, portanto, fundado no evento singular e na curta duração, caracterizado pela singularidade dos fatos históricos e sua temporalidade bem definida pela exclusividade e irreversibilidade do evento ou personagem. Este modelo temporal fechado no evento, em geral político ou militar, é o principal alvo das críticas dos *Annales* e da sociologia do início do século à escola metódica. Em comparação com este modelo temporal, podemos dizer que os *Annales*, de fato, produziram um novo conceito de temporalidade histórica.

#### 1.4. Lucien Febvre: renovação metodológica da pesquisa histórica e sua implicação na nova temporalidade.

Começemos por Lucien Febvre e suas propostas de renovação da metodologia da pesquisa histórica. Dentre esta renovação metodológica destacaremos alguns pontos<sup>30</sup>: a “história problema”, a “construção” do fato histórico, a renovação das fontes históricas, a “história total” e a interdisciplinaridade.

Estes cinco pontos que discutiremos dizem respeito às inovações metodológicas do conhecimento histórico, em especial iniciativas de Febvre, e incidem direta ou indiretamente sobre a modificação da perspectiva temporal da pesquisa histórica. Focamos, em primeiro lugar, as propostas de Febvre, porque em Bloch buscaremos discutir mais longamente suas afirmações diretas sobre a modificação da temporalidade histórica. Bloch é o primeiro historiador dos *Annales* a abordar de frente a questão. No entanto, a “história problema”, a “construção” do fato histórico, a renovação das fontes históricas, a “história total” e a interdisciplinaridade estão, de fato, muito ligadas à renovação das perspectivas temporais do historiador. A “história problema” e a construção do fato histórico modificam a perspectiva temporal da pesquisa na medida em que não mais se utiliza as demarcações temporais da história tradicional. É a partir dos questionamentos do historiador que vão se definir a duração dos objetos pesquisados. Os outros pontos, que basicamente derivam da idéia de uma “história problema” colaboram para que o historiador modifique a forma de conceitualmente determinar os limites temporais da pesquisa.

A “história problema” é uma proposta dos *Annales* de definição dos objetos de pesquisa que se opõe à forma como a história tradicional encadeava os fatos de mudança na duração. Não se trata mais de buscar uma ligação entre fatos aparentemente dispersos em uma ordem lógica, com um sentido único, dispostos cronologicamente numa linha irreversível onde os diversos fatos históricos se encadeiam no mesmo sentido. Esta forma de narrar os acontecimentos tal qual foram produzidos, segundo o que apresenta a documentação, é substituída pela problematização dos temas. Não basta mais narrar o passado: é necessário questioná-lo, buscar respostas a questões colocadas pelo presente. “A “história-problema” vem se opor ao caráter narrativo da história tradicional”<sup>31</sup>.

Esta “história-problema” alerta para o fato de que narrar o passado tal qual se deu é uma empreita infrutífera. Ao contrário, o historiador passa a explicitar constantemente suas

<sup>30</sup> Cf. REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história. Op. Cit.* pp. 73-82.

<sup>31</sup> Id. *Ibid.* p. 73.

hipóteses de pesquisa, seus questionamentos à documentação e seus conceitos, com os quais busca responder a estas questões. Trata-se de uma escolha conceitual do que se busca na documentação e não mais de uma forma de narrar os fatos nela representados.

A pesquisa histórica, portanto, passa a ser guiada pelos problemas postos pelo historiador e é a partir deles que se busca definir a documentação, os fatos que se relacionam com a problemática. Feito este recorte, sempre a partir dos problemas anteriormente colocados, a pesquisa histórica que se segue são as respostas aos problemas postos de início, confirmando ou refutando hipóteses. Baseado na “história-problema”, o resultado da pesquisa se dá por uma construção teórica da problemática e não mais pela narração objetivista dos fatos apresentados pela documentação.

As implicações da “história-problema” na temporalidade histórica são bastante contundentes. O encadeamento necessário dos fatos numa linha cronológica perde o sentido já que os problemas colocados pelo historiador é que passam a definir a documentação utilizada na pesquisa, diferente da forma como a história tradicional tratava a documentação, segundo sua disposição cronológica.

Dessa forma, as respostas dadas às questões colocadas pelo historiador às fontes é que vão determinar a duração dos fenômenos. O tempo da história se modifica quando o passado é questionado a partir de problemas colocados pelo presente. Trata-se de uma constante reordenação, inclusive temporal, do passado, segundo as hipóteses do historiador. A “história-problema” renova assim as durações trabalhadas pelo historiador segundo os problemas colocados.

Um desdobramento da “história-problema” é a nova constituição do objeto de pesquisa que passa de mera narração do passado para construção do mesmo. O passado deixa de ser fato dado para passar a ser reconstruído com base no questionário do historiador. O historiador deixa de lado a ilusão da busca do fato em seu estado bruto tal qual apresentado pela documentação em favor de uma construção teórica, baseada nas questões do presente postas pelo historiador. Trata-se da negação por parte do historiador de cumprir a função de colecionador de fatos. Assim esta investigação do passado constrói, baseada no presente, os fatos aplicáveis às respostas e comprovação das hipóteses do historiador. Nas palavras de Febvre: “Élaborer un fait, c’est construire. Si l’on veut, c’est à une question fournir une réponse. Et s’il n’y a pas de question, il n’y a que du néant.”<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> FEBVRE, Lucien. “De 1892 à 1933. Examen de conscience d’une histoire et d’un historien.” In: *Combats pour l’histoire. Op. Cit.* p.07.

Outra inovação importante do discurso dos *Annales* é a ampliação do conceito de fonte histórica. A história tradicional, como já foi dito, ligava o conhecimento que poderia produzir aos textos que eram exclusividade como fontes. Excluindo a história antiga, que já fazia uso da arqueologia, e a pré-história – conceito equivocado segundo Febvre, já que produz conhecimento histórico tal qual uma história moderna ou contemporânea – a história não utilizava outros tipos de fontes além da documentação escrita, em geral documentação oficial, produzida pelo Estado. Com os *Annales*, outros tipos de vestígios da atividade humana passaram a ser considerados como fonte para a história: a própria arqueologia recebeu um impulso com os *Annales* assim como a literatura em geral, a iconografia, as estatísticas, os arquivos jurídicos, alfandegários e contábeis e até mesmo os cálculos, principalmente no que diz respeito à história econômica.

Este alargamento do material que passa a fazer parte das fontes do historiador proporciona não só avanços para a história antiga e medieval com a arqueologia, mas também uma melhor compreensão da sociedade e principalmente da cultura nos períodos moderno e contemporâneo, por meio da literatura e da iconografia. Febvre dá a dimensão da passagem de como a história tradicional fazia uso das fontes e como os *Annales* renovam o leque de possibilidades neste sentido:

[...] Et pas seulement ces documents d'archives en faveur de qui on crée un privilège — le privilège d'en tirer, comme disait cet autre, un nom, un lieu, une date ; une date, un nom, un lieu — tout le savoir positif, concluait-il, d'un historien insoucieux du réel. Mais un poème, un tableau, un drame : documents pour nous, témoins d'une histoire vivante et humaine, saturés de pensée et d'action en puissance...<sup>33</sup>

São consideradas também como possíveis fontes para a história, com os *Annales*, o material produzido por outras disciplinas como a estatística, a demografia, a lingüística e a psicologia. Essas disciplinas produzem um material muito rico para a “história nova” que,

---

“Elaborar um facto é construir. Se se quiser, é fornecer uma resposta a uma pergunta. E se não há pergunta, só há o nada.”

FEBVRE, Lucien. “De 1892 a 1933: Exame de consciência de uma história e de um historiador”. In: *Combates pela história. Op. Cit.* p. 20.

<sup>33</sup> FEBVRE, Lucien. “De 1892 à 1933. Examen de conscience d'une histoire et d'un historien.” In: *Combats pour l'histoire. Op. Cit.* p.12.

[...] “E não só os documentos de arquivos em cujo favor se cria um privilégio – o privilégio de daí tirar, como dizia o outro\*, um nome, um lugar, uma data; uma data, um nome, um lugar – todo o saber positivo, concluía ele, de um historiador indiferente ao real. Mas, também, um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de ação em potência...”

FEBVRE, Lucien. “De 1892 a 1933: Exame de consciência de uma história e de um historiador”. In: *Combates pela história. Op. Cit.* p. 24.

\* “O físico Boisse”.

como já vimos, interessa-se por objetos bastante distintos e variados em comparação com a história política tradicional.

Além da “história-problema”, do fato histórico como construção e do alargamento do leque de fontes históricas, vale citar um quarto ponto característico da história produzida pelos *Annales*: a “história total”.

Segundo José Carlos Reis<sup>34</sup>, a idéia de “história total ou global” dos *Annales* pode ter duas acepções diferentes. Uma de que todo o passado, em qualquer dimensão, tem o valor de fato histórico. Dessa forma, dependendo da questão colocada pelo historiador, os mais diversos aspectos do passado são passíveis de se tornarem objetos de análise. Tem-se, portanto, a idéia de que tudo é história, nada escapa ao ofício do historiador e todos os objetos que fazem parte da atuação dos homens são dignos de estudo. Esta proposta apresenta-se como um grande alargamento do campo histórico frente à história política tradicional. Além do político, entram em cena as dimensões econômica, social, cultural, religiosa, etc. Ainda, segundo Reis, os *Annales* falharam no projeto deste tipo de história total ao excluir de seus trabalhos o aspecto político.

Uma segunda interpretação desta “história total” dos *Annales* é a de buscar conhecer uma época em sua totalidade. Este tipo de “história total” pressupõe um princípio unificador que dê sentido às várias instâncias do real num mesmo período. As monografias regionais de certa forma partem deste princípio que pode, inclusive, parecer paradoxal em relação à “história-problema”, já que anulam questionamentos específicos em favor de uma busca do todo. A busca de conjuntos totais de história pode ser encontrada nas obras de ambos os fundadores dos *Annales*. Em sua obra *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle – la religion de Rabelais*<sup>35</sup>, Febvre busca um aspecto mental comum da época de Rabelais, na tentativa de afirmar ser intelectualmente impossível o ateísmo no século XVI. Bloch em sua obra *La société féodale*<sup>36</sup> busca abarcar toda uma sociedade, por sinal numa duração bem longa.

Não há, no entanto, uma interpretação definitiva do que se trata a “história total” dos *Annales*. As possibilidades anteriores aparecem conjuntamente nos textos dos fundadores. Mais tarde Fernand Braudel afirmará uma “história total” que se caracteriza pela dialética entre os três níveis temporais – longa duração, conjuntura e curta duração. Todas estas formas que podem se apresentar esta “história total” têm em comum a característica de produzir

<sup>34</sup> REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. Op. Cit. pp. 78-81.

<sup>35</sup> FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle – la religion de Rabelais*. Paris : A. Michel. 1962.

<sup>36</sup> BLOCH, Marc. *La société féodale*. Paris : Editions Albin Michel, 1982. (Primeira edição 1939,1940).

pesquisas muito extensas, com quantidades exaustivas de dados e informações, pesquisas de muito fôlego.

Um quinto ponto da renovação da história proposto pelos *Annales*, que de certa forma, sintetiza os itens anteriores, é a interdisciplinaridade. Da união da história com as ciências sociais temos o “espírito” dos *Annales*. Essa relação de trocas metodológicas, sempre tensas, já era buscada antes mesmo dos *Annales*, no projeto de Henri Berr e também de François Simiand. Esta interdisciplinaridade ainda não pressupõe, contudo, um método comum das ciências do homem: trata-se de uma troca de conceitos, técnicas e métodos entre as disciplinas, cada qual mantendo sua especificidade, e tendo em comum o objeto “homem social”, que na história é considerado na perspectiva das durações. Este ponto foi muito evidenciado nos escritos metodológicos de Febvre que buscava constantemente descaracterizar as compartimentações das ciências humanas. Segundo Febvre, é necessário:

Entre disciplines proches ou lointaines, négocier perpétuellement des alliances nouvelles; sur un même sujet concentrer en faisceau la lumière de plusieurs sciences hétérogènes: tâche primordiale, et de toutes celles qui s'imposent à une histoire impatiente des frontières et des cloisonnements, la plus pressante sans doute et la plus féconde.<sup>37</sup>

Da união da história com outras ciências do homem surgiram colaborações como: história econômica, geo-história, história antropológica, etc. A união e a colaboração entre as ciências do homem caracterizam o projeto dos *Annales* ao longo de sua história. Podemos encontrar em Febvre o grande manifesto contra a compartimentação das ciências humanas e a favor da interdisciplinaridade em uma carta de 1933, *Contre l'esprit de spécialité*<sup>38</sup>.

Febvre não discute diretamente as novas orientações temporais da história. No entanto, pode-se notar seu grande esforço em denunciar as falhas e insuficiências do conceito de tempo da história tradicional em seus escritos de cunho metodológico, em especial os reunidos em *Combates pela História*. Ao criticar o modelo temporal da história tradicional, Febvre questiona que, partindo-se de interrogações do presente, com a “história problema”, o passado também passa a se revelar como desvio e acaso, descontinuidade e ruptura, e não

<sup>37</sup> FEBVRE, Lucien. “De 1892 à 1933. Examen de conscience d'une histoire et d'un historien.” In: *Combats pour l'histoire. Op. Cit.* p. 14.

“Negociar perpetuamente novas alianças entre disciplinas próximas ou longínquas; concentrar em feixe sobre um mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas: tarefa primordial, e sem dúvida a mais premente e a mais fecunda das que se impõem a uma história impaciente com as fronteiras e as compartimentações.”

FEBVRE, L. “De 1892 a 1933: Exame de consciência de uma história e de um historiador”. In: *Combates pela história. Op. Cit.* p. 24.

<sup>38</sup> FEBVRE, Lucien. “Contre l'esprit de spécialité. Une Lettre de 1933”. In: *Combats pour l'histoire. Op. Cit.* pp. 103-105.

mais exclusivamente como uma cadeia de fatos que se sucedem necessariamente. Esta nova forma de considerar o tempo histórico como não-uniforme é, em parte, efeito das grandes transformações pelas quais a ciência atravessa na passagem do século XIX para o XX.

Febvre parte da idéia de que a função do historiador não é reconstituir e sim reconstruir o passado, quando afirma o fato histórico como construção, tendo como base que a pesquisa histórica deve partir de questionamentos e hipóteses para reconstruir, desta forma, o passado e não tentar reconstituí-lo, apresentar o que de fato se passou, com os eventos em seu estado puro. Assim, Febvre diferencia o tempo da experiência vivida, irrecuperável, do tempo da pesquisa histórica, que se caracteriza pela resposta aos questionamentos e confirmação ou refutação de hipóteses. A pesquisa histórica parte, portanto, do presente para conhecer o passado. Presente e passado dialogam na pesquisa histórica, mas guardam sua exclusividade no tempo vivido.

Uma obra essencial para compreendermos a temporalidade histórica em Lucien Febvre é *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle. La religion de Rabelais*. Esta obra é talvez o maior exemplar de uma “história problema” e segundo Peter Burke “é uma das obras históricas mais fecundas publicadas neste século”<sup>39</sup>.

*Le problème de l'incroyance au XVIe siècle* parte de um estranhamento de Febvre sobre uma hipótese de Abel Lefranc na qual o autor afirmava que Rabelais era de fato um ateu e buscava, por meio de seus escritos, executar fortes críticas ao cristianismo. Para Febvre, Lefranc cometeu não apenas um erro interpretativo como um anacronismo. Segundo Febvre:

Or, pour Abel Lefranc, point d'hésitation. Dès 1532, le père spirituel de Panurge était un ennemi du Christ, un athée militant. Lui [Rabelais], un adepte plus ou moins timoré de la Réforme? Allons donc!<sup>40</sup>

Febvre segue então na busca de refutar a hipótese de Lefranc, afirmando que Rabelais fazia críticas à Igreja da baixa Idade Média, mas não era um ateu militante como defendia Lefranc. A obra de Febvre, no entanto, não se resume a refutar as idéias de Lefranc: coloca então o problema da impossibilidade de haver um ateísmo racionalizado no século XVI. Passa ao estudo da mentalidade coletiva deste século, sob a questão da possibilidade ou não da

<sup>39</sup> BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. Tradução: Nilo Odalia. São Paulo : Fundação Editora da UNESP, 1997. p. 39.

<sup>40</sup> FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle: La religion de Rabelais*. *Op. Cit.* p. 15. “Ora, para Abel Lefranc, não há qualquer hesitação. Desde 1532, o pai espiritual de Panurgo era inimigo de Cristo, um ateu militante. Quem? Rabelais, um adepto mais ou menos tímido da Reforma? Ora, vamos!” MOTA, Carlos Guilherme. *L. Febvre : história*. Trad. Adalberto Marson, Paulo Salles Oliveira e Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo : Ática, 1978. p. 34. (Coleção: Grandes cientistas sociais ; 2.)

descrença no período. Esta obra é também considerada principal inspiradora das obras sobre mentalidades coletivas produzidas pelos *Annales* a partir da década de 60.

Vale notar que os pontos em que Febvre indica novas direções metodológicas para a pesquisa histórica, discutidos anteriormente, estão presentes nesta obra, a começar pela “história problema”: Febvre questiona se, de fato, é possível a descrença no século XVI e parte da hipótese de que o “instrumental intelectual” da época não permitia tal ateísmo racionalizado. Está também caracterizado um impulso para a história total, posto que Febvre fala sobre “os homens do século XVI” e sua religião como um princípio unificador da sociedade daquele século. Esta característica de história total da obra foi, inclusive, alvo de críticas<sup>41</sup>, pois ao falar dos “homens do século XVI”, Febvre deu pouca importância às diferenças de classe, gênero, entre outras particularidades dos “homens do século XVI”. O fato histórico como construção também está presente na obra, já que Febvre reconstrói este passado analisando os escritos de Rabelais e de outros autores do século XVI de forma crítica, não reproduzindo o passado nem intencionando reconstituí-lo como se deu, mas observando a documentação a partir de seus questionamentos. Por fim vale lembrar a interdisciplinaridade, já que a lingüística esteve presente ao longo de toda a obra e foi principalmente importante para revelar que o “instrumental intelectual” não comportava, ou mesmo ignorava certos conceitos, até mesmo o de “ateu”, que segundo Febvre possuía uma interpretação livre, bastante diferente da palavra contemporânea.

A ampliação do campo de investigação de Febvre que parte de Rabelais e expande sua pesquisa para toda uma mentalidade do século XVI é de extrema importância para a compreensão de seu papel na renovação da temporalidade histórica.

O que caracteriza a obra de Febvre é a tentativa de superação do evento, na figura de Rabelais, inserindo seu pensamento num campo mais amplo da mentalidade do século XVI. Febvre busca, desta forma, realizar uma pesquisa numa temporalidade mais longa. É, de fato, uma nova compreensão do tempo histórico. Febvre, em seus combates contra a temporalidade da história tradicional, propõe uma nova compreensão do evento psicológico, intelectual, no caso na figura de Rabelais e tenta superá-lo, ampliando seu pensamento para o campo mais amplo das mentalidades coletivas.

A pesquisa parte do evento intelectual, de Rabelais:

---

<sup>41</sup> Principalmente de FRAPPIER, J. “Sur Lucien Febvre et son interprétation psychologique du 16e siècle” *Mélanges Lebègue*. 1969. APUD BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia*. Op. Cit. p. 42.



La démarche s'imposait, que nous allons suivre: centrer l'enquête sur un homme, choisi non seulement parce qu'il demeure célèbre, mais parce que l'état des documents qui permettent de reconstituer sa pensée, parce que les déclarations que cette œuvre contient, parce que les significations mêmes de cette œuvre semblent la qualifier spécialement pour une pareille étude. Cet homme: François Rabelais.<sup>42</sup>

Mas a pesquisa não termina aí e é então que o papel da nova temporalidade histórica, que busca superar o evento, se impõe: “mais c'est toute la conception du XVI<sup>e</sup> siècle humaniste qui se trouve remise en cause. D'un mot, c'est tout un siècle à repenser”.<sup>43</sup>

Febvre busca na figura de Rabelais, em sua obra uma “lupa” que permite conhecer o século XVI. Febvre o vê como um homem que é o exemplo de seu século, um representante da mentalidade de então: “D'un mot, pourquoi Rabelais: Parce que toute étude attentive du roman et de la pensée rabelaisienne met en cause, par delà l'œuvre même, l'évolution totale du siècle qui le vit naître. Qui le fit naître.”<sup>44</sup>

Portanto, em *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle. La religion de Rabelais*, Febvre busca analisar a mentalidade coletiva de um período, mas parte de um personagem para tanto. Sua posição quanto à temporalidade histórica ainda é a de que parte do evento, em seu caso intelectual, para inseri-lo na estrutura de pensamento de uma época. O grande evento intelectual, o mais exemplar produto de uma época não é apenas um evento entre outros, ele é parte e tem papel central numa estrutura mental maior, que engloba todo o pensamento do século. É através da obra de um grande “espírito” de uma época que se revela seus caracteres mais importantes.

Febvre mais aplicou que teorizou estes movimentos da passagem do evento à longa duração. Seu tempo histórico ainda conserva o evento como ponto de partida da pesquisa, antes da busca pela mentalidade coletiva. Nesse ponto, Febvre e Bloch se diferenciam, já que o segundo, sob maior influência da sociologia, parte já das estruturas em suas pesquisas. De qualquer forma, o tempo histórico de Febvre já se diferencia substancialmente da

<sup>42</sup> FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais. Op. Cit.* p. 11.

“Impunha-se traçar o procedimento que ora vamos seguir: centralizar a investigação sobre um homem, escolhido não somente porque se tornou célebre, mas porque o estado dos documentos que permitem reconstituir seu pensamento, as declarações que esta obra contém e as próprias significações desta obra parecem qualificá-lo de forma especial a um estado dessa natureza. Este homem: François Rabelais.”

MOTA, Carlos Guilherme. *L. Febvre : história. Op. Cit.* p. 31.

<sup>43</sup> FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais. Op. Cit.* p. 11.

“Entretanto, é toda a concepção do século XVI humanista que se acha em questão. Numa palavra, é todo um século para se repensar.”

MOTA, Carlos Guilherme. *L. Febvre : história. Op. Cit.* p. 31.

<sup>44</sup> FEBVRE, Lucien. *Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle: La religion de Rabelais. Op. Cit.* p. 13.

“Em suma, por que Rabelais? Porque qualquer estudo atento do romance e do pensamento rabelaisiano põe em causa, além da obra em si, a evolução total do século que o viu nascer. Que o fez nascer.”

MOTA, Carlos Guilherme. *L. Febvre : história. Op. Cit.* p. 32.

temporalidade histórica da história tradicional, focando estruturas de longa duração após partir do evento.

### 1.5. Marc Bloch: primeiras considerações conceituais sobre o novo tempo histórico nos *Annales*.

Marc Léopold Benjamim Bloch foi, junto com Lucien Febvre, fundador da revista dos *Annales*. É reconhecido principalmente pelas disposições metodológicas que desenvolveu e que nortearam por muito tempo as pesquisas desenvolvidas pelo grupo de historiadores, sociólogos, economistas, entre profissionais de outras áreas do conhecimento, reunidos em torno da revista. O trabalho de Bloch reflete bem a interação das ciências sociais do fim do século XIX e início do século XX - principalmente de Émile Durkheim e François Simiand - com a disciplina histórica. Seu interesse preferencial pelas “estruturas” mentais, sociais e econômicas afigura-se como alicerce de sua obra.

Vale ressaltar que Bloch, ao longo de sua carreira de historiador, apresentou forte influência da sociologia durkheimiana, principalmente no que diz respeito ao espaço cedido a esfera do coletivo em detrimento do singular. Bloch, em suas obras, buscou retirar os fatos de sua singularidade para inseri-los em um conjunto, uma relação de parentesco entre fatos semelhantes para, dessa forma, torná-los mais fixos, regulares, passíveis de observação e análise:

Aussi bien, quand, dans le cours de l'évolution humaine, nous croyons discerner entre certains phénomènes ce que nous appelons un e parenté, qu'entendons-nous par là, sinon, que chaque type d'institutions, de croyances, de pratiques ou même d'événements, ainsi distingué, nous paraît exprimer une tendance particulière, et jusqu'à un certain point, stable, de l'individu ou de la société? [...] Il en résulte nécessairement qu'on comprendra toujours mieux un fait humain, quel qu'il soit, si on possède déjà l'intelligence d'autres faits de même sorte.<sup>45</sup>

Segundo José Carlos Reis, o método durkheimiano “considera, portanto, os fatos individuais em sua regularidade social”<sup>46</sup>. Segundo Bloch, o estudo de fatos isolados, antes de revelar um todo estrutural, não revela nem mesmo os próprios fatos<sup>47</sup>. Dessa forma, um estudo científico das regularidades se impõe. Assim, Bloch em suas obras dá ênfase às estruturas sociais, econômicas e mentais onde os fatos e indivíduos são considerados primeiramente como expressão dos movimentos das estruturas, que só podem se modificar

<sup>45</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Op. Cit. p. 73.

“Do mesmo modo, quando, ao longo da evolução humana, acreditamos discernir entre certos fenômenos o que chamamos um parentesco, o que entendemos por isso senão que cada tipo de instituições, de crenças, de práticas, ou mesmo de acontecimentos assim distinguidos, parece exprimir uma tendência particular e, até certo ponto, estável do indivíduo ou da sociedade? [...] Resulta daí necessariamente que compreenderemos sempre melhor um fato humano, qualquer que seja, se já possuímos a compreensão de outros fatos do mesmo gênero”.

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit. p. 129.

<sup>46</sup> REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – A inovação em história*. Op. Cit. p. 45.

<sup>47</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Op. Cit. p. 78.

em um tempo muito diferente do tempo da vida humana, em um tempo muito mais lento, de longo termo. Esta é, em linhas gerais, a principal contribuição da sociologia durkheimiana para o pensamento de Bloch.

Um segundo ponto importante da influência do pensamento durkheimiano sobre Bloch diz respeito à proposta de uma história comparada. Em 1928, Bloch propõe um programa de história comparada das sociedades européias<sup>48</sup>. A forma como os sociólogos durkheimianos adotam a comparação como fundamentação científica chamou a atenção de Bloch que buscou trazer para a história esta proposta, ainda que de forma modificada, propondo comparar sociedades européias que apresentem certa similitude. Evitando anacronismos, Bloch afirma que a comparação em história deve se executar entre sociedades do mesmo tipo (proximidade espaço-temporal) e não como comumente o fazem sociólogos ao comparar “sociedades primitivas” com o passado da sociedade ocidental. É, portanto, indispensável para a comparação em história, segundo Bloch, uma proximidade espaço-temporal entre as sociedades comparadas.

A função desta história comparada é a de permitir ao historiador reconhecer as causas de similitudes e diferenças entre as sociedades comparadas assim como de poder transgredir fronteiras nacionais que muitas vezes não se aplicam a determinados objetos de estudo, assim como a épocas onde as fronteiras são diferentes, como na Idade Média. Além da alteração temporal da pesquisa, já que trabalha sincronicamente com as sociedades, a história comparada proporciona uma ampliação do horizonte de aplicação das hipóteses do historiador. É significativa a forma como Bloch não separa elementos da história francesa do resto da história européia. Em sua obra *Rois thaumaturges*<sup>49</sup>, Bloch recorre constantemente à comparação, com o fim de explicitar as diferenças e exclusividades, entre o toque real realizado na França e na Inglaterra, países onde o toque real era investido, acreditava-se, do poder de cura.

Em *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*, encontramos as principais formulações de nosso autor sobre o tema das interações entre temporalidade e história. É neste livro que Bloch expõe de forma sistemática os métodos que utilizou durante sua carreira de historiador. Nas palavras de Bloch, “Il y a en lui, je l’avoue, une part de programme”.<sup>50</sup>

---

<sup>48</sup> BLOCH, Marc. “Pour une histoire comparée des sociétés européennes” (1928). *Mélanges historiques*, vol. 1 : Paris, 1963.

<sup>49</sup> BLOCH, Marc. *Rois thaumaturges: etude sur le caractere surnaturel attribue a la puissance royale particulierement en france et en algleterre*. Paris : Gallimard, 1983.

<sup>50</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Op. Cit. p. XVII.  
 “Há nele, confesso, um lado de programa.”

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit p. 49.

O primeiro capítulo da obra é intitulado *A história, os homens e o tempo*. Este tempo de que fala Bloch é fundamentalmente o da continuidade, da permanência. A dificuldade que a história, já no início do século XX, tem de se desvincular dos eventos superficiais é denunciado por nosso autor, que busca enfatizar em suas obras uma realidade mais profunda, menos episódica da história. Essa ligação da história com os eventos de superfície deve-se, segundo Bloch, à ciência histórica estar ainda numa fase infantil. Como “*entreprise raisonnée d’analyse*”<sup>51</sup>, tem muito pouco tempo de vida, em comparação com suas formas narrativas, “não científicas”.

Discorrendo sobre como algumas ciências fazem da categoria do tempo meramente uma medida, Bloch mostra como para a disciplina histórica o tempo tem uma importância notória:

Réalité concrète et vivante rendue à l’irréversibilité de son élan, le temps de l’histoire, au contraire, est le plasma même où baignent les phénomènes et comme le lieu de leur intelligibilité.<sup>52</sup>

Baseando-nos nesta passagem, podemos notar a importância cedida à questão do tempo em sua obra. A categoria do tempo é requisito a qualquer objeto que se queira histórico, posto que se trata, invariavelmente, do meio no qual se desenvolve a matéria histórica. Fora do tempo não há história. Como exemplo, mesmo quando fala sobre durações muitíssimo longas, como a da escatologia cristã universal, entre a Queda e o Juízo, Bloch mostra que as escatologias individuais, a vida individual, cada “peregrinação” particular não são mais que “reflexos” da duração maior da escatologia universal. Não é a soma das vidas individuais que formam a duração compreendida entre Queda e Juízo: estas são apenas “reflexos” de uma duração muito mais longa. Tem-se aí um exemplo do “plasma onde se engastam os fenômenos” individuais. O tempo, portanto, é esta realidade que encerra os fenômenos históricos, desde duração curta como a das vidas individuais até de duração muito longa como o da escatologia universal cristã.

Assim como não há história fora do tempo, também, para Bloch, não há história sem “homens”. Ao contrário de uma história que buscava investigar qualquer tipo de mudança na duração, confundindo aí a história com outras disciplinas como a geografia ou a biologia, Bloch afirma que o homem deve estar no centro, deve ser o fator determinante pra que um

<sup>51</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Op. Cit. p. XIV.  
“Empreendimento racional de análise.”

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit. p. 47.

<sup>52</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Op. Cit. p. 05.

“Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade.”

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit. p. 55.

objeto se apresente como histórico. Utiliza inclusive uma metáfora do bom historiador como caçador de carne humana, pois sabe que aí se encontra seu objeto. Historiador também das sociedades agrárias, nosso autor chama a atenção para as mudanças provocadas pelo homem – portanto, objeto de história – no meio em que semeia e cria seus animais. Nem todas as mudanças ocorridas no meio são objetos de história: somente aquelas em que o historiador reconhece o trabalho humano como fator de mudança. É nesta intersecção da geografia e da história em que notamos uma das principais interações interdisciplinares objetivadas desde o início dos *Annales*. Portanto, o objeto da história é, por excelência, o humano:

Il y a longtemps, en effet, que nos grands aînés, un Michelet, un Fustel de Coulanges nous avaient appris à le reconnaître: l'objet de l'histoire est par nature l'homme. Disons mieux: les hommes. Plutôt que le singulier, favorable à l'abstraction, le pluriel, qui est le mode grammatical de la relativité, convient à une science du divers.<sup>53</sup>

Nota-se, nesta frase, a importante diferenciação que faz Bloch entre “abstração” e “relatividade”. Encontramos aqui – além da referência ao conceito de relatividade das ciências exatas, assunto muito em voga na década de 40 – uma diferenciação entre a forma de abordar “o homem” das ciências sociais e a forma de abordar “os homens” da história. Bloch nega a forma abstrata das estruturas imutáveis do homem, buscadas por alguns ramos da sociologia, em favor das estruturas que, apesar de lentamente, apesar das permanências, mudam, sob o olhar atento do historiador. Trata-se de relativizar o objeto por excelência da história, o homem, ao invés de torná-lo abstração; negar “o homem” independente de seu tempo, buscando “os homens” relativos aos seus tempos. Esta diferenciação entre abstrato e relativo não diz respeito somente ao objeto “homens”: diz respeito também a idéia de tempo em sociologia e em história. Não se trata de um tempo abstrato, de estruturas imutáveis, e sim de um tempo relativo ao dos fenômenos, à duração em que as estruturas permanecem inertes ou mudam.

“Ciência da diversidade”, da mudança, mas, também, da permanência, do que se repete. Marc Bloch é um dos primeiros historiadores a produzir uma história da permanência. Esta é, inclusive, a principal característica da mudança na relação do tempo da história produzida pelo grupo dos *Annales*. Em suas obras, Bloch parte de estruturas de longa duração, principalmente formadas pelas permanências, para mostrar seus movimentos e suas

---

<sup>53</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*. Op. Cit. p. 04.

“Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade.” BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit. p. 54.

mudanças, além, é claro, do que não muda ou muda somente com muita lentidão. A força de inércia de certas estruturas, até então objeto rejeitado pela historiografia, passa a ter lugar central nas preocupações dos novos historiadores. Quando escreve uma de suas principais obras, *A sociedade feudal*, Bloch define seu estudo da seguinte forma: “[...] c’est l’analyse et l’explication d’une structure sociale, avec ses liaisons, qu’on se propose de tenter ici.”<sup>54</sup>. As estruturas colocadas em primeiro plano, em detrimento dos eventos e das vidas particulares.

Destas duas características do objeto histórico – estar inserido na duração e ser relativo aos homens – Bloch produz sua definição da disciplina histórica:

“Science des hommes”, avons-nous dit. C’est encore beaucoup trop vague. Il faut ajouter: “des hommes dans le temps”. L’historien ne pense pas seulement “humain”. L’atmosphère où sa pensée respire naturellement est la catégorie de la durée.<sup>55</sup>

Bloch é o primeiro historiador a refletir sobre a temporalidade da *Nouvelle Histoire*. Sobre esta questão, busca uma conciliação entre o permanente e a mudança. O conceito de estrutura social, importado das ciências sociais, traz para a história a possibilidade de se pensar historicamente longos períodos de tempo, resistências, inércias, sem, no entanto, perder a especificidade da disciplina histórica da mudança, do novo:

Or, ce temps véritable est, par nature, un continu. Il est aussi perpétuel changement. De l’antithèse de ces deux attributs viennent les grands problèmes de la recherche historique. Celui-ci avant tout autre, qui met en cause jusqu’à la raison d’être de nos travaux..<sup>56</sup>

Podemos notar a ênfase de Bloch nos aspectos duradouros, no tempo como naturalmente um continuum. A perpétua mudança são os eventos que, ainda que delegados ao segundo plano em sua obra se apresentam como sinais reveladores do funcionamento das

<sup>54</sup> BLOCH, Marc. *La société féodale*. Op. Cit. p. 10.

“[...] o que nos propomos tentar aqui é a análise e a explicação de uma estrutura social, com suas conexões”

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Tradução: Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa : Edições 70, 1973. p. 15.

<sup>55</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Op. Cit. p. 04.

”Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo”. O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração.”

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit. p. 55.

<sup>56</sup> BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Op. Cit. p. 05.

“Ora, esse tempo verdadeiro é, por natureza, um continuum. É também perpétua mudança. Da antítese desses dois atributos provêm os grandes problemas da pesquisa histórica. Acima de qualquer outro, aquele que questiona até a razão de ser de nossos trabalhos.”

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit. p.55.

estruturas colocadas em primeiro plano. O tempo continuum é quase um tempo naturalizado das ciências físicas, como o é também na escola durkheimiana, mas, em Bloch, esse tempo quase naturalizado é cortado por durações mais ou menos lentas, permanências e transformações, fazendo dos eventos e das vidas individuais meros indicadores do movimento mais longo e menos evidente das estruturas.

É esse continuum, característica do tempo natural, irreversível; e a mudança, especificidade do discurso do historiador, destes dois atributos, temos a temporalidade da história segundo Marc Bloch.

O tempo histórico para Bloch é, portanto, mais estruturado. Em suas obras, Bloch parte desde o início da investigação sob a égide da longa duração. É nisto que Bloch e Febvre diferem quanto à temporalidade histórica. Febvre parte de um evento, em geral intelectual, para encontrar uma estrutura de pensamento numa duração mais longa. Para ele, um evento original é exemplar e serve de “lupa” para se conhecer melhor todo um período. Bloch, ao contrário, parte já do estudo dos movimentos de longa duração e é neste estudo estrutural que inclui vários eventos, nenhum, no entanto, com importância destacada, ou como início factual da pesquisa.

Febvre e Bloch tinham diferentes maneiras de lidar com a temporalidade histórica, mas podemos encontrar em ambos a tendência a buscar os movimentos de longa duração. De formas diferentes, ambos buscavam superar a história predominantemente factual. Superar o evento a partir da influência dos métodos das ciências sociais era a perspectiva comum dos primeiros *Annales*.

Apesar de tendências diferentes, o pensamento sobre a temporalidade histórica entre os fundadores dos *Annales* se completava, ou ao menos não se excluía. Nas décadas de 30, 40 e 50, a história produzida por pesquisadores ligados ao grupo dos *Annales* esteve mais próxima do modelo blochiano de temporalidade histórica, mais estruturais, partindo já da longa duração. Fernand Braudel, de certa forma, busca incluir ambas as tendências em seus trabalhos, ainda que se posicione mais próximo do modelo blochiano. Também Le Roy Ladurie e Pierre Chaunu tendem mais à temporalidade como proposta por Bloch. O primeiro, de fato, buscando uma história estrutural, de permanências e constâncias. Chega a falar até mesmo de uma “história imóvel”. O segundo incluindo os ciclos de média duração, principalmente ciclos econômicos, em estruturas de longa duração, principalmente em sua obra *Seville et l'Atlantique*. A partir da década de 60 e 70, o modelo temporal febvriano, do evento estruturado, volta a aparecer nas obras de historiadores como Jacques Le Goff e Georges Duby.



O núcleo de nossa pesquisa agora passa a ser a compreensão do tempo histórico em Fernand Braudel, figura chave na articulação entre os primeiros *Annales* e a chamada “terceira geração”, pós-braudeliana. Braudel foi o principal representante dos *Annales* a se dedicar a forma como a Nova História trabalha a questão da temporalidade, com ênfase na longa duração. Foi ele que sistematizou de forma mais objetiva a importância do conceito de longa duração para a História Nova.

**Capítulo 2**

O tempo em *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*

## 2.1. A temporalidade histórica dos fundadores e a inovação braudeliana.

Após apresentar um panorama das primeiras considerações sobre o tempo histórico, ainda nas obras dos fundadores do grupo dos Annales, passemos ao personagem núcleo de nossa pesquisa: Fernand Braudel.

O nome de Braudel evoca quase sempre epítetos elogiosos e, segundo alguns autores, a figura de Braudel está entre as principais do meio intelectual em nível mundial no século XX. Nascido em 1902, em Lumeville - Onois, na Lorena Francesa, estudou na Sorbonne, lecionou na França, Argélia, Brasil e Estados Unidos, além de algumas passagens pela Itália. Para elaboração de sua tese, pesquisou arquivos em Simancas, Gênova, Florença, Palermo, Veneza, Marselha e Dubrovnik. Permaneceu a maior parte da Segunda Guerra preso perto de Lübeck, e foi neste momento de insegurança, imobilidade e falta de acesso às fontes recolhidas nos anos anteriores que foi capaz de rascunhar sua tese em cadernos que eram enviados a Lucien Febvre, então já seu amigo. É desnecessário aprofundarmo-nos em uma descrição pormenorizada de uma figura tão conhecida, ao menos parcialmente, entre os historiadores. Tal descrição poderia também nos afastar de nosso objetivo principal: analisar a proposta de modificação da forma como os historiadores se utilizam da temporalidade histórica.

Cabe relacionar, retomando o capítulo anterior, a forma como a proposta dos fundadores dos Annales interage em alguns pontos e se diferencia em outros da perspectiva temporal da história proposta por Fernand Braudel, a qual intitulou “dialética da duração”.

Braudel dedica sua tese, “A Lucien Febvre, sempre presente, em testemunho de reconhecimento e filial afeição”. A relação de amizade e cumplicidade teórica entre os autores em questão fica ainda mais clara na resenha que Febvre publicou sob o título *Un livre qui grandit: La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*<sup>57</sup>, na qual expôs sua admiração ao jovem historiador. O próprio título da tese de Braudel foi, em parte, indicação de Febvre que sugeriu a inversão dos personagens históricos que habitam o livro, segundo sua grandeza: não mais Felipe II e o Mediterrâneo, e sim, o Mediterrâneo e Felipe II. Além da identificação teórica, devemos ressaltar também a política: Braudel sucedeu Febvre na direção da Revista dos Annales e manteve o programa de renovação da história proposto pelos fundadores como paradigma da nova fase da revista. Vale ressaltar que a passagem da chamada primeira e segunda geração dos Annales é caracterizada pela correspondência das

---

<sup>57</sup> FEBVRE, Lucien. “Un livre qui grandit: La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II”. *Revue historique*, vol. 203, 1950, pp. 216-24.

propostas, enquanto a passagem da terceira geração, que já não pretendemos analisar em nossa pesquisa, se caracteriza pela ruptura, ao menos parcial, com a proposta de renovação da história de Lucien Febvre e Marc Bloch, como podemos notar na tese de François Dosse<sup>58</sup>.

Sobre este ponto podemos destacar a forma como é usualmente dividido o grupo dos *Annales*, ou seja, em gerações. As disposições metodológicas, as abordagens, os objetos; enfim, a proposta historiográfica do grupo, apesar da unidade conferida pela revista, varia conforme as “gerações”. Um segundo ponto diz respeito às estruturas de sociabilidade dos subgrupos intelectuais. François Sirinelli cita que entre as estruturas mais elementares está a revista. É em torno da revista fundada em 1929 por Lucien Febvre e Marc Bloch que se une o grupo dos *Annales*. A análise das relações sociais, afetivas, políticas, entre outras, podem ser reveladas segundo a indicação de Sirinelli: “uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão”<sup>59</sup>.

No que diz respeito às relações afetivas, Braudel esteve mais próximo de Lucien Febvre, no entanto, seguindo a proposta de nossa pesquisa, devemos salientar que no posicionamento quanto à temporalidade histórica, Braudel esteve mais próximo das posições assumidas por Marc Bloch, partindo das estruturas mais lentamente móveis da história, no sentido de um relativo detrimento das figuras individuais e grandes nomes. É visível como em sua tese, Braudel sintetiza as formas como os fundadores dos *Annales* se posicionam diante da questão da temporalidade histórica.

A tese de Braudel *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*<sup>60</sup>, a qual vamos nos ocupar longamente, é considerada por muitos autores<sup>61</sup> como uma obra que pode ser lida de diversas formas, a mais comum destas formas é invertendo as três partes da obra, numa leitura ao contrário. Neste sentido temos a princípio um relato de eventos, história política, militar e diplomática sob a égide da figura de Felipe II, seguida do estudo das durações de médio fôlego, das conjunturas econômicas e sociais e, por fim, um estudo das relações do homem com o meio, da geografia da região mediterrânica, estendendo-se por desertos e planícies nos arredores.

<sup>58</sup> DOSSE, François. *A história em migalhas*. Op. Cit.

<sup>59</sup> SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. IN: RÉMOND, René. *Por uma história política*. RJ : UFRJ, 1996. P. 249.

<sup>60</sup> As versões que usaremos desta obra são: BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. 2ª ed. revista e aumentada. Paris : Armand Colin, 1966. e, BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. 2ª edição. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1995.

<sup>61</sup> Podemos citar neste exemplo: BURKE, Peter. *Revolução Francesa da Historiografia : A Escola dos Annales (1929 - 1989)*. Op. Cit. ; DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Op. Cit.

Nesta perspectiva de leitura invertida da tese de Braudel, que foi inclusive indicada por Peter Burke<sup>62</sup> como uma possível saída para críticas feitas a obra “*La méditerranée...*”, temos uma aproximação da perspectiva temporal tal qual efetuada por Febvre, partindo de um caso particular em busca de uma estrutura mais geral. No entanto, a inversão do plano temporal da obra indicaria uma alteração na importância concedida aos diferentes níveis temporais pelo próprio autor. Braudel cita que tanto a história quanto as ciências sociais devem se atentar que: “Des expériences et tentatives récentes de l’histoire, se dégage – consciente ou non, acceptée ou non – une notion de plus en plus précise de la multiplicité du temps et de la valeur exceptionnelle du temps long.”<sup>63</sup>

Assim, alterar os níveis temporais da obra implicaria uma situação paradoxal: aproximaria o plano temporal de Braudel da forma como Febvre compreendia a temporalidade histórica e por outro lado resultaria na negação da própria indicação de Febvre, que diz respeito à inversão dos personagens do livro segundo sua grandeza, ou seja, em primeiro lugar o Mediterrâneo e em seguida Felipe II.

Para além de possíveis formas de se ler esta obra, temos que Braudel, de fato, preferiu inicialmente se preocupar com as questões relativas às formas de interação homem-meio, e sua conseqüente temporalidade mais ampla para, em seguida, dedicar seu trabalho aos ciclos, principalmente econômicos, de média duração e, por fim, trabalhar a temporalidade mais curta dos personagens humanos e dos fatos. Isso, contudo, não indica que Braudel se distancie completamente da temporalidade histórica tal qual utilizada por Febvre: a preocupação com os elementos geográficos, tão caros à Braudel, tem descendência direta da obra de seu mestre, assim como a tendência a uma história global e que problematiza o passado, levando em conta considerações do presente. Esta última, interação entre presente e passado, atualiza de forma especial a temporalidade histórica no sentido que os liga intrinsecamente: presente e passado fazem parte da mesma malha do tempo que os diferenciam pela distância somente relativa, atendo-se ao fato que estruturas passadas podem ainda estarem presentes no momento em que o historiador desenvolve suas pesquisas. Portanto, o historiador combina conhecer o passado e atuação no presente, posto que apenas se dedicar às origens, seguindo neste caminho as críticas feitas por Simiand em relação ao “ídolo das origens”, não é fazer história, aqui num sentido mais amplo, que inclui o presente em suas considerações.

<sup>62</sup> BURKE, Peter. *Revolução Francesa da Historiografia : A Escola dos Annales (1929 - 1989)*. Op. Cit.

<sup>63</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit .p. 44. “Das experiências e tentativas recentes da história, depende-se – consciente ou não, aceita ou não – uma noção cada vez mais precisa da multiplicidade do tempo e do valor excepcional do tempo longo.”  
BRAUDEL, Fernand. “História e ciências sociais: a longa duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. P. 44.

O presente está enraizado no passado, mas conhecer essa sua raiz não esgota o seu conhecimento. Ele exige um estudo em si, pois é um momento original, que combina origens passadas, tendências futuras e ação atual.<sup>64</sup>

A ligação entre a perspectiva temporal de Febvre e Braudel é, portanto, apenas indireta. O mesmo não pode ser dito de Bloch. O método blochiano de estudos das estruturas – principalmente da França rural e da sociedade feudal europeia – se aproxima mais das considerações desenvolvidas por Braudel em artigos posteriores à publicação de sua tese, principalmente no artigo publicado nos *Annales* no ano de 1958<sup>65</sup>. Apesar disso, podemos encontrar na própria obra “*La méditerranée...*” uma aproximação bem mais clara entre a temporalidade tal como utilizada por estes dois historiadores. Segundo Bloch:

“Science des hommes”, avons-nous dit. C’est encore beaucoup trop vague. Il faut ajouter: “des hommes dans le temps”. L’historien ne pense pas seulement “humain”. L’atmosphère à sa pensée respire naturellement est la catégorie de la durée.<sup>66</sup>

A “categoria da duração” de Bloch é substituída por um cortejo de diferentes durações em Braudel, algumas de fôlego mais curto, outras de longuíssima duração. Pensar as estruturas e os fatos que delas derivam, focar primeiramente os objetos de longa duração e, partindo deles, passar a conhecer fatos, personagens e eventos de fôlego curto foi basicamente a forma como Bloch estrutura sua forma de pensar a temporalidade histórica, categoria indispensável à matéria do historiador. Já segundo Braudel, os diferentes objetos históricos podem ser organizados segundo a própria duração: não mais uma relação de derivação, mas um espaço no tempo reconstruído da pesquisa histórica para cada tipo de objeto. A temporalidade continua sendo irreversível, um tempo quase totalmente naturalizado, próximo da forma como Bloch e os discípulos de Durkheim pensaram este tempo. No entanto, a

---

<sup>64</sup> REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. Op. Cit. P. 85.

<sup>65</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit.

<sup>66</sup> Esta citação já foi feita anteriormente, mas dedicamos repetí-la por se tratar de um outro contexto.

BLOCH, Marc. *Apologie pour l’histoire ou métier d’historien*. Op. Cit. p. 04.

““Ciência dos homens”, dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo”. O historiador não apenas pensa “humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração.”

BLOCH, Marc. *Apologia da história, ou, O ofício do historiador*. Op. Cit. p.5

duração dos fenômenos é que proporciona diferenciar e escalonar diferentes patamares dentro da temporalidade<sup>67</sup>.

A substituição da temporalidade em forma de cone ou lupa, de Lucien Febvre, partindo de um evento intelectual que supostamente acondiciona o espírito de um tempo para, em seguida, buscar uma história mais larga, das mentalidades de toda uma sociedade, assim como, em Bloch, a passagem de um tempo quase naturalizado, passível de repetição, comparação, apresentado sob a forma de estruturas de longa duração, com eventos, fatos e personagens que fazem parte de um todo mais estrutural são, em Braudel, substituídos por uma história que primeiramente se preocupa com as durações, com a apresentação destas na temporalidade. Braudel considerou sua grande preocupação mostrar como as durações variam em velocidades diferentes, muito diferentes às vezes, e de forma complementar: o que inovou em sua argumentação, em relação aos fundadores dos *Annales*, é que as diferentes durações e ritmos da história podem se correlacionar, se influenciarem reciprocamente, e até, em última instância, condicionar outras durações a uma maior; temos poucos exemplos desta última situação, mas podemos citar os que aconteceram algumas vezes na primeira parte de *O Mediterrâneo...*, em que as condições climáticas e geográficas condicionam o estilo de vida e os costumes de sociedades que vivem nas montanhas, planícies, que navegam o mediterrâneo, etc.

A discussão sobre uma possível condição determinista entre os meios de vida e as condições geográficas serão discutidas mais adiante. Vale ressaltar no momento que Braudel, de fato, inova ao apresentar as durações como: diferentes umas das outras, ainda que possam se relacionar, cada qual direcionada a um determinado objeto, que se apresenta de longa ou curta duração segundo a “realidade” observada pelo historiador, e que estas durações diferentes podem ser consideradas sozinhas ou em conjunto de relações. Na introdução de “*La méditerranée...*” Braudel escreveu que se as diferentes partes do livro não se referenciassem, que ao menos cada parte possa ser considerada uma boa parte da história.

---

<sup>67</sup> Utilizamos o termo “temporalidade” como categoria do tempo: linear, irreversível e constante. É nesta temporalidade que a história se passa, de forma ordinal, do passado mais distante ao mais próximo. Digamos que a temporalidade é a extensão do tempo, desde uma suposta gênese até o fim de determinada observação, não levando em conta a multiplicidade de durações contidas nesta temporalidade.

Já o termo “duração”, consideramos ligado não a um tempo natural, mas ao tempo da reconstrução histórica, onde o historiador determina a duração de um dado fenômeno. Digamos que esta duração vale o tempo que vale a “realidade” que ela registra. Portanto, podemos falar das durações de fatos, tendências e estruturas de diferentes dimensões. Estas durações variam conforme a “realidade” observada pelo historiador destes mesmos fatos, tendências ou estruturas. Todavia, todas estas durações que podem variar de muito curtas até de longuíssima duração (nenhuma, enquanto objeto do historiador, imóvel) estão inseridas na invariavelmente presente temporalidade.

Braudel, portanto, executou uma unificação das propostas de temporalidade histórica entre os dois fundadores dos Annales: compartilha da perspectiva temporal de Febvre ao buscar diferentes níveis de observação, do tempo individual ao coletivo estrutural, porém, ao contrário, não partindo do indivíduo em busca de uma mentalidade coletiva e sim partindo já de estruturas de longa duração para, somente na terceira parte de sua tese, buscar o tempo individual dos acontecimentos e personagens da história. Braudel inverte a perspectiva temporal de Febvre sem subvertê-la. Em relação à Bloch, as propostas de ambos os autores se aproximam mais à primeira vista: ambos focavam em primeiro lugar as estruturas e os movimentos longos ou permanências da história. A diferença e inovação de Braudel é a forma como apresenta o que chamou de cortejo de durações, diferentes tempos históricos, tempos escalonados apresentados numa mesma obra. Braudel faz uso das perspectivas dos fundadores dos Annales, no entanto, levando ao extremo as preocupações relativas à temporalidade histórica. Vale agora apresentar de forma sistemática a perspectiva temporal de Braudel, como apresentada em textos de cunho teórico; as formulações mais diretas sobre a dialética da duração.



## 2.2. A tripartição temporal de “O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II”

No prefácio à primeira edição de *“La méditerranée...”*, Braudel iniciou sua obra escrevendo sobre o amor que durante sua vida dedicou ao Mar Interior. Esta foi a principal iniciativa que o levou a escrever uma história de tal personagem tão vasto e diversificado. O mediterrâneo não foi, desde o início da elaboração de sua tese, o personagem central: ainda em 1923, Braudel buscava proceder com uma história aos moldes tradicionais, sobre a política externa de Felipe II. Segundo o próprio autor, o tema apresentado dessa forma agradou muito seus professores da Sorbonne, no entanto, não pôde se calar diante da iniciativa dos fundadores dos *Annales*, que já apresentavam, por meio de suas obras, a perspectiva inovadora de pesquisa histórica, notadamente representada na revista iniciada em 1929. Braudel se aproxima então de Febvre, que lhe indica uma inversão importante de objetos de pesquisa, segundo sua importância: estudar o mediterrâneo e Felipe II, e não o contrário. Esse foi o primeiro grande passo de Braudel em direção à formulação da temporalidade tripartida, apresentada em *“La méditerranée...”*.

Ainda no prefácio à primeira edição, Braudel expõe seu esquema tripartido: “Ce livre se divise en trois parties, chacune étant en soi un essai d’explication”.<sup>68</sup>. Além de uma tripartição temática, de menor importância, expondo em cada uma das três partes um tipo diferente de matéria do historiador, esta tripartição é também temporal. Este ponto é o que mais nos interessa. Discutiremos mais adiante o artigo no qual Braudel melhor expõe sua visão sobre a temporalidade tripartida de *“La méditerranée...”*. No momento vale ressaltar a forma como Braudel coloca a questão no prefácio à primeira edição de sua tese.

*“La méditerranée...”*, apesar de estar disposto em dois volumes de setecentas páginas em média, divide-se em três partes maiores, diversos capítulos e centenas de sub-capítulos. A principal divisão, no entanto, é a da temporalidade, disposta em três diferentes níveis. A primeira parte de sua obra foi a que mais causou repercussão, por se tratar de uma grande inovação nos estudos históricos e por ser um exemplar de interdisciplinaridade, relacionando elementos geográficos e históricos. A disposição dos temas se dá a partir da geografia. Braudel dedica capítulos às planícies, mares, montanhas e planaltos. O principal deles trata de

---

<sup>68</sup> BRAUDEL, Fernand. “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l’époque de Philippe II. Extrait de la préface.”. In: *Écrits sur l’histoire. Op. Cit.* p. 11.

“Esta obra divide-se em três partes, cada uma das quais pretende ser uma tentativa de explicação de conjunto”  
BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II. Op. Cit.* p. 25.

um mediterrâneo mais extenso que engloba partes do Saara, a Ásia um pouco mais afastada do litoral do mediterrâneo, e mesmo o atlântico, ao qual é dedicada uma longa pesquisa.

Sobre a primeira das três partes, que compreende cerca de quatrocentas páginas, Braudel escreveu no prefácio:

La première met en cause un histoire quasi immobile, celle de l'homme dans ses rapports avec le milieu qui l'entoure; une histoire lente à couler et à se transformer, faite bien souvent de retours insistants, de cycles sans fin recommencés.<sup>69</sup>

Os termos nos quais Braudel conceitua esta primeira parte, como a de uma história “quase imóvel”, foi essencialmente notório. Braudel, no entanto, segue descrevendo este tempo como caracterizado pelas “lentas transformações”, sem as quais o objeto estudado foge ao domínio do historiador<sup>70</sup>. A quase imobilidade da geo-história está antes ligada a uma suposta “prisão de longa duração”<sup>71</sup> que a uma falta de transformação. As prisões de longa duração braudelianas são caracterizadas pela mudança somente perceptível na longa duração e são, na maioria das vezes, apresentadas como ciclos sempre recomeçados, como rituais religiosos e sociais, as estações de plantio e colheita, características climáticas, rotas de trânsito marítimo e terrestre, estilos de vida montanhês, do deserto, do litoral, etc., além das mentalidades que são consideradas por Braudel como exemplo de prisões de longa duração.

A primeira parte de “*La méditerranée...*” apresentou, além de outros aspectos exclusivos, uma inovação na relação tempo-história. Um tempo quase (somente em termos) indiferente à temporalidade das vidas individuais, um tempo não conscientemente percebido pelos que o viveram, que foge aos atores e só é possível a partir da reconstrução histórica. Este tempo é caracterizado por: ser próximo do tempo da geografia, dos períodos climáticos e geológicos; sua totalidade é só teoricamente reconstruída por durações definidas pelo historiador; de temporalidade desacelerada, devido a sua natureza cíclica; de lentas mutações, durações expandidas e próximas das da humanidade e não dos indivíduos. Este tempo que

<sup>69</sup> BRAUDEL, Fernand. “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Extrait de la préface.”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* p. 11.

“A primeira trata de uma história, quase imóvel, que é a do homem nas suas relações com o meio que o rodeia, uma história lenta, de lentas transformações, muitas vezes feita de retrocessos, de ciclos sempre recomeçados; [...]”

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II. Op. Cit.* 1º vol. p. 25.

<sup>70</sup> Ver sobre este assunto, a aula inaugural de Ladorie, intitulada “História Imóvel”, que leva ao extremo a idéia de uma história imóvel. A perspectiva de Braudel, no entanto, descarta a possibilidade da imobilidade histórica em favor de transformações lentas e cíclicas, num tempo longo porém nunca imóvel. Le Roy Ladorie, Emmanuel. *Le territoire de l'historien*. Paris : Gallimard, 1978. 2 V. (A aula inaugural foi apresentada em 1973).

<sup>71</sup> Os termos são do próprio Braudel e dizem respeito essencialmente à geografia e as mentalidades.

foge a ação individual produtora da história é característico dos Annales e principalmente representado em “*La méditerranée...*”.

Neste ponto é necessário discorrer sobre as indicações – relacionadas ao nosso tema das temporalidades – de cunho determinista da obra de Braudel. Segundo uma crítica contida no livro de Peter Burke<sup>72</sup>, o determinismo braudeliano é o exato oposto do voluntarismo de Febvre. Devidamente colocada a questão, podemos notar, partindo das próprias afirmações de Braudel, que as estruturas cumprem a função de prisões inibidoras da ação e do tempo individual. Já segundo Febvre, estas mesmas estruturas podem servir como inibidoras ou, contrariamente, estimulantes da ação individual, como nota em personagens que sintetizam o espírito de uma época. Além disso, Febvre toma partido na questão entre a geografia categorizada como determinista do geógrafo e etnólogo alemão Fredrich Ratzel, e da geografia possibilista de Vidal de La Blache, em favor do segundo.

No que toca a geografia histórica apresentada na primeira parte de sua tese, Braudel segue a linha dos Annales, ligada também à geografia vidaliana, no entanto não é possível descartar que as condições geográficas ajam de forma a determinar o estilo de vida das populações que vivem na região do mediterrâneo. Braudel não nega, como o fez Febvre, que as condições espaciais podem, de fato, determinar as condições de vida das sociedades e, conseqüentemente, as durações mais expandidas dos fatos observados. Neste ponto a geografia, tal como utilizada por Febvre e Braudel, se diferencia. Acreditamos, no entanto, que a posição tal como identificamos em Braudel não é menos rica ou inferior a de Febvre: é diferente e este ponto mostra o caráter heterogêneo do grupo dos Annales. Identificar uma veia determinista nos escritos de Braudel não pressupõe uma visão pejorativa, mesmo porque algumas conclusões neste aspecto, que Braudel apresenta em sua tese, são indiscutíveis. Ainda neste sentido, as descrições de vidas particulares nas montanhas, planícies, desertos, e outros ambientes geográficos da região do mediterrâneo mostram uma pluralidade de estilos de vida heterogêneos, evitando chegar a generalizações fáceis. Há um equilíbrio entre uma geografia que determina o estilo de vida e outra que permite diferentes formas de sociedades num mesmo ambiente geográfico.

Portanto, a primeira parte de *O Mediterrâneo...* é fundada na longa duração, principal das durações distinguidas por Braudel no que chamou de “dialética das durações”. Este tempo longo realiza uma importante inovação no discurso do historiador, já presente nas obras dos fundadores dos Annales, mas que é marcadamente forte na tese de Braudel: a simultaneidade.

---

<sup>72</sup> BURKE, Peter. *Revolução Francesa da Historiografia : A Escola dos Annales (1929 - 1989)*. Op. Cit. p. 53.

A atenção é primordialmente cedida às questões ligadas às permanências, estabilidades e principalmente repetições. O cortejo das diferentes durações, com ênfase nas de longo fôlego, é apresentado com o historiador a sua frente, relacionando o tempo “quase imóvel” do que só muda muito lentamente com o dos ciclos sempre recomeçados das estações e outro elementos geográficos e climáticos. Segundo esta “dialética das durações”, a vida é formada por diferentes ritmos temporais, do mais longo ao da vida individual, e esta união entre os diferentes tempos é que forma a totalidade da temporalidade histórica.

A segunda parte do livro é, de fato, a história preocupada com as estruturas: sistemas econômicos e religiosos, técnicas de guerra, estados, sociedades, ou como preferia Braudel, civilizações. Escrevendo sobre a passagem da primeira à segunda parte de sua tese, Braudel assim colocou:

Au-dessus de cette histoire immobile, une histoire lentement rythmée, on dirait volontiers, si l'expression n'avait été détournée de son sens plein, une histoire *sociale*, celle des groupes et des groupements.<sup>73</sup>

O principal elemento unificador das diferentes durações apresentadas nesta segunda parte é a economia do mediterrâneo. Questões relativas às lentas mudanças na estruturas de transporte, comércio, demografia, metais preciosos, e outros elementos ligados ao estado econômico da região mediterrânica formam a primeira metade da parte do livro intitulada “Destinos coletivos e movimentos de conjunto”. É também nesta segunda parte que Braudel escreve sobre os dois grandes impérios que dividem o mediterrâneo: os turcos e os espanhóis. Outros temas tratados nesta segunda parte são: a questão dos Reis Católicos espanhóis, o final do século XVI e XVII como momento propício à formação de grandes impérios, a relação entre senhores e camponeses, a burguesia e os novos nobres, miséria e banditismo, o estado dos judeus, a possibilidade de uma luta de classes, e o ponto que mais nos interessa: o último capítulo desta parte intitulado “À laia de conclusão: conjuntura e conjunturas”, no qual Braudel discute questões ligadas às durações utilizadas nesta parte do livro.

Braudel divide as durações desta segunda parte de sua tese conforme as formas de periodização da economia. As durações são distinguidas entre o *trend* secular, movimento de longo fôlego que pode compreender séculos ou várias décadas, em média com cerca de cem anos e caracterizado por ser mais estrutural que cíclico; ciclos cinquentenários de Kondratieff;

---

<sup>73</sup> BRAUDEL, Fernand. “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Extrait de la préface.”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* p. 11.

“Acima desta história imóvel, pode distinguir-se uma outra, caracterizada por um ritmo lento: se a expressão não tivesse sido esvaziada do seu sentido pleno, chamar-lhe-íamos de bom grado história social, a história dos grupos e agrupamentos.”

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II. Op. Cit.* 1º vol. p. 25.

hiperciclos, de dezoito a vinte e dois anos; interciclos ou ciclos Juglar, compreendendo de seis a onze anos; ciclos intradecenais ou ciclos Kitchin, de três a cinco anos; e movimentos sazonais, estes últimos pouco explorados, já que dizem respeito mais às durações tal como expostas na terceira parte do livro<sup>74</sup>. Uma margem de liberdade da duração deve ser admitida nestas divisões fundadas na economia.

A divisão de temporalidade tal como aplicada por Braudel na segunda parte de “*La méditerranée...*”, apesar de extraída da economia, não se aplica somente aos aspectos econômicos do mediterrâneo: esta divisão temporal é também aplicada às características das sociedades que residem na região, aos aspectos políticos, cultura e formas mutantes de guerra. Uma importante propriedade deste tempo médio diz respeito à economia como portadora de um cortejo de durações que variam entre o tempo curto e o tempo longo. As durações da economia se localizam entre uma curta duração da sociologia do presente e a longuíssima duração, atemporal da antropologia. Sobre a curta duração da sociologia, Braudel faz referência direta à Georges Gurvitch que, apesar de propor diferentes tempos<sup>75</sup> para a disciplina sociológica, termina por se dedicar a temporalidade explosiva do presente. Por outro lado, as durações utilizadas pela economia não chegam a semi-imobilidade estrutural da antropologia, notadamente representada pela figura de Lévi-Strauss. Portanto, a economia oferece ao historiador a possibilidade de trabalhar com durações intermediárias, caracterizadas por serem cíclicas, conjunturais de média duração. A combinação entre as diferentes durações da periodização importadas da economia formam uma totalidade dialética, uma relação de interdependência temporal e, dessa forma, proporciona uma coesão desta segunda parte da tese de Braudel.

E, por fim, as durações da história tradicional, na terceira parte da tese de Braudel, parte intitulada “Os acontecimentos, a política e os homens”. Sobre esta parte Braudel escreveu no prefácio à primeira edição:

Troisième partie enfin, celle de l’histoire traditionnelle, si l’on veut de l’histoire à la dimension non de l’homme, mais de l’individu, l’histoire événementielle de François Simiand: une agitation de surface, les vagues que les marées soulèvent sur leur puissant mouvement. Une histoire à oscillations brèves, rapides, nerveuses. Ultra-sensible par définition, le moindre pas met en alerte tous ses instruments de mesure. Mais telle quelle, c’est la plus passionnante, la plus riche en humanité, la plus dangereuse aussi. Méfions-nous de cette histoire brûlante encore, telle que les

<sup>74</sup> BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II*. Op. Cit. 2º vol. Pp. 261-269.

<sup>75</sup> GURVITCH, Georges. *Déterminismes sociaux et Liberté humaine*. Paris : P.U.F., 1955.

contemporains l'ont sentie, décrite, vécue, au rythme de leur vie, brève comme la nôtre. Elle a la dimension de leurs colères, de leurs rêves et de leurs illusions.<sup>76</sup>

Braudel deixa clara sua desconfiança quanto a esta história de superfície. No entanto, a forma como localiza os personagens e fatos, datando os fenômenos com precisão aos moldes de uma história dos indivíduos, em especial o capítulo sobre a batalha de Lepanto em 7 de outubro de 1571, assim como a morte de Felipe II, em 13 de setembro de 1598, deixa evidente sua preocupação em inserir estes mesmos fatos e atores em um contexto mais amplo para, de certa forma, destituí-los de importância substancial, mostrando como estes fenômenos e personagens apenas são “espumas das ondas” que carregam profundamente e em silêncio a história.

As durações utilizadas nesta terceira parte de sua tese são as da história tradicional. Não há inovação quanto às durações, ainda que a forma como Braudel desenvolveu os temas causou grande repercussão, posto que trata-se de um exemplar trabalho historiográfico, entretanto, este ponto não diz respeito a nossa proposta, que consiste em investigar a questão da temporalidade histórica. O único ponto que pode ser relacionado ao nosso trabalho nesta terceira parte é a forma como Braudel retoma constantemente as partes anteriores de sua tese para continuamente afirmar uma relativa desimportância das durações de curto fôlego.

Assim Braudel dividiu sua grande tese, de forma tripartida. Como é comum entre as publicações dos historiadores ligados ao grupo dos Annales, não há grandes considerações teóricas sobre a forma como o livro foi dividido. Apenas cerca de dez anos depois, em 1958, é que Braudel publica na revista dos Annales o artigo intitulado “História e Ciências Sociais: a longa duração”. É neste artigo que estão melhor apresentados os métodos de divisão tripartida aplicada a sua tese. Uma análise pormenorizada deste artigo pode iluminar a leitura de “*La méditerranée...*”, assim como proporcionar uma melhor visão da posição de Braudel em relação às durações históricas.

---

<sup>76</sup> BRAUDEL, Fernand. “La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II. Extrait de la préface.”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* p. 12.

“E, finalmente, a terceira parte, a da história tradicional, necessária se pretendemos uma história não à dimensão do homem mas do indivíduo, uma história de acontecimentos à maneira de Paul Lacombe e François Simiand, isto é, a da agitação de superfície, as vagas levantadas pelo poderoso movimento das marés, uma história com oscilações breves, rápidas, nervosas. Ultra-sensível por definição, o menor movimento activa todos os instrumentos de medida. Com todas estas características, é de todas a mais apaixonante, a mais rica em humanidade, e também a mais perigosa. É necessário desconfiar desta história ainda quente, tal como os contemporâneos a sentiram, descreveram e viveram, segundo o ritmo de suas próprias vidas, breves como a nossa. Esta história tem a dimensão das cóleras, sonhos e ilusões dos seus contemporâneos.”

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Filipe II. Op. Cit.* 1º vol. P. 25.

### 2.3. Algumas leituras de “O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II”

Neste ítem buscaremos avaliar como alguns pesquisadores discutiram a “dialética da duração” braudeliiana em sua tese *O Mediterrâneo...*, seja logo após sua publicação, seja em artigos mais recentes. A extensa bibliografia sobre o tema nos obriga a restringir nossa pesquisa aos textos que se inserem em nossa discussão de forma mais direta e aprofundada, textos que incidem especificamente sobre a discussão acerca da “dialética da duração” aplicada à tese braudeliiana em detrimento de milhares de outros que versam sobre a importância de Fernand Braudel e mesmo dos *Annales* na historiografia do século XX e XXI. É certo que partindo desta delimitação, o presente levantamento é incontornavelmente lacunar. Todavia o foco da pesquisa será mantido. Vale ressaltar também que faremos este levantamento de forma menos aprofundada, posto que apesar da delimitação que atribuímos ao presente trabalho, ainda assim a bibliografia é bastante extensa<sup>77</sup>.

Começamos discutindo um excelente artigo introdutório sobre Braudel e as durações, escrito por dois antropólogos: Ulysses Santamaria, importante pesquisador associado a *Maison des Sciences de L'Homme* e dedicado ao tema do tempo na história<sup>78</sup>, e de Anne M. Bailey, antropóloga americana também dedicada ao tema<sup>79</sup>. O artigo em questão, escrito em parceria é intitulado “A Note on Braudel’s Structure as Duration”<sup>80</sup>. Em verdade, trata-se de um artigo capaz de situar a discussão sobre as estruturas braudelianas de forma bastante clara e sucinta. Importante notar a ênfase que os autores atribuem às durações como fundamentais

---

<sup>77</sup> Alguns textos ficaram de fora da atual discussão devido à: serem apresentados em outros momentos da dissertação, com citações diretas ou não; por apresentarem apenas de forma indireta a questão do tempo histórico em Braudel; por reproduzirem literal ou parcialmente as considerações contidas nos textos que vamos de fato avaliar; pela dimensão que o atual trabalho sustenta. Alguns dos principais textos que poderiam aqui serem analisados, mas se enquadram em alguma das condições acima são: toda a obra de José Carlos Reis, Carlos Antonio Aguirre Rojas e Imanuel Wallerstein sobre Fernand Braudel; artigos como: AYMARD, Maurice. “The Annales and French Historiography (1929-72)”. *Journal of European Economic History*. Vol. 1, n° 2, 1972.; REVEL, Jacques. “The Annales: Continuities and Discontinuities”. *Review*. vol. 1, 1978.; FERGUSON, Priscilla Parkhurst. “Braudel’s Empire in Paris”. *Contemporary French Civilization*. Vol. 12, 1988.; FOURQUET, François. “Un nouvel espace-temps”. In: AYMARD, M. *et al. Lire Braudel*. Paris : Editions la Découverte, 1988.; TREVOR-ROPER, H. R. “Fernand Braudel, the Annales, and the Mediterranean”. *Journal of Modern History*. Vol. 44. N° 4, 1972.; KELLNER, Hans. “Disorderly Conduct: Braudel’s Mediterranean Satire”. *History and Theory*. Vol. 8, 1979.; BURKE, Peter. “Fernand Braudel”. *The Historian at Work*. J. Cannon (ed.), London : Allen an Unwin, 1980.; MAKKAI, László. “Ars Historica: On Braudel”. *Review*. Vol. 6, 1983.; KAPLAN, Steven Laurence. “Long-run Lamentations: Braudel on France”. *Journal of Modern History*. Vol. 63, 1991.; entre outros. Todos estes textos foram lidos e utilizados, de uma forma ou outra, para a execução do atual trabalho.

<sup>78</sup> Do mesmo autor, mas tratando o tempo em outras correntes historiográficas como o marxismo e a escola metódica, ver também: SANTAMARIA, Ulysses. “Time, history and revolution”. *Dialectical Anthropology*. Volume 11, Number 1 / March, 1986.

<sup>79</sup> Da mesma autora, ver também: BAILEY, Anne M. “The Making of History: Dialectics of Temporality and Structure in Modern French Social Theory”. *Critique of Anthropology*. Vol. 5, No. 1, 7-31, 1985.

<sup>80</sup> BAILEY, Anne M.; SANTAMARIA, Ulysses. “A Note on Braudel’s Structure as Duration”. *History and Theory*. Vol. 23, 1984. Pp. 78-83.

para a definição de estrutura em Braudel e, em consequência, sobre como estas mesmas estruturas, segundo os autores, têm exclusivamente a função de limitadoras da ação humana, agindo como barreiras para os homens. Certamente, esta consideração vai de encontro com a antropologia americana, inspirada por Franz Boas, na qual a noção de tempo, ao menos a de evolução, não tem valor heurístico<sup>81</sup>. É confuso, portanto, saber se se trata de uma crítica ou elogio. Enfim, apesar de não apresentar nada de novo no que já discutimos anteriormente, não poderíamos deixar de citar este artigo, posto que é o melhor trabalho de caráter introdutório ao tema com que tivemos contato.

Um segundo artigo, este bastante longo e com muitos esclarecimentos novos é “Annaliste Paradigm? The Geohistorical Structuralism of Fernand Braudel”, de Samuel Kinser<sup>82</sup>. Possivelmente devido aos seus vários estudos dedicados a Rabelais, Kinser acabou por se interessar pelos métodos dos *Annales*. Não se trata, todavia, de um artigo que tende a realçar as conquistas metodológicas de Braudel; em verdade, Kinser é bastante enfático ao afirmar que a história econômica e social apresentada por Braudel em sua tese não é, em absoluto, revolucionária, já que esta história já era velha mesmo na época do lançamento da Revista dos *Annales*, em 1929. Para tanto, afirma que Paul Vidal de La Blache e Henri Pirenne, no que diz respeito ao tempo geográfico e ao tempo do social respectivamente, já produziam este tipo de história bem antes. É certo que a influência de La Blache é indiscutível, assim como a de Pirenne, que foi convidado duas vezes por Febvre e Bloch para dirigir a Revista dos *Annales*, mas nos parece um pouco exagerado descreditar totalmente a produção braudeliiana em favor de suas inspirações. Kinser afirma ainda que Braudel nem mesmo passou pelas, segundo ele, mais importantes inovações dos fundadores dos *Annales* que seriam as análises da agricultura e da produção na Idade Média de Marc Bloch, assim como não utiliza a pedra de toque febvriana dos “instrumentais mentais”.

Braudel, influenciado por la Blache, trata os espaços como seres vivos. Assim ele o fez com o mediterrâneo. Os homens para Braudel são apenas uma inteseção do espaço-tempo, um lugar de determinação, enquanto o verdadeiro ator, capaz de realizar mudanças de costumes e atitudes, é o espaço. Dessa forma, segundo o autor, Braudel estaria radicalizando o discurso vidaliano. Contudo, vale lembrar que se esta constatação remete a algum tipo de determinismo geográfico, devemos antes ligar esta relação de Braudel com a geografia não por meio de la Blache e sim do geógrafo alemão Fredrich Ratzel, o qual Braudel cita várias vezes, em diversos textos.

---

<sup>81</sup> Esta afirmação está em LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural. Op. Cit.* P. 324.

<sup>82</sup> *American Historical Review*. Vol. 86, 1981. PP. 63-105.



Kinser afirma que a geo-historia braudeliana é fundamentada por três pressupostos definidos por la Blache, a saber: que os objetos da geo-história são sempre bastante específicos e ligados a condições elementais e ecológicas; que os processos geo-históricos se desenvolvem lentamente e devido a isso se parecem com uma “história imóvel”; e, por fim, que geo-história é fundamental para outros processos históricos. Estas afirmações são facilmente encontradas nos discursos braudelianos, mas la Blache não as tratava exatamente nestes termos. Para ele, estas seriam as bases para uma “nova geografia” e não uma “nova história”.

Apesar das ligações entre Braudel e la Blache, as quais são bastante conhecidas, Kinser afirma uma outra ligação intelectual que, segundo ele, foi tão importante para Braudel quanto o próprio la Blache e Henri Pirenne. Estamos falando de Gaston Roupnel e principalmente de sua obra *Histoire et Destin*<sup>83</sup>. Curiosamente, esta obra teve sua primeira edição somente em 1943, quando Braudel já estava em vias de terminar sua tese, além do cárcere. Todavia, Kinser afirma que os trabalhos de Roupnel, la Blache e Braudel seguem um mesmo esquema histórico, um mesmo código semântico. Assim temos: estória (sic) como história (Roupnel), eventos ordinários (la Blache) e história total (Braudel); forças resistentes (Roupnel), regulação geográfica das oscilações históricas (la Blache) e ritmo lento, correntes profundas (Braudel); fatos estruturais e manutenção do equilíbrio social (Roupnel), fatores fundamentais (la Blache) e geo-história, história de movimentação lenta (Braudel); e, por fim, construção da sociedade humana por meio da história profunda (Roupnel), nação como personagem vivo (la Blache) e o mar mediterrâneo como dominador das ações históricas (Braudel). Essa relação produzida por Kinser, apesar de fundamentada, nos parece forçar uma identificação de perspectivas próximas, mas não plenamente iguais, como propõe o autor. Vale lembrar que as referências braudelianas da geografia de Vidal de la Blache partem, muitas vezes, da leitura que Lucien Febvre faz dessa nova geografia, mesmo porque Braudel se negou a tomar partido na querela das geografias (de la Blache e Ratzel), enquanto Febvre se posicionou categoricamente em favor do primeiro. Assim, não podemos diminuir a força dos fundadores dos *Annales* no pensamento de Braudel, isto quer dizer que, ainda que este tenha tido, e certamente teve, contato direto com as obras de la Blache, Pirenne ou mesmo Roupnel, estas leituras foram balizadas pela primeira apropriação que Febvre e Bloch fizeram destas obras. É comum, entre os trabalhos que versam sobre a obra de Braudel, minimizar a importância do pensamento de Febvre e Bloch em seus trabalhos, ressaltando apenas as

---

<sup>83</sup> ROUPNEL, Gaston. *Histoire et Destin*. Paris : Grasset, 1943.

ligações externas, interdisciplinares. Digamos que, adaptando ao nosso contexto uma metáfora do próprio Braudel, estes autores que se dedicam a sua obra tendem a se focar no que há de mais brilhante, nas interações “novas” entre história e as outras ciências do homem, como as luzes do vagalume, sem se preocuparem com que há de mais profundo, mais invariavelmente presente, como o pensamento de seus pais intelectuais Febvre e Bloch, ou a própria escuridão da noite, onde os flashes dos vagalumes são apenas as espumas das ondas e não as correntes profundas.

Por fim, vale ressaltar ainda um último elemento do artigo de Kinser, que remete a outra fase da atual pesquisa: a diferenciação entre dois significados de estrutura para Braudel, um ligado diretamente às observações empíricas, ao que há de mais constante na vida humana, e outro ligado ao sistema interno, teórico e generativo modelar. É uma outra forma de apresentar o “atual” e o “virtual” deleuziano. Neste segundo sentido, Kinser afirma que Braudel não cria modelos baseados exclusivamente na observação, mas utiliza três “metasígnos” – tempo, espaço e o homem – como limites dos modelos, garantido a historicidade de todo o resto compreendido entre estes termos. O artigo que acabamos de apresentar não é absolutamente, como o primeiro, introdutório: trata-se de uma pesquisa bastante aprofundada, e em muitos pontos inova as leituras mais comuns da obra braudeliana. Ainda assim, devemos notar que por muitos momentos, o autor produz conclusões apressadas, que não levam em conta a bibliografia básica para um estudo focado nos *Annales*. Os nomes de Lucien Febvre e Marc Bloch aparecem apenas de relance e mesmo os artigos centrais de Braudel não são citados, afunilando a pesquisa somente no sentido da tese *O Mediterrâneo...*

Passemos, portanto, aos dois textos considerados por muitos dos estudiosos da obra de Braudel como os que apresentam as maiores críticas à sua obra<sup>84</sup>.

O primeiro deles, bastante curto e direto, com duas críticas centrais, mas as mais contundentes possíveis: Bernard Bailyn, em seu artigo “Braudel’s Geohistory – A Reconsideration”, afirma que, em primeiro lugar, as partes do “mundo” mediterrânico braudeliano, que estão de fato todas lá, não se relacionam, mantem-se inertes sem interação. Trata-se do que o próprio Braudel afirma no prefácio da segunda edição de sua tese, que se as partes não formam um todo, que ao menos cada uma delas forme uma boa história. Segundo Bailyn, a exaustiva busca pela totalidade da vida mediterrânica se perde diante do imenso

---

<sup>84</sup> BAILY, Bernard. “Braudel’s Geohistory – A Reconsideration”. *Journal of Economic History*. Vol. 11, 1951.; e  
HEXTER, J. H. “Fernand Braudel and the *Monde Braudélien...*”. *Journal of Modern History*. Vol. 44, nº 4, 1972.

volume de informações, mas o objetivo, a saber, de uma história total do mediterrâneo, não é alcançado, posto que a compartimentação da unidade da vida se perde nas três divisões propostas por Braudel. Assim, a contínua tentativa de mostrar que a história se passa em três níveis diferentes, acaba por desembocar numa proposta exclusivamente metodológica que perde o foco da pesquisa e se mostra incapaz de abarcar a unidade das partes. Quanto a esta crítica, acreditamos não estarmos habilitados a questioná-la e nem mesmo a apoiá-la, posto que nossa pesquisa tem como objetivo justamente apresentar as diferentes formas de apresentação do tempo histórico. Mas se Braudel abordou este problema no prefácio à segunda edição de sua tese, é possível que tenha sido uma crítica absorvida e aceita pelo próprio autor.

A segunda crítica diz respeito a um dos pilares do pensamento dos *Annales*: a história problema. Segundo Bailyn, Braudel sugere uma questão poética a um problema histórico. A afirmação é baseada simplesmente no que Braudel diz logo no início de seu trabalho, a saber, que é apaixonado pelo Mediterrâneo por ser um homem do norte (da França). Assim, seu trabalho seria fundamentado na afeição e com características de um drama. A formulação de um problema histórico válido se perderia nesse envolvimento pessoal com seu tema. O autor do artigo ainda compara a tese de Braudel com uma das obras de Marc Bloch, afirmando que este parte sempre de problemas muito bem colocados, como em *A Sociedade Feudal*, onde a questão “qual foi a natureza da sociedade feudal?” é colocada logo de início. Mas Braudel responde categoricamente a esta questão, como já citamos anteriormente, afirmando que seu maior problema, o único a resolver, é mostrar que o tempo viaja com velocidades diferentes.

Já o artigo de Hexter, bastante completo, levanta várias críticas, talvez por ter sido escrito cerca de 23 anos após a publicação da primeira edição da tese de Braudel, e que comporta inclusive uma comparação entre a primeira e a segunda edição da obra. O autor começa o artigo já com uma questão neste sentido: o que fez de *O Mediterrâneo...* um clássico em 1949, e o fez novamente em sua segunda edição de 1972? Na primeira parte do artigo, recheada de gráficos e estatísticas, Hexter faz um levantamento comparativo entre a primeira e a segunda edição de *O Mediterrâneo...*, sob aspectos diversos: número de páginas, mapa da distribuição da obra, outros trabalhos baseados nela, volume de vendas; e sobre o próprio grupo dos *Annales* no período, direção da revista, editores e secretários editoriais, volume de publicações de revistas de história econômica e social; enfim, um belo estudo sobre a relação entre a obra braudeliana e os *Annales*, de 1949 à 1972.

Em seguida, Hexter apresenta alguns outros elementos positivos do trabalho braudeliano como sua eficaz persistência em manter o programa dos fundadores dos *Annales*

em primeiro plano, principalmente no que diz respeito às relações entre a história e as outras ciências sociais. Também cita, segundo o autor, as críticas válidas que Braudel faz ao uso do tempo por parte dos antropólogos, assim como realiza uma leitura do artigo de 1958, afirmando que logo após a morte de Febvre e a nomeação de Braudel para a direção da revista, a primeira publicação dele é o artigo em que apresenta as sistematizações da dialética da duração. Sabemos que, além de ter assumido a direção da revista, Braudel também publica este artigo em resposta à Claude, Lévi-Strauss, como discutiremos mais adiante. A exposição que Hexter faz das três durações braudelianas também é bastante claro e completo. Até por volta da metade do artigo, temos a impressão que o autor faz uma apologia à obra braudelianiana, mas quando Hexter começa a relacionar as falhas que encontra na obra de Braudel, vemos que seu trabalho é bem mais sério que isso.

Por serem muitas e bastante diversas, apresentaremos as críticas que Hexter faz a obra de Braudel em forma de tópicos:

- A primeira delas diz respeito à documentação que Braudel utiliza em sua tese. Segundo Hexter, Braudel utiliza alguns documentos múltiplas vezes para provar pontos que os documentos em questão, em tese, não provam. Assim, o leitor crítico pode ser alertado no sentido que Braudel “não avalia meticulosamente as evidências e a documentação”<sup>85</sup>. Hexter afirma, por exemplo, que Braudel peca ao citar a biografia de William Shakespeare escrita por Victor Hugo em um trabalho histórico, entre outros documentos que, segundo o autor, não são aplicáveis.
- Hexter lista várias críticas à forma como Braudel tratou os números. Segundo o autor, Braudel não acreditava plenamente em suas próprias estatísticas, mas estava encantado com as possibilidades abertas pelas novas matemáticas aplicadas aos estudos históricos. Assim, muitas de suas medidas numéricas, sejam estas de tonelagem, quantidade de navios, problemas demográficos, valores das moedas correntes e porcentagens em geral são discutíveis.
- Outro ponto deste inquérito diz respeito à personificação dos territórios e do próprio tempo. Assim, por exemplo, Constantinopla tinha a “determinação de impor a colonização, organização e planejamento”<sup>86</sup> sobre os Otomanos. Ainda o tempo é personificado: o século XVI, por exemplo, não teria a coregem nem a força necessárias para erradicar problemas já antigos das grandes cidades<sup>87</sup>.

---

<sup>85</sup> HEXTER, J. H. “Fernand Braudel and the *Monde Braudélien*...” *Op. Cit.* P. 509.

<sup>86</sup> *Id. Ibid.* P. 513.

<sup>87</sup> *Id. Ibid.*

- Hexter afirma que existe uma necessidade urgente de apresentações de tabelas das moedas, pesos e medidas diversas da região mediterrânea do século XVI, tabelas que de fato não se encontram na tese de Braudel.
- Também que fala que a tese braudeliiana não falha ao escrever todas as 1100 páginas de sua obra, mas que o volume só é tamanho porque Braudel “cannot resist all the lovely irrelevant or quasi-irrelevant details that his researches brought into his net”<sup>88</sup>.
- Hexter critica também a história problema, um dos pilares metodológicos dos *Annales*. Afirma que Braudel não propõe perguntas ao seu objeto de forma clara como o faziam Febvre e Bloch. E termina com a hipótese de que Braudel “cria” o problema das durações para se esquivar da suposta falha.
- Creditando a crítica precedente formulada por Bailyn, afirma que as três partes da obra não se relacionam.
- Por fim, Hexter escreve que as três divisões temporais estão ligadas *arbitrariamente* aos seus recortes temáticos, a saber: a longa duração com a geografia; a média duração com a economia e o social; e a curta duração com a política.

As críticas de Hexter à tese de Braudel são, como pudemos notar, bastante variadas e contundentes. Contudo, algumas delas se apresentam um pouco exageradas, mas outras não. Na sequência de nosso trabalho buscaremos avaliar em que medida estas críticas são procedentes ou não.

Contudo, devemos notar que uma outra leitura, esta que já está, de certa forma, diluída ao longo do trabalho, não se foca em criticar a tese de Braudel, mas sim busca apontar questões que estão lá presentes, mas de forma latente; ou seja, mostra as inovações metodológicas implícitas de *O Mediterrâneo...*, todavia num sentido diverso do que o próprio Braudel fez em seu artigo de 1958. Estamos nos referindo à obra de Paul Ricoeur, *Tempo e Narrativa*<sup>89</sup>.

A discussão produzida por Ricoeur vai muito além das questões ligadas ao tempo em Braudel. Trata-se de um trabalho de exaustiva pesquisa, relacionando diversas tendências literárias, históricas e filosóficas. Não podemos almejar discutir toda esta obra; nos cabe apenas comentar, com muita prudência, alguns pontos que se ligam diretamente com nossa pesquisa.

<sup>88</sup> HEXTER, J. H. “Fernand Braudel and the *Monde Braudélien...*” *Op. Cit.* P. 516. “(Braudel) não é capaz de resistir a todos aqueles amáveis irrelevantes ou quase irrelevantes detalhes que sua pesquisa lhe trouxe”.

<sup>89</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. tradução Marina Appenzeller. Campinas : Papirus, 1994-1997. 3V.

Um ponto bastante importante da obra em questão discorre sobre a história total da tese braudeliana. Para Ricoeur, que fundamenta praticamente todas suas afirmações em citações diretas de Braudel, *O Mediterrâneo...* não é simplesmente uma história global, esta que se contentaria apenas com as estruturas estáveis e as evoluções lentas, mas é total, posto que é “coroadada” por uma história dos acontecimentos, da política e dos homens. Assim, toda a estrutura da obra se mantém estável, e necessariamente uma parte se liga a outra. Ainda neste sentido, a terceira parte da tese braudeliana “não é de modo algum uma concessão à história tradicional”<sup>90</sup>, mas sim uma parte de um conjunto indissociável.

O que Braudel faz de mais surpreendente em sua terceira parte de *O Mediterrâneo...* é estruturar a história dos acontecimentos. Com isso, os acontecimentos não são apenas divididos em períodos – Ricoeur critica aqui “todos” os historiadores, que segundo ele agem dessa forma –; os acontecimentos estão enraizados nas estruturas e conjunturas apresentadas anteriormente. Assim como nas fases anteriores da pesquisa Braudel recorre aos acontecimentos e indivíduos para testemunhar as estruturas e conjunturas, na terceira parte de sua tese o autor convoca aquelas estruturas e conjunturas para situar os acontecimentos em uma história profunda, que pode se sobrepor a estes mesmos acontecimentos e indivíduos. Portanto, o homem e os acontecimentos não têm uma posição tão secundária quanto alguns leitores de Braudel propõem. A função destes elementos é que é modificada, de uma forma “estática” no tempo para uma “dialética das durações”. Nota-se que a “dialética da duração” vai muito além de uma simples divisão do tempo em vários ritmos; trata-se de uma fusão de durações e objetos de análise, de estruturas e acontecimentos que se entrelaçam e legitimam uns aos outros, bastante correlacionados e, a revelia das críticas que apresentamos anteriormente, indissociáveis.

É certo que existe uma proposta bastante definida por trás destes apontamentos que Ricoeur produz sobre a obra de Braudel. Ricoeur parte da tese que as três partes da obra de Braudel formam uma “quase-intriga” virtual, ou uma “intriga no sentido amplo de Paul Veyne”<sup>91</sup>. Não há, contudo, nesta afirmação, a indicação de uma leitura parcial ou direcionada da obra braudeliana. Segundo Ricoeur:

---

<sup>90</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa. Op. Cit.* P. 303.

<sup>91</sup> *Id. Ibid.* P. 305.

Evitaremos adentrar na longa discussão sobre a noção de intriga que engloba, desde Aristóteles até pensadores atuais. Apesar de estar tangenciando nossa pesquisa, a discussão do tema não cabe aqui. Citaremos apenas uma definição concisa, mas bastante esclarecedora sobre a intriga e que se integra apropriadamente ao nosso trabalho.

“A intriga é a reconstituição dos acontecimentos por meio da interligação de várias séries históricas. O historiador precisa estabelecer a ligação entre os acontecimentos, narrando-os. Assim, a intriga, como função da descrição de acontecimentos, estende a

Seria um erro limitar ao terceiro nível o parentesco da obra com o modelo narrativo da tessitura da intriga: perderíamos assim o principal benefício desse trabalho, que é o de abrir uma carreira nova para a noção de intriga e, por isso mesmo, para a de *acontecimento*. [...] Uma intriga deve comportar não somente uma ordem inteligível, mas uma extensão que não deve ser excessiva sob a pena de não poder ser abarcada com o olhar [...] ora, o que delimita a intriga do Mediterrâneo? Pode-se dizer, sem hesitar: o declínio do Mediterrâneo como herói coletivo na cena da história mundial. O fim da intriga, quanto a isso, não é a morte de Felipe II, é o fim do confronto dos dois colossos políticos e o deslocamento da história em direção ao Atlântico e à Europa do Norte.<sup>92</sup>

O epíteto “virtual” que Ricoeur atribui à quase-intriga da tese braudeliana se dá por um motivo específico: por ser formada por planos temporais distintos, a tese de Braudel apenas sugere uma imagem implícita do todo, por meio das interferências que existem entre os diferentes planos temporais. Assim, obtém-se uma quase-intriga *virtual*, posto que a obra está dividida em sub-intrigas. Ricoeur afirma que é o didatismo pretendido por Braudel que faz com que a obra seja dividida em três partes; a divisão da obra em três níveis é a forma que Braudel encontrou para fazer-se inteligível. Ricoeur ainda cita que, diferentemente do que fez Braudel, um romancista como Tolstói teria abarcado o todo da pesquisa sobre o Mediterrâneo em uma única narrativa, se a tivesse feito.

Para finalizar, vale citar um trecho em que Ricoeur define categoricamente as decorrências da tripartição temporal de *O Mediterrâneo...*:

Finalmente, Braudel, por seu método analítico e disjuntivo, inventou um *novo tipo de intriga*: se é verdade que a intriga é sempre, em algum grau, uma síntese do heterogêneo, a intriga virtual do livro de Braudel, conjugando temporalidades heterogêneas, cronologias contraditórias, ensina-nos a conjugar estruturas, ciclos e acontecimentos. Essa estrutura virtual permite, contudo, arbitrar entre duas leituras opostas de *O Mediterrâneo...* A primeira subordina a história factual à história de longo prazo, e o longo prazo ao tempo geográfico: o acento principal recai então sobre o Mediterrâneo; mas, então, o tempo geográfico corre o risco de perder seu caráter histórico. Para a segunda leitura, a história permanece histórica na medida em que o próprio primeiro nível é qualificado como histórico por sua referência ao segundo, e em que o segundo deriva sua qualidade histórica de sua capacidade de carregar o terceiro: o acento recai então em Felipe II; mas a história factual é privada do princípio de necessidade e de probabilidade que Aristóteles vinculava a uma intriga bem feita. A intriga que envolve os três níveis dá um direito igual às duas leituras, e as faz se cruzarem na posição mediana da história de longo prazo, que se torna, então, o ponto de equilíbrio instável entre as duas leituras.<sup>93</sup>

---

tarefa narrativa além da definição do objeto histórico, exigindo que seja abordada a problemática da causalidade histórica”.

CARDOSO JR, Hélio Rebello. *Enredos de Clío: pensar e escrever a história com Paul Veyne*. SÃO PAULO: UNESP, 2003. P. 48.

Para uma leitura direta sobre a noção de intriga em Paul Veyne ver: VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 4ª Ed. Brasília : Unb, 1998.

<sup>92</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Op. Cit. P. 305.

<sup>93</sup> *Id. Ibid.* P. 309.

**Capítulo 3:**  
A “dialética da duração” de Fernand Braudel



### 3.1. “História e Ciências Sociais: a longa duração”.

A partir deste ponto discutiremos o artigo publicado em 1958 por Braudel na Revista dos *Annales*, sob a conhecida rubrica desta revista *Débats et Combats*. Como o próprio autor afirma, as páginas deste texto são um chamado ao debate, a discussão necessária que envolve os problemas relativos às durações em história e nas ciências sociais. Buscaremos executar uma investigação pormenorizada do conteúdo do artigo, as formulações mais diretas de Braudel sobre a questão do tempo. Este artigo longo, quase quarenta páginas, marca a apresentação teórico-metodológica da longa duração, até então praticada, mas nunca teorizada pelos autores ligados ao grupo dos *Annales*. Esperamos também, por meio deste artigo, melhor elucidar o sentido da expressão “dialética das durações” que Braudel utiliza para referir-se a forma como trabalha os tempos históricos.

De forma categórica, Braudel dedica este texto não aos historiadores, mas aos cientistas sociais que, segundo o autor, devem prestar atenção especial à dialética da duração, ao tempo histórico tal como utilizado pelos historiadores ligados ao grupo dos *Annales*. Braudel apresenta o texto da seguinte forma:

Je parlerai donc longuement de l’histoire, du temps de l’histoire. Moins pour les lecteurs de cette revue, spécialistes de nos études, que pour nos voisins des sciences de l’homme: économistes, ethnographes, ethnologues (ou anthropologues), sociologues, psychologues, linguistes, démographes, géographes, voire mathématiciens sociaux ou statisticiens – tous voisins que, depuis de longues années, nous avons suivis dans leurs expériences et recherches parce qu’il nous semblait (et il nous semble encore) que, mise à leur remorque ou à leur contact, l’histoire s’éclaire d’un jour nouveau. Peut-être. À notre tour, avons-nous quelque chose à leur rendre. Des expériences et tentatives récentes de l’histoire, se dégage – consciente ou non, acceptée ou non – une notion de plus en plus précise de la multiplicité du temps et de la valeur exceptionnelle du temps long. Cette dernière notion, plus que l’histoire elle-même – l’histoire aux cent visages – devrait intéresser les sciences sociales, nos voisins.<sup>94</sup>

---

<sup>94</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire. Op. Cit.* P. 43. “Falarei, pois, longamente da história, do tempo da história. Menos para os leitores dessa revista, especialistas em nossos estudos, que para nossos vizinhos das ciências do homem: economistas, etnógrafos, etnólogos (ou antropólogos), sociólogos, psicólogos, linguístas, demógrafos, geógrafos, até mesmo, matemáticos sociais ou estatísticos – todos vizinhos que, há longos anos, seguimos nas suas experiências e pesquisas porque nos parecia (e ainda nos parece), que, colocada a seu reboque ou a seu contato, a história se ilumina com uma nova luz. Talvez, de nossa parte, tenhamos alguma coisa a lhes dar. Das experiências e tentativas recentes da história, desprende-se – consciente ou não, aceita ou não – uma noção cada vez mais precisa da multiplicidade do tempo e do valor excepcional do tempo longo. Essa última noção, mais que a própria história – a história das cem faces – deveria interessar às ciências sociais, nossas vizinhas.”

O final da citação anterior mostra como Braudel procura fazer-se útil às ciências sociais, não pelo conteúdo histórico, mas por indicações teórico-metodológicas que apresenta no texto. As considerações sobre a longa duração e a interação entre os tempos históricos que Braudel utilizou na feitura de sua tese, são, segundo ele, o caminho para uma unificação: “Qu’il s’agisse du passé ou de l’actualité, une conscience nette de cette pluralité du temps social est indispensable à une méthodologie commune des sciences de l’homme”<sup>95</sup>. As pretensões do texto, portanto, vão muito além da demonstração das diferentes temporalidades históricas: tem um teor de programa, pretende cumprir a função de elo entre as diferentes ciências do homem por meio da unificação da temporalidade histórica, indispensável, segundo o autor, a todas estas ciências.

Braudel inicia o texto versando sobre a crise geral em que se encontram as ciências do homem na década de quarenta e cinquenta, e sobre este ponto reconhece quatro itens que configuraram a situação de então: estas ciências estariam, em primeiro lugar, esmagadas sobre o próprio progresso, devido à rápida produção de novos conhecimentos; em segundo lugar, faltava ainda colocar em prática o já bastante discutido, mas pouco executado trabalho coletivo, que em outra passagem Braudel apresenta como essencial para tirar os intelectuais de seus ofícios, confinados em escritórios, e também como meio invariável para efetuar o projeto de uma história total, ligando as várias ciências do homem e suas parcelas de contribuição em um único fim; em terceiro lugar, formar uma organização inteligente, ainda por erigir, para, desta forma, pôr em prática o projeto do item anterior e, por fim, libertar as ciências do homem do quadro de um humanismo retrógrado que não pode mais servir como parâmetro. O elemento chave para a argumentação inicial de Braudel é a denúncia das separações danosas das ciências do homem, em favor do estudo coletivo, projeto já executado pelos primeiros *Annales*, mas teorizado neste artigo por Braudel, projeto baseado na interdisciplinaridade e colaboração mútua. As barreiras que separam as ciências passam, na época da publicação do texto, segundo o autor, por um momento de acentuado destaque: “Les voilà, à l’envi, engagées dans des chicanes sur les frontières qui les séparent, ou ne les séparent pas, ou les séparent mal des sciences voisines.”<sup>96</sup>

---

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 44.

<sup>95</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 43. “Que se trate do passado ou da atualidade, uma consciência clara dessa pluralidade do tempo social é indispensável a uma metodologia comum das ciências do homem”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 43.’

<sup>96</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 41.

Em uma das passagens mais significativas do texto de Braudel, o autor versa sobre a necessidade das ciências sociais de reconhecer o progresso da historiografia, desde a década de trinta até o período em que o artigo foi escrito, progresso relacionado a uma nova observação do tempo histórico. Escreve sobre o desconhecimento das ciências sociais em relação à história e a longa duração, posto que os textos de sociólogos e antropólogos que buscavam relacionar o tempo das ciências sociais com o tempo histórico, assim como o fez o próprio Braudel, apresentavam a história como ainda acorrentada à duração curta da história dita positivista, sem levar em conta o projeto dos *Annales*. Braudel define a importância das diferentes durações e apresenta o historiador como portador do privilégio de manejar o tempo de forma mais aplicada do que os profissionais das ciências vizinhas. Novamente o autor afirma que a consciência de uma “pluralidade do tempo” é invariavelmente necessária a uma metodologia comum das ciências do homem. Esta é a principal justificativa do texto de Braudel.

Após a apresentação do artigo, Braudel divide o restante do texto em quatro subitens, o primeiro deles intitulado “História e Durações”. Neste subitem, o autor procura definir pormenorizadamente as três durações que utilizou na formulação de sua tese, sempre recorrendo a exemplos e discutindo suas posições com outros autores. Curiosamente, a ordem em que Braudel expõe as durações (longa duração, ciclos de média duração e eventos) está invertida em relação à sua tese. Começa versando sobre o tempo curto dos eventos para, em seguida, passar aos tempos mais alargados das outras durações. Como já apresentamos, esta opção de leitura invertida dos tempos históricos foi sugerida por críticos de sua obra para a leitura de sua tese. Esta inversão da apresentação dos tempos históricos no início do subitem em questão, no entanto, é seguida de uma colocação que possivelmente desabilita uma reconsideração de Braudel quanto à ordenação dos tempos históricos: “Peu important ces formules; en tout cas c’est de l’une à l’autre, d’un pôle à l’autre du temps, de l’instantané à la longue durée que se situera notre discussion”<sup>97</sup>.

Apesar de buscar “acantonar” a palavra evento na duração curta em sua tese, Braudel segue, no artigo apresentado, uma verificação sobre esta palavra na qual o conceito vai muito

---

“Ei-las, à porfia, empenhadas em chicanas sobre as fronteiras que as separam, ou não as separam, ou as separam mal das ciências vizinhas.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 42.

<sup>97</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 45.

“Pouco importam essas fórmulas; em todo caso, é de uma à outra, de um pólo ao outro do tempo, do instantâneo à longa duração que se situará nossa discussão.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 44.

além do simples tempo curto. Nesta passagem, Braudel apresenta a possibilidade do evento, principalmente segundo a interpretação de filósofos, ligar-se livremente a muitos outros eventos, numa cadeia infinita, que apresenta relações diversas além das de causa e efeito. Para tanto, exemplificando estas totalidades do homem e da história em eventos que se ligam infinitamente, Braudel cita a contribuição de Benedetto Croce e, num período contemporâneo à escrita do artigo, cita também a obra *Questions de Méthode*, de Jean-Paul Sartre<sup>98</sup>. Sobre como decidir o que é, de fato, justo ou não ligar a determinados eventos, Braudel chama “jogo inteligente e perigoso”, jogo que ele mesmo praticou somente com ressalvas em sua tese, quando relacionava eventos da terceira parte da obra com questões anteriormente discutidas nas duas primeiras partes. Após considerar conceitualmente o “evento”, Braudel segue afirmando que o que busca em seu artigo não é uma discussão teórica sobre o conceito de evento, mas sim uma apresentação do que significa para o historiador o tempo curto, explosivo, das durações das vidas individuais: “le temps court est la plus capricieuse, la plus trompeuse des durées”<sup>99</sup>.

Este tempo curto foi a principal duração utilizada pela história metódica dos séculos XIX e início do XX, após um século (XVIII) que, segundo Braudel, esteve mais atento às questões de durações longas. Caracterizada pela temática política, esta história foi criticada pelos primeiros *Annales* e também por Braudel justamente por sua envergadura temporal. Um dia, um ano, eram medidas suficientes para os historiadores do político. Esta identificação do tempo curto com a história política é, no entanto, apontada por Braudel como falsa: “l’histoire politique n’est pas forcément événementielle, ni condamnée à l’être.”<sup>100</sup> Todavia, décadas de produção historiográfica que ligam o tempo curto à história política, serviram como um estigma e a superação da temporalidade curta do evento pelos *Annales* implicou, ao menos na primeira e segunda geração do grupo ligado à revista, uma sutil<sup>101</sup> negação desta história. Implicou, em segundo lugar, um direcionamento diferente das temáticas de pesquisa histórica.

<sup>98</sup> SARTRE, Jean-Paul. *Questions de méthode*. Paris : Gallimard, 1957.

<sup>99</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 46. “O tempo curto é a mais caprichosa, a mais enganadora das durações.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 46.

<sup>100</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 46. “A história política não é forçosamente ocorrencial, nem condenada à sê-lo.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 46.

<sup>101</sup> Dentre muitos outros exemplos que poderíamos citar para desqualificar esta afirmação, indicaremos apenas a obra de BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra*. São Paulo : Companhia das Letras, 1993., que apresenta uma particular leitura política e de práticas culturais na França e Inglaterra. Quando afirmamos uma sutil negação da história política, referimo-nos à história política como produzida pela tradição da história positivista.

O deslocamento do campo político para uma história mais ligada aos temas econômicos e sociais de, em geral, maior duração, foi fundamental para a vitória do tempo longo. Segundo Braudel, a superação do tempo curto foi o bem mais precioso da historiografia dos últimos cem anos (o artigo foi escrito em 1958). Seja pelas novas temáticas ou pelas interações entre a disciplina histórica e as ciências sociais, notadamente a antropologia, Braudel considerava em 1958 que, de fato, a longa duração tornara-se um indiscutível instrumento dos historiadores, sobrepondo-se, até mesmo, às outras temporalidades históricas.

Braudel segue em seu artigo escrevendo sobre uma nova narrativa histórica, que intitula “recitativo da conjuntura”. Neste ponto, o autor relaciona rapidamente as divisões de durações da economia, os ciclos de média duração. Não focaremos novamente este tema, já que o discutimos anteriormente na análise das durações da segunda parte de sua tese, “*La méditerranée...*”. Vale ressaltar, no entanto, como são ligadas as durações trabalhadas pela economia com a história social. Para tanto, aparece o nome de Ernest Labrousse e seus alunos que, segundo Braudel, sob o signo da quantificação, aplicaram as durações da economia ao campo social, assim como o próprio autor faz na segunda parte de sua tese. Labrousse é por alguns autores<sup>102</sup> considerado membro da primeira fase dos *Annales* e sua importância para a conseqüente história quantitativa é fundamental. Ao alongar as durações da história social, incluindo os tempos da economia, principalmente em sua tese<sup>103</sup> defendida em um departamento de direito e somente depois conhecida pelos historiadores, Labrousse abre caminho para as teses de autores como P. Chaunu, E. Mauro, R. Baherel, P. Vilar, Le Roy Ladurie, A. Daumard, entre outros. Segundo Braudel, esta história cíclica quantitativa deveria “evoluir” naturalmente para uma história de maior fôlego, que incluísse movimentos seculares de longa duração, mas, ao contrário, “regride” a velha história econômica e social de curta duração. Braudel é enfático ao criticar as últimas obras de Labrousse; após relacionar com receio as obras pós *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIIIe siècle*, termina com hostilidade a uma comunicação de Labrousse de 1948:

Sa communication au Congrès international de Paris, en 1948, *Comment naissent les révolutions?* s’efforce de lier, cette fois, un pathétisme économique de courte durée (nouveau style), à un pathétisme politique (très vieux style), celui des journées révolutionnaires. Nous revoici dans le temps court, et jusqu’au cou.<sup>104</sup>

<sup>102</sup> Para citar um exemplo, José Carlos Reis tem um capítulo intitulado “Um outro nome fundador: Ernest Labrousse” em REIS, José Carlos. *Escola dos Annales – a inovação em história*. Op. Cit. p. 97.

<sup>103</sup> LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIIIe siècle*. Paris : Dalloz, 1933.

<sup>104</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 49. “Sua comunicação ao Congresso Internacional de Paris, em 1948, *Comment naissent les révolutions?*, se esforça em ligar, desta vez, um patetismo econômico de curta duração (novo estilo) a um patetismo político (estilo muito antigo), o dos dias revolucionários. Eis-nos novamente no tempo curto, e até o pescoço.”

Após criticar os caminhos da história social influenciada pelas durações da economia, Braudel passa a discutir um ponto muito importante em nossa pesquisa: a utilidade da palavra “estrutura” para os historiadores. Sobre esta palavra, Braudel desenvolve algumas diferenças, que em nossa pesquisa pretendemos aprofundar com o auxílio de bibliografia adicional, entre a estrutura dos sociólogos e dos historiadores. Para exemplificar aspectos estruturais da história, Braudel escreve sobre as “coerções geográficas” e as tão discutidas mentalidades, que são também, segundo o autor, prisões de longa duração. O autor cita diversas obras que seus temas estão compreendidos neste intervalo de longa duração, estruturas historicamente pesquisadas. No momento, todavia, não nos aprofundaremos nesta discussão, posto que dedicaremos toda uma parte de nossa pesquisa, o próximo item de nossa dissertação, à temática da estrutura utilizada pelo historiador.

Em seguida, no segundo subitem do artigo, intitulado “A Querela do Tempo Curto”, Braudel começa escrevendo sobre a não aceitação das ciências sociais das durações históricas. Segundo o autor, as durações históricas deveriam ser indispensáveis a todas as ciências do homem, como baliza temporal da pesquisa e elemento indispensável à formulação de perguntas, hipóteses e modelos, em todas as ciências vizinhas da história. Braudel veicula a idéia de que o historiador é privilegiado por manejar o tempo como nenhum outro cientista social. Assim, a sugestão de que as outras ciências deveriam balizar suas pesquisas pela temporalidade proposta pela ciência histórica contém um caráter de primazia da história frente às outras ciências do homem. Esta tentativa de atribuir um papel de direção à história justifica-se pela disputa disciplinar em que se encontravam as ciências do homem no período em que o artigo foi escrito, disputa esta principalmente ilustrada pelos embates, aproximações e refrações entre o pensamento de Braudel e de Lévi-Strauss.

Segundo Braudel, as ciências sociais “escapam” à temporalidade histórica por dois caminhos opostos: no primeiro, se ligam à temporalidade do tempo atual, numa curta duração dos fenômenos do presente, factualizando ou atualizando demais os estudos em favor de uma sociologia empírica, que simplesmente nega a história. No segundo, os sociólogos e principalmente antropólogos negam também o tempo histórico ultrapassando os quadros, mesmo os de longa duração, em favor de pesquisas quase intemporais, que relacionam estruturas consideradas fixas por muitas e muitas gerações e que por esse motivo podem ser matematizadas. Esta segunda via de negação da temporalidade histórica é considerada por

Braudel a mais interessante, mas o autor avalia, na seqüência, a primeira forma de negação do tempo histórico para, somente no tópico seguinte, escrever sobre as matemáticas sociais.

Um subitem intitulado “A Querela do Tempo Curto” poderia fazer-nos crer que Braudel fosse escrever sobre a temporalidade da história tradicional, no entanto, como adiantamos no início do subitem, o autor dedica o artigo a leitores das ciências sociais e por isso, ao invés de falar do tempo da história tradicional, segue versando sobre como o “pecado factualista” não se aplica somente à história, mas também as outras ciências do homem. Sobre os geógrafos e demógrafos, Braudel é sutil em afirmar que tal fuga do tempo histórico se aplique. Já em relação à economia, o autor afirma que os estudos desta área não ultrapassam o marco de 1945 e que cabe aos historiadores analisar a economia aquém desta data. Braudel é categórico ao escrever: “Je soutiens que toute la pensée économique est coïncée par cette restriction temporelle”<sup>105</sup>. Esta posição de Braudel lhe rendeu algumas críticas, principalmente de Witold Kula<sup>106</sup>, que em um artigo que retoma o título do artigo de Braudel, no entanto, direcionando-o à economia, é tão categórico quanto Braudel ao afirmar que os economistas se dedicam ao tempo longo muito mais que pretendem fazer crer os historiadores.

Sobre o tempo curto das pesquisas sociológicas dedicadas ao presente, Braudel escreveu: “Je doute que la photographie sociologique du présent soit plus “vraie” que le tableau historique du passé, et d’autant moins qu’elle se voudra plus éloignée du *reconstruit*.”<sup>107</sup>. Para justificar tal posição, Braudel cita a importante obra de Philippe Ariès, *Le Temps de l’histoire*<sup>108</sup>. Segundo Ariès, o expatriamento e a surpresa são importantes fatores de explicação histórica. A distância do tempo reconstruído e do tempo vivido é bastante eficaz na explicação histórica e por isso a pesquisa sociológica do tempo presente que pretende ser mais calcada na realidade, mais próxima da “verdade” não tem um valor diferente do tempo reconstruído do historiador. Braudel conclui afirmando que se se observa somente o presente, o pesquisador acaba por notar somente o que mais brilha, muda

<sup>105</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 57. “Sustento que todo pensamento econômico fica encantado por essa restrição temporal”.

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 55.

<sup>106</sup> KULA, Witold. “Histoire et économie: la longue durée”. In: *Annales ESC*. N°2. Paris : Armand Colin, 1960. (mars/avril).

<sup>107</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 59. “Duvido que a fotografia sociológica do presente seja mais “verdadeira” que o quadro histórico do passado, e tanto menos quanto mais afastada do *reconstruído* ela quiser estar.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 57.

<sup>108</sup> ARIÈS, Philippe. *Le Temps de l’histoire*. Paris : Plon, 1954.

rapidamente ou é mais acessível, sem se aperceber da profundidade do total da investigação do social.

Após relacionar rapidamente os assuntos acima tratados sobre o tempo curto das ciências sociais, Braudel passa ao terceiro subitem, intitulado “Comunicação e Matemáticas Sociais”. Nesta parte do artigo, Braudel afirma não ser mais necessário escrever sobre eventos, longa duração, estrutura, diacronia e sincronia, mesmo porque uma suspensão temporal sincrônica é impensável em uma pesquisa histórica. Estes temas já foram discutidos em itens anteriores (sobre a questão da “estrutura”, trataremos no próximo item da pesquisa). O autor declara ser o momento de escrever sobre três temas centrais no que toca um estudo do tempo longuíssimo nas ciências do homem: história inconsciente, modelos e matemáticas sociais.

Os principais personagens desta parte do artigo são Karl Marx e, principalmente, Claude Lévi-Strauss. A idéia é mostrar que apesar de certas iniciativas neste sentido, nenhum estudo social escapa à temporalidade da história. Não foi, no entanto, fácil para Braudel demonstrar que o tempo da história deve essencialmente fazer parte de todos os estudos sociais. Algumas pesquisas, e é nesse ponto que Braudel se utiliza do trabalho de Lévi-Strauss, buscam produzir leis semi-atemporais, fora das durações propostas pela história, leis que, traduzidas em equações matemáticas, revelam constâncias da organização social humana.

Braudel parte do princípio que Marx já conhecia e, além disso, foi sua principal contribuição, a história inconsciente, a história que se passa abaixo da superfície dos eventos. Esta história lenta é, segundo Braudel, mais percebida do que parece: a fórmula de Marx “os homens fazem a história, mas ignoram que a fazem”, é verdadeira, mas a percepção de que existem movimentos mais abaixo dos eventos é também possível de ser observada, pela reconstrução conceitual do historiador e mesmo pelos que vivem a esta história. Braudel tenta assim legitimar a história de longa duração, sob o nome de história inconsciente do social e afirma que a Revolução, o seu significado, é uma tomada de consciência desta história que se passa abaixo dos eventos.

Já sobre os “modelos”, Braudel afirma que a historiografia segue os passos das ciências sociais, já que estas estão mais desenvolvidas no que toca a construção de modelos aplicáveis a sociedades que apresentem características em comum. Segundo Braudel: “Les modèles ne sont que des hypothèses, des systèmes d’explications solidement liées selon la forme de l’équation ou de la fonction: ceci égale cela, ou détermine cela.”<sup>109</sup>. A possibilidade

---

<sup>109</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire. Op. Cit.* P. 64.



de aplicar determinado modelo criado em certo meio social em outro meio social que apresente características em comum é seu valor recorrente. As variações destes modelos são muitas: simples, complexos, qualitativos, quantitativos, estatísticos, dinâmicos, mecânicos, estáticos, etc. Para exemplificar as formas possíveis de modelos explicativos das ciências sociais, Braudel recorre novamente ao exemplo de Lévi-Strauss.

Ao apresentar os modelos como possíveis ferramentas do historiador, Braudel inclui o ponto essencial para nossa discussão: o autor afirma que é necessário à história, e inclusive às ciências sociais, que pouco se preocupam com isso, incluir as durações nos modelos, posto que estes dependem da duração para validar as significações e atribuir valores explicativos. Braudel afirma que seus modelos, esboçados principalmente em sua tese e em sua obra em parceria com Frank Spooner<sup>110</sup>, são mais facilmente aplicáveis a outros períodos e sociedades que os próprios modelos de Marx. Isso porque, as durações projetadas nestes modelos são relativamente curtas, diferentes dos modelos de longuíssima duração pretendidos pelos sociólogos matemáticos, quase intemporais. O avanço em relação à formulação de modelos pelos sociólogos é muito mais desenvolvido que o dos historiadores. No entanto, é, segundo Braudel, necessário conceder atenção a questão das durações para que estes modelos não “evolam” para abstrações matemáticas sem relação com a realidade observável. Braudel escreve, sobre este assunto, que as matemáticas sociais de fato existem, mas ainda, na época em que o artigo foi escrito, precisavam evoluir, principalmente no que toca a incidência de material, de fato social, nesta engrenagem matemática. Os exemplos que se seguem sobre este assunto são todos tirados das obras de Lévi-Strauss. Assim, o papel destes modelos e suas ferramentas matemáticas é o de ultrapassar a superfície dos eventos em busca de uma relação profunda da realidade social, elementos inconscientes que podem, a partir da identificação destes micro-elementos repetitivos, proporcionar uma análise precisa do que se repete e é, ainda que indiretamente, constante, para formulação de leis. Por fim, o autor conclui, projetando as ferramentas dos sociólogos matemáticos para historiadores:

Réintroductions en effet la durée. J'ai dit que les modèles étaient de durée variable: ils valent le temps que vaut la réalité qu'ils enregistrent. Et ce temps, pour l'observateur du social, est primordial, car plus significatifs encore que les structures profondes de la vie sont leurs points de rupture, leur brusque ou lente détérioration sous l'effet de pressions contradictoires.<sup>111</sup>

---

“Os modelos não são mais do que hipóteses, sistemas de explicação solidamente ligados segundo a forma da equação ou da função: isso é igual aquilo ou determina aquilo.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 61.

<sup>110</sup> BRAUDEL, Fernand; SPOONER, Frank. *Les métaux monétaires et l'économie du XVIe siècle. Rapports au Congrès international de Rome, 1955*, v. IV. Pp. 233-264.

<sup>111</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* P. 71.

Assim, os modelos devem ser sempre conduzidos de forma a encontrar a realidade social, voltar aos modelos e aplicá-los em outras realidades sociais. “Le modèle est ainsi, tour à tour, essai d’explication de la structure, instrument de contrôle, de comparaison, vérification de la solidité et de la vie même d’une structure donnée.”<sup>112</sup>.

Após escrever sobre os modelos tais como desenvolvidos pelos sociólogos matemáticos, Braudel, bastante significativamente, inclui o cerne de sua abordagem das durações: a dialética. As durações dos modelos anteriormente explicitados dizem respeito aos movimentos de longa e longuíssima duração, grandes vias de acesso às profundezas da realidade social, da história inconsciente, sem incluir os movimentos de média duração ou os eventos, fatos únicos e explosivos. Estas grandes vias se apresentam muito bem ao considerar temáticas de sociedades ditas “primitivas”, as quais normalmente os sociólogos das matemáticas sociais se dedicam. Novamente, como em toda esta terceira parte de seu artigo, Braudel recorre ao exemplo de Lévi-Strauss: escreve que, os mitos ou os sistemas de parentesco são ótimos temas para a criação de modelos de matemática social, no entanto, se se buscar criar modelos desse tipo com temas relativos à história moderna, com sua convulsão de acontecimentos e “revoluções”, a não inclusão dos movimentos de média duração e dos eventos tornaria tal empreitada infrutífera. É nesse ponto que Braudel inclui as durações dos historiadores no processo de formulação de modelos sociais. Tanto sociólogos quanto historiadores devem incluir não a duração, mas as durações em suas apresentações longas, médias e curtas. A apreensão da totalidade do social depende da inclusão das durações de forma cooperativa, com vínculos de dependência, determinação, causa, entre outras. A dialética da duração, e essa é uma das grandes inovações do pensamento braudeliano, é justamente apresentar como os diferentes ritmos temporais observados se relacionam e influenciam mutuamente. Foi este o processo utilizado por Braudel na formulação de sua tese. Definindo um projeto para as matemáticas sociais, Braudel escreveu:

---

“Reintroduzamos, com efeito, a duração. Disse que os modelos eram de duração variável: valem o tempo que vale a realidade que eles registram. E esse tempo, para o observador do social, é primordial, porque, mais significativos ainda que as estruturas profundas da vida, são seus pontos de ruptura, sua brusca ou lenta deteriorização sob o efeito de pressões contraditórias.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 68.

<sup>112</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire. Op. Cit.* P. 72. “O modelo é assim, alternadamente, ensaio de explicação da estrutura, instrumento de controle, de comparação, verificação da solidez e da própria vida de uma estrutura dada.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 68.

Mais les mathématiques sociales qualitatives n'auront fait leur preuve que lorsqu'elles se seront attaquées à une société moderne, à ses problèmes enchevêtrés, à ses vitesses différentes de vie. Gageons que l'aventure tentera un de nos sociologues mathématiciens; gageons aussi qu'elle provoquera une révision obligatoire des méthodes jusqu'ici observées par les mathématiques nouvelles, car celles-ci ne peuvent se confiner dans ce que j'appellerai cette fois la trop longue durée: elles doivent retrouver le jeu multiple de la vie, tous ses mouvements, toutes ses durées, toutes ses ruptures, toutes ses variations.<sup>113</sup>

Depois da incursão de Braudel nas matemáticas sociais, o autor segue em seu artigo com a última parte da discussão, na realidade, um levantamento do que abordou no artigo até este momento. Temos uma conclusão da comparação entre o tempo do historiador e o dos sociólogos. Esta última parte do artigo é intitulada “Tempo do historiador, tempo do sociólogo”. A primeira constatação de Braudel nesta conclusão é a de que os tempos do historiador e do sociólogo são, de fato, diferentes. Para o historiador, o tempo se impõe invariavelmente, sempre muito concreto e está, em diversos estudos, no centro das reflexões e problemas da história. Dessa forma, como explicito nas passagens anteriores do artigo, Braudel busca propor uma certa posição de dominância da história sobre as outras ciências sociais por meio da reflexão sobre o tempo, pela proeminência do historiador como o pesquisador mais habilitado à tratar das questões relativas ao tempo, já que “pour l'historien, tout commence, tout finit par le temps [...]”<sup>114</sup>. Por mais uma vez, buscando projetar uma metodologia comum das ciências do homem, Braudel declara que o caminho mais acessível para tanto é a longa duração.

Alguns autores, como José Carlos Reis<sup>115</sup>, afirmam que a perspectiva braudeliana da longa duração é uma forma de fuga do tempo em que o próprio autor escreve, fuga do traumatismo causado pelas temporalidades explosivas que acometem a vida individual. Sobre este assunto, quase confirmando a hipótese de Reis, Braudel escreveu:

---

<sup>113</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* P. 74. “Mas as matemáticas sociais qualitativas só darão provas de seu valor quando houverem abordado uma sociedade moderna, seus problemas emaranhados, suas diferentes velocidades de vida. Apostemos que a aventura tentará um de nossos sociólogos matemáticos; apostemos também que provocará uma revisão obrigatória dos métodos até aqui observados pelas matemáticas novas, porque estas não podem restringir-se a isso que chamarei desta vez, a duração demasiado longa; elas devem reencontrar o jogo múltiplo da vida, todos os seus movimentos, todas as suas durações, todas as suas rupturas, todas as suas variações.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 70.

<sup>114</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* P. 76. “Para o historiador, tudo começa, tudo acaba pelo tempo [...]”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 72.

<sup>115</sup> REIS, José Carlos. *Tempo, história e evasão*. Campinas : Papyrus, 1994. P.165 e *passim*.

J'ai personnellement, au cours d'une captivité assez morose, beaucoup lutté pour écharper à la chronique de ces années difficiles (1940-1945). Refuser les événements et le temps des événements, c'était se mettre en marge, à l'abri, pour les regarder d'un peu loin, les mieux juger et n'y point trop croire. Du temps court, passer au temps moins court et au temps très long (s'il existe, ce dernier ne peut être que le temps de sages); puis, arrivé à ce terme, s'arrêter, tout considérer à nouveau et reconstruire, voit tout tourner autour de soi: l'opération a de quoi tenter un historien.<sup>116</sup>

No entanto, essas evasões podem, de fato, implicar pesquisas que priorizem durações mais amplas, porém, nunca permitem uma fuga da temporalidade, imperiosa, quase naturalizada e que acomete o historiador invariavelmente. Diríamos uma tentativa de fuga quase frustrada, que possibilita variar as durações, mas não a temporalidade.

Enfim, quanto às durações da reconstrução histórica, Braudel escreveu:

En fait, les durées que nous distinguons sont solidaires les unes des autres: ce n'est pas la durée qui est tellement création de notre esprit, mais les morcellements de cette durée. Or, ces fragments se rejoignent au terme de notre travail. Longue durée, conjoncture, événement s'emboîtent sans difficulté, car tous se mesurent à une même échelle. Aussi bien, participer en esprit à l'un de ces temps, c'est participer à tous.<sup>117</sup>

No fim do artigo, Braudel escreve basicamente sobre três autores: Gaston Bachelard, Georges Gurvitch e, novamente, Paul Vidal de La Blache. Sobre o primeiro e sua obra *Dialectique de la durée*<sup>118</sup>, Braudel escreve que o tempo dos sociólogos estão muito mais próximos do tempo tal como apresentado por Bachelard do que próximo do tempo dos historiadores. Essa diferenciação se dá porque o tempo descrito por Bachelard é apenas uma dimensão da totalidade do social e, dessa forma, pode ser recortado, paralisado e analisado sem levar em conta o movimento. Trata-se de um tempo que não leva em conta

<sup>116</sup> BRAUDEL, Fernand. "Histoire et sciences sociales: la longue durée". In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* P. 75. "Pessoalmente, no decorrer de um cativo bastante moroso, lutei muito para escapar à crônica desses anos difíceis (1940-1945). Recusar os eventos e o tempo dos eventos, era colocar-se à margem, ao abrigo, para olhá-los um pouco de longe, melhor julgá-los e não crer muito. Do tempo curto, passar ao tempo menos curto e ao tempo muito longo (se existe, este último, só pode ser o tempo dos sábios): depois, chegado a esse termo, deter-se, considerar tudo de novo e reconstruir, ver tudo girar à volta: a operação tem com o que tentar um historiador."

BRAUDEL, Fernand. "História e Ciências Sociais. A Longa Duração". In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 71.

<sup>117</sup> BRAUDEL, Fernand. "Histoire et sciences sociales: la longue durée". In: *Écrits sur l'histoire. Op. Cit.* P. 76. "De fato, as durações que distinguimos são solidárias umas com as outras: não é a duração que é tanto assim criação de nosso espírito, mas as fragmentações dessa duração. Ora, esses fragmentos se reúnem ao termo de nosso trabalho. Longa duração, conjuntura, evento se encaixam sem dificuldade, pois todos se medem por uma mesma escala. Do mesmo modo, participar em espírito de um desses tempos, é participar de todos."

BRAUDEL, Fernand. "História e Ciências Sociais. A Longa Duração". In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 72.

<sup>118</sup> BACHELARD, Gaston. *Dialectique de la durée*. Gaston. Paris : P.U.F., 1950.

necessariamente a sucessão, ou a temporalidade: o caráter imperioso do tempo que passa naturalmente é suprimido em favor da reconstrução conceitual que acredita poder parar a temporalidade para melhor estudá-la. Esse tipo de temporalidade é impensável para o historiador, que deve levar em conta sempre as características de sucessão. Não nos aprofundaremos neste ponto posto que nosso foco são as durações e não a temporalidade.

Sobre Georges Gurvitch, que propõe em sua obra *Déterminismes sociaux et Liberté humaine*<sup>119</sup>, várias temporalidades diferentes (temporalidades e não durações), Braudel escreveu que, apesar de tentadora, a proposta de Gurvitch revelaria uma impossibilidade da apreensão do todo social, dividindo os movimentos sucessivos em temporalidades compartimentadas, sem aparente relação.

Como é comum em seus escritos de cunho metodológico, Braudel enfatiza a importância do pensamento de Vidal de La Blache e de seus sucessores. Afirma inclusive que as ciências sociais, mais que a história, negligenciam os importantes avanços que a escola vidaliana atingiu. “Il faut que toutes les sciences sociales de leur côté fassent place à une “conception (de plus en) plus géographique de l’humanité”, comme Vidal de La Blache le demandait déjà en 1903.”<sup>120</sup>

Enfim, Braudel conclui o artigo com as palavras de ordem que utilizou na introdução do mesmo:

Pratiquement – car cet article a un but pratique – je souhaiterais que les sciences sociales, provisoirement, cessent de tant discuter sur leurs frontières réciproques, sur ce qui est ou n’est pas science sociale, ce qui est ou n’est pas structure... Qu’elles tâchent plutôt de tracer, à travers nos recherches, les lignes, si lignes il y a, qui orienteraient une recherche collective, les thèmes aussi qui permettraient d’atteindre une première convergence. Ces lignes, je les appelle personnellement: mathématisation, réduction à l’espace, longue durée... Mais je serais curieux de connaître celles que proposeraient d’autres spécialistes. [...] Ces pages sont un appel à la discussion.<sup>121</sup>

<sup>119</sup> GURVITCH, Georges. *Déterminismes sociaux et Liberté humaine*. Paris : P.U.F., 1955.

<sup>120</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 82. “É preciso que todas as ciências sociais, por seu lado, dêem lugar a uma “concepção (cada vez) mais geográfica da humanidade”, como Vidal de La Blache o pedia já em 1903.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 77.

<sup>121</sup> BRAUDEL, Fernand. “Histoire et sciences sociales: la longue durée”. In: *Écrits sur l’histoire*. Op. Cit. P. 82. “Na prática – pois esse artigo tem um fim prático – desejaria que as ciências sociais, provisoriamente, cessassem de tanto discutir sobre suas fronteiras recíprocas, sobre o que é ou não é ciência social, o que é ou não é estrutura... Que procurem antes traçar, através de nossas pesquisas, as linhas, se existem linhas, que orientam uma pesquisa coletiva, bem como os temas que permitam atingir uma primeira convergência. Essas linhas, chamo-as pessoalmente: matematização, redução ao espaço, longa duração... Mas estaria curioso para conhecer aquelas que outros especialistas propoariam. [...] Essas páginas são um chamado à discussão.”

BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história*. Op. Cit. p. 77.

### 3.2. Uma proposta de leitura das estruturas braudelianas a partir de Gilles Deleuze

Apesar de permear todo nosso trabalho, o conceito de “estrutura” e o “estruturalismo” não são, como se pôde constatar até aqui, o foco desta pesquisa. Dessa forma, a apresentação que segue não pretende abarcar todas as significações possíveis de estrutura, nem mesmo as tangências entre estas e o grupo dos Annales. Buscaremos apenas apresentar algumas questões nas quais o estruturalismo e a renovação do tempo histórico dos Annales tal como foi proposta por Braudel, se ligam de forma plena. Ainda que o movimento estruturalista não se destaque essencialmente por sua representação do tempo, o levantamento de séries e séries de séries, característico do estruturalismo, por vezes implica em uma perspectiva temporal de longa duração, ou até mesmo em tentativas, principalmente entre alguns antropólogos, de ignorar o tempo histórico em favor de fórmulas atemporais.

Também não faz parte de nossa proposta relacionar todos os grandes pesquisadores indentificados sob a égide do estruturalismo, mesmo que entre eles esteja um intelectual tão importante para os Annales como Michel Foucault<sup>122</sup>. Como nosso trabalho orbita em torno da produção teórico-metodológica de Fernand Braudel, o “estruturalista” que incontornavelmente se apresenta ao debate é Claude Lèvi-Strauss, posto que ele e Braudel discutem diretamente o papel do estrutural na história e antropologia.

No momento é necessário iniciarmos com um esclarecimento: o que é estrutura ou estruturalismo? É melhor colocada, em nosso trabalho, a questão da seguinte forma: nos escritos metodológicos de Fernand Braudel “A quoi reconnaît-on le structuralisme?”<sup>123</sup>

Dentre várias possíveis formas e autores que poderíamos usar para conceituar o estruturalismo, optamos trabalhar com as definições propostas por Gilles Deleuze. Esta opção se justifica por alguns motivos: Deleuze propõe “reconhecer” o estruturalismo conceitualmente, dessa forma, podemos aplicar suas definições a uma gama maior de documentos. Esta talvez seja a principal justificativa, já que outros autores que escreveram sobre o tema, em geral dirigem seus trabalhos a autores específicos, ícones do estruturalismo, como Ferdinand de Saussure, Roland Barthes, Michel Foucault, Jacques Lacan, entre outros.

---

<sup>122</sup> Usaremos algumas considerações de Foucault em nosso trabalho, principalmente as da introdução de sua obra *Arqueologia do Saber*, na qual o autor versa sobre a longa duração e a renovação da história efetuada pelos Annales. No entanto, os escritos de Foucault, em geral, fazem referência aos Annales pós-Braudel. É basicamente por isso que este autor, como dito anteriormente, fundamental para os Annales, estará, por vezes, ausente da atual pesquisa.

<sup>123</sup> “Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo?” Como veremos logo na sequência, esta pergunta foi feita por Gilles Deleuze em um de seus artigos mais renomados.

É assim que procedeu, por exemplo, François Dosse<sup>124</sup>. Como em Braudel a questão do estruturalismo está subjacente, ou ao menos de forma não tão direta quanto em outros autores, acreditamos ser mais adequado, antes de qualquer coisa, reconhecer onde se apresenta o estruturalismo na dialética da duração.

Um segundo ponto que nos fez optar por este autor, no que diz respeito a sua conceituação de estrutura, é a relação dual mantida entre Deleuze e o estruturalismo; por vezes considerado ícone do estruturalismo, outras como um crítico desta corrente, também chamado de “pós-estruturalista”. Estas categorizações, por vezes vãs, não representam toda a produção intelectual deste, e mesmo de outros autores considerados estruturalistas. O conteúdo de seus trabalhos invariavelmente se sobrepõe ao pertencimento a esta ou aquela corrente metodológica. Todavia, os questionamentos produzidos por Deleuze sobre o que é, ou onde se pode reconhecer o estruturalismo, assim como questões relativas ao tema, tal qual são expostas por seus comentadores<sup>125</sup>, apontam para a riqueza de sua caracterização do estruturalismo. Ainda um outro elemento a se destacar é que Deleuze faz uma tipologia dos estruturalismos, quebrando sua definição única que, na verdade, não existe; dentro dessa tipologia a preferência de Deleuze pelo estruturalismo tal qual, veremos, é praticado por Braudel é evidente, porque ele persegue uma definição de estrutura que Braudel nutre.

Inicialmente, como esta caracterização, em nosso trabalho, deve estar voltada para a questão da dialética da duração, vale citar um trecho um pouco longo, mas bastante esclarecedor sobre a relação entre o estruturalismo e o tempo:

Qu'est-ce qui coexiste dans la structure? Tous les éléments, les rapports et valeurs de rapports, toutes les singularités propres au domaine considéré. Une telle coexistence n'implique nulle confusion, nulle indétermination: ce sont des rapports et éléments différentiels qui coexistent en un tout parfaitement et complètement déterminé. Reste que ce tout ne s'actualise pas comme tel. Ce qui s'actualise, ici et maintenant, ce sont tels rapports, telles valeurs de rapports, telle répartition de singularités; d'autres s'actualisent ailleurs ou en d'autres temps. (...) Toute différenciation, toute actualisation se fait suivant deux voies: espèces et parties. Les rapports différentiels s'incarnent dans des espèces qualitativement distinctes, tandis que les singularités correspondantes s'incarnent dans les parties et figures étendues qui caractérisent chaque espèce. Ainsi les espèces de langues, et les parties de chacune au voisinage des singularités de la structure linguistique; les modes sociaux de production spécifiquement définis, et les parties organisées correspondant à chacun de ses modes, etc. On remarquera que le processus d'actualisation implique toujours une temporalité interne, variable suivant ce qui s'actualise. Non seulement chaque type de production sociale a une temporalité globale interne, mais ses parties organisées ont des rythmes particuliers. La position

<sup>124</sup> DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Trad: Álvaro Cabral. Revisão técnica: Marcia Mansor D'Alessio. Bauru : Edusc, 2007.

Utilizaremos também esta obra, ainda que de forma menos aprofundada.

<sup>125</sup> Dentre os vários possíveis comentadores que poderíamos citar da obra de Deleuze, citaremos apenas um, posto que uma de suas obras converge com o tema da atual pesquisa. PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo : Perspectiva, 1998. (Coleção estudos ; 160)

du structuralisme à l'égard du temps est donc très claire: le temps y est toujours un temps d'actualisation, suivant lequel s'effectuent à des rythmes divers les éléments de coexistence virtuelle. Le temps va du virtuel à l'actuel, c'est-à-dire de la structure à ses actualisations, et non pas d'une forme actuelle à une autre. Ou du moins le temps conçu comme relation de succession de deux formes actuelles se contente d'exprimer abstraitement les temps internes de la structure ou des structures qui s'effectuent en profondeur dans ces deux formes, et les rapports différentiels entre ces temps. Et précisément parce que la structure ne s'actualise pas sans se différencier dans l'espace et dans le temps, sans différencier par là même des espèces et des parties qui l'effectuent, nous devons dire en ce sens que la structure *produit* ces espèces et ces parties elles-mêmes. Elle les produit comme espèces et parties différenciées. Si bien qu'on ne peut pas plus opposer le génétique au structural que le temps à la structure. La genèse, comme le temps, va du virtuel à l'actuel, de la structure à son actualisation; les deux notions de temporalité multiple interne, et de genèse ordinale statique, sont en ce sens inséparables du jeu des structures<sup>126</sup>.

Pode-se afirmar que a conceituação realizada por Deleuze das estruturas e do estruturalismo foi escrito algum tempo depois da publicação das principais obras de Braudel, assim como se pode afirmar também que Deleuze não tinha em mente, neste texto, avaliar a utilização da ferramenta estrutural por parte dos historiadores. No entanto, retomando a distribuição dos assuntos na obra *O Mediterrâneo...* podemos notar como sua conceituação se aplica admiravelmente ao trabalho de Braudel.

Como citado anteriormente, o livro *O Mediterrâneo...* divide-se inicialmente em três partes. Estas três grandes seções estão antes ligadas a uma divisão temporal que propriamente

<sup>126</sup> DELEUZE, Gilles. "A quoi reconnaît-on le structuralisme?" In: CHATELET, François (direction). *Histoire de la philosophie: idées, doctrines*. Paris : Hachette, 1973. (8 v.) pp. 313-315.

"O que é que coexiste na estrutura? Todos os elementos, as relações e valores de relações, todas as singularidades próprias ao domínio considerado. Semelhante coexistência não implica nenhuma confusão, nenhuma indeterminação: são relações e elementos diferenciais que coexistem num todo perfeita e completamente determinado. Acontece que este todo não se atualiza como tal. O que se atualiza, aqui e agora, são as relações, tais valores de relações, tal repartição de singularidades; outras atualizam-se alhures ou em outros momentos. (...)

Toda diferenciação, toda atualização, é feita segundo dois caminhos: espécies e partes. As relações diferenciais encarnam-se em espécies qualitativamente distintas, ao passo que as singularidades correspondentes se encarnam nas partes e figuras extensas que caracterizam cada espécie. Assim, as espécies de línguas, e as partes de cada uma na vizinhança das singularidades da estrutura linguística; os modos sociais de produção especificamente definidos, e as partes organizadas correspondendo a cada um de seus modos etc. Convém observarmos que o processo de atualização sempre implica uma temporalidade interna, variável segundo aquilo que se atualiza. Não somente cada tipo de produção social tem uma temporalidade global interna, mas suas partes organizadas têm ritmos particulares. Portanto, a posição do estruturalismo relativamente ao tempo é bastante clara: o tempo é sempre um tempo de atualização, segundo o qual se efetuam, em ritmos diversos, os elementos de coexistência virtual. O tempo vai do virtual ao atual, isto é, da estrutura às suas atualizações, e não de uma forma atual a outra forma. Ou, pelo menos, o tempo concebido como relação de sucessão de duas formas autais contenta-se em exprimir abstratamente os tempos internos da estrutura ou estruturas que se efetuam em profundidade nessas duas formas, e as relações diferenciais entre esses tempos. E é justamente porque a estrutura não se atualiza sem se diferenciar no espaço e no tempo, sem diferenciar, assim, espécies e partes que a efetuam, que devemos dizer, neste sentido, que a estrutura *produz* essas espécies e essas partes. Ela as produz como espécies e partes diferenciadas, embora não possamos opor o genético ao estrutural mais do que o tempo à estrutura. A gênese, como o tempo, vai do virtual ao atual, da estrutura à sua atualização; as duas noções de temporalidade múltipla interna, e de gênese ordinal estática, são, neste sentido, inseparáveis do jogo das estruturas."

DELEUZE, Gilles. "Em que se Pode Reconhecer o Estruturalismo?" In: CHATELET, François (direção). *História da Filosofia: Idéias, Doutrinas*. Rio de Janeiro : Zahar, 1974. (8v.) pp. 283-285.



a uma divisão temática. Cada uma destas seções tem entre cinco e oito capítulos, os quais, estes sim, divididos tematicamente ou, por meio da aplicação da conceituação de estrutura de Deleuze à tese de Braudel, em “espécies”<sup>127</sup>, nas quais o ponto principal são as (os) “*rappports différentiels*” – dois ou mais objetos de pensamento (análise), que estabelecem diferenças, sutis ou não, entre si, compreendidos numa só estrutura. Por sua parte, também estes capítulos estão divididos em sub-capítulos e, ainda, em mais um nível diferencial (sub-sub-capítulo). Neste sentido podemos notar como Braudel trabalha também, dentro de uma estreita margem, com a matemática social; os temas em sua tese estão divididos *quase como funções*, latentes ou manifestas, de pertencimento ou derivação<sup>128</sup>. Talvez seja este o principal ponto em que podemos identificar uma atitude determinista em Braudel, já que a terceira parte do livro está submetida à segunda, assim como esta está submetida à primeira. Também os capítulos e suas divisões seguem esta linha. Este assunto (as matemáticas sociais), inclusive, é tratado longamente por Braudel em seu artigo de 1958.

Se podemos identificar, na tese de Braudel, o estruturalismo tal qual como foi conceitualizado por Deleuze no que diz respeito às *atualizações* (que são o que mais importa para os historiadores), em sua forma de “espécies”, o mesmo se aplica às “partes”. Digamos, grosso modo, que conforme acompanhamos a tese de Braudel, seguindo a divisão metodicamente proposta por ele, ou seja – partindo das estruturas mais longas, das durações que se aproximam do tempo geográfico, ou mesmo geológico, para, em seguida, passarmos para uma história “lentamente ritmada” das civilizações e, enfim, chegarmos a uma história à dimensão do indivíduo – temos uma lenta passagem das *atualizações de espécies*, na primeira metade de sua tese, para as *atualizações de partes*, do meio em diante, principalmete na terceira parte da obra. Todavia, esta “passagem” de *espécies* a *partes* não se dá somente no âmbito das três grandes partes da obra: podemos notar características semelhantes se levarmos em conta internamente os capítulo e mesmo os subcapítulos.

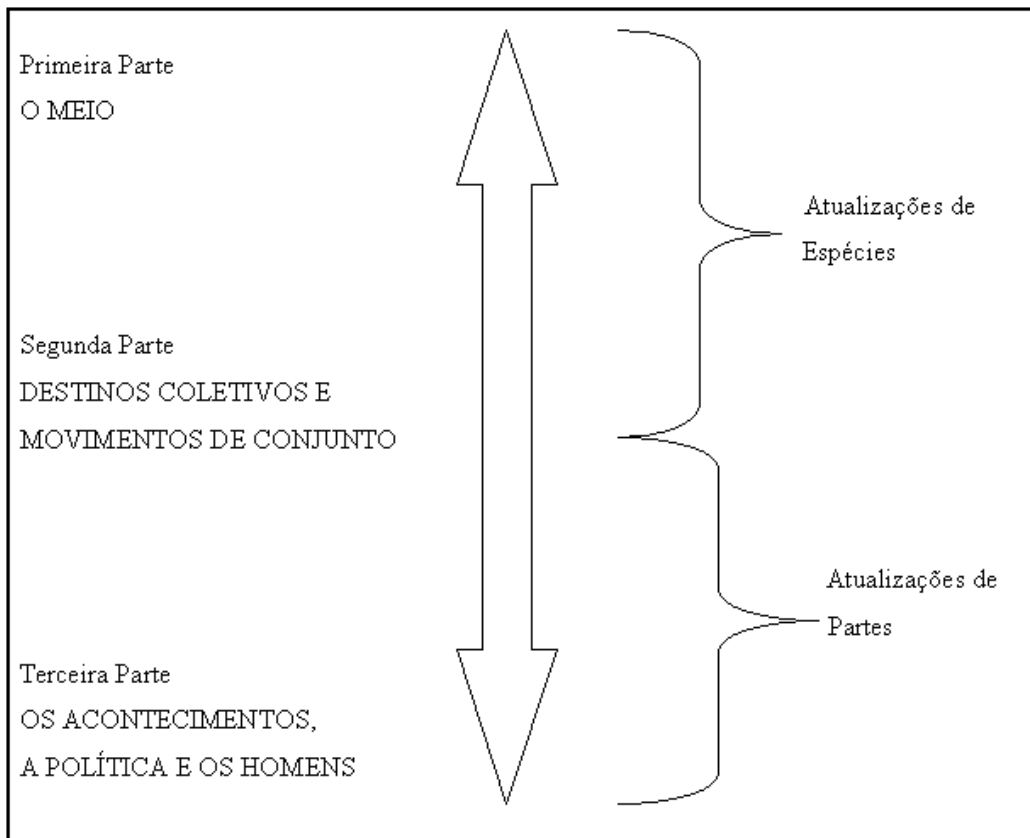
Em linhas gerais, podemos propor a seguinte afirmação: as atualizações das quais fala Deleuze são, para Braudel, os motivos principais de sua obra; ora, ainda que Braudel “pense” estruturalmente, não pode deixar de lado a característica principal do pensamento histórico, ou seja, as modificações, estruturais ou não, no tempo. Dessa forma, as atualizações de

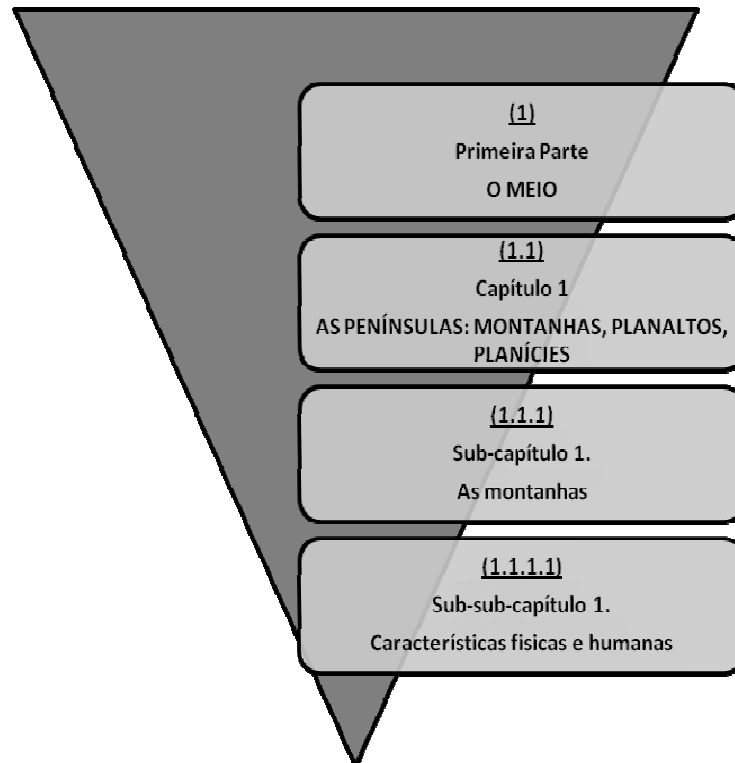
<sup>127</sup> Não pretendemos realizar uma correspondência direta entre “espécies” e “temas”. A construção conceitual correspondente diz respeito exclusivamente ao assunto do qual tratamos no momento.

<sup>128</sup> Aqui é indispensável lembrar que o próprio Braudel afirmou repetidas vezes que o estruturalismo para os historiadores (no caso falava dele mesmo) não dirige as pesquisas para abstrações matemáticas, assim como não exprime relações em funções. Não se trata de representar o infundável mundo das humanidades em equivalentes matemáticos. Trata-se apenas de mais uma ferramenta de que dispõem os historiadores para buscar o que há de mais humano nas durações longas, as quais são quase sempre imperceptíveis no tempo dos indivíduos, na duração de uma vida humana.

“espécies” e “partes” não estão tão claramente divididas na obra de Braudel tal qual propõe Deleuze. Nem por isso, estas formas distintas de atualização não estão presentes. Podemos reconhecer ambas as formas de atualização na tese de Braudel, tanto no que diz respeito às três grandes partes da obra (gráfico 1) assim como internamente em cada capítulo, sub-capítulo e divisões subseqüentes (gráfico 2).

Para tornar mais claro estas divisões, sugerimos os gráficos, utilizando o exemplo das três grande partes que está dividida a obra e também da primeira parte de *O Mediterrâneo...*:





Se as atualizações estão no centro do trabalho histórico, vale discutirmos agora como elas se dão, baseando-nos em Deleuze, na obra de Braudel. Deleuze afirma que as atualizações vão do virtual ao atual. Podemos notar esta constante também na obra de Braudel, posto que ele inicia sua obra com as estruturas mais longas e duradouras para, em seguida, passar às menos duradouras. Portanto, as atualizações se dão a partir da estrutura, e em função dela. Em Deleuze, as questões do virtual e do atual são bem mais elaboradas. Todavia, não faz parte de nosso trabalho evidenciar os desdobramentos das teses de Deleuze. Vale aqui mostrarmos que existe uma correspondência entre as atualizações segundo Deleuze e o trabalho de Braudel. Digamos que, para Deleuze, o virtual se dedica a apresentar a realidade de um objeto sem, no entanto, reduzi-lo ao seu estado atual ou a um outro que remete a algum tipo de transcendência. Isto posto, podemos, grosso modo, realizar uma ligação entre o virtual deleuziano e a estrutura braudeliana. A estrutura não é somente seu atual, mas as relações entre os elementos que a constituem e a fazem manter-se semi-imobilizada ou se atualizando e mudando, constante ou esporadicamente. A idéia do “possível” está presente em ambos os autores: as atualizações possíveis, realizadas ou não, são objeto de estudo. Para o historiador se algo muda, temos um acontecimento; caso contrário, temos uma permanência, a qual também está contida na oficina do historiador, ou o que Braudel chamaria de “prisões de longa duração”. Guardadas as proporções e, principalmente, respeitando as *diferenças dos vocabulários*, esta “atualização” do pensamento

braudeliano a partir do trabalho de Deleuze se mostra bastante frutífera. Ficariam ainda mais claras estas aproximações se discutíssemos o conceito de “forças ativas e reativas”, das quais Deleuze se ocupa longamente em sua obra *Mil Platôs*, mas esta discussão por si só resultaria em uma outra dissertação. Enfim: se em Deleuze, as atualizações se dão, na maioria das vezes, do virtual ao atual, em Braudel, no caso específico de sua tese, as “atualizações” se dão majoritariamente da estrutura ao acontecimento, segundo a graduação de importância que o próprio Braudel faz entre a história de longa e curta duração.

Todavia, também pode haver uma relação de sucessão de duas formas atuais, como podemos notar, por exemplo, no último sub-capítulo (A guerra não terá lugar no mar) do último capítulo (O mediterrâneo fora da grande história) da última parte (Os acontecimentos, a política e os homens) da tese de Braudel. Este trecho, no índice da obra, está dividido da seguinte forma:

O falso alerta de 1591

João André Dória não quer combater a armada turca: Agosto-Setembro de 1596  
1597-1600

Falso alerta ou ocasião falhada em 1601?

A morte de Filipe II, 13 de Setembro de 1598

A possibilidade deste tipo de atualizações não estava ausente no pensamento de Deleuze. No entanto, este nos escreve, como na citação acima, que atualizações deste tipo podem, no máximo, “expressar abstratamente os tempos internos da estrutura ou estruturas que se efetuem em profundidade nessas duas formas, e as relações diferenciais entre esses tempos”. Assim, no modelo estrutural, este tipo de atualização teria uma menor relevância diante das atualizações que vão propriamente do virtual ao atual. Para citar um exemplo de como também esta constatação de Deleuze se aplica à Braudel, vale citar o parágrafo que este fecha sua tese, falando propriamente da figura de Filipe II, mas nos fornecendo indícios para expandir este pensamento a todos os fatos na dimensão dos indivíduos:

Não é um homem com grande ideias: a sua tarefa, verifica-a numa interminável sucessão de pormenores. Não existe nenhuma das suas notas que não seja um pequeno facto preciso, uma ordem, uma observação, até mesmo a correção de um erro de ortografia ou de geografia. Nunca sob a pena de ideias gerais ou de grandes planos. Não creio que a palavra Mediterrâneo tenha alguma vez flutuado no seu espírito com o conteúdo que nós lhe atribuímos, nem faça surgir nossas habituais imagens de luz e de água azul; nem que tenha significado um lote preciso de grandes problemas ou o quadro de uma política claramente concebida. Uma verdadeira geografia não fazia parte da educação dos príncipes. São razões suficientes para que esta longa agonia, terminada em Setembro de 1598, não seja um grande acontecimento da história

mediterrânea. Para que se assinalem de novo as distâncias da história biográfica à história das estruturas e, mais ainda, às dos espaços...<sup>129</sup>

Enfim, seguindo o trabalho em que Deleuze busca reconhecer o estruturalismo, encontramos Braudel de forma bastante próxima do modelo estruturalista. Isto não implica, contudo, que devemos encarar este historiador unicamente por este viés, e nem mesmo é nossa intenção transformá-lo em um ícone do estruturalismo, ao lado de Lacan ou Lévi-Strauss; este segundo que, por sinal, nos ocuparemos mais adiante, devido as influências recíprocas entre ele e Braudel.

A busca que empreendemos nesta apropriação da conceituação de estruturalismo de Deleuze, aplicada à tese de Braudel nos propiciou, enfim, um daqueles desejáveis momentos em que vemos a pesquisa dar frutos, até então inesperados. Em nossa definição apresentada anteriormente (página 51, nota nº 76), onde delineamos os conceitos de “temporalidade” e “duração” – definições estas que não se encontram claramente desenvolvidas por Braudel, mas que se fazem necessárias para a atual apresentação – não conhecíamos ainda uma fundamentação teórica anterior para tal. A definição que lá apresentamos foi baseada exclusivamente na observação de nossas fontes; basicamente os textos metodológicos de Braudel. Todavia, podemos agora encontrar um paralelo entre nossas definições e dois “conceitos” deleuzianos. Acreditamos existir uma correspondência direta entre o que denominamos “temporalidade” e “duração” com o que Deleuze chamou de “gênese ordinal estática” e “temporalidade múltipla interna”, respectivamente.<sup>130</sup>

Portanto, a partir da caracterização de estruturalismo segundo Deleuze, podemos afirmar que Braudel, em sua tese *O Mediterrâneo...* faz uso do que convencionou-se chamar de estruturalismo, ainda que não inteiramente, mas trazendo para o campo da história os avanços que esta proposta atingiu em outras disciplinas vizinhas. Portanto, podemos dizer que Braudel criou, ou ao menos foi um dos mais importantes utilizadores, um estruturalismo *histórico*, uma espécie nova de estruturalismo, contrariando com isso a pecha de que o estruturalismo seria ahistórico.

<sup>129</sup> BRAUDEL, Fernand. *La Méditerranée...Op. Cit.* P.1062.

<sup>130</sup> Acreditamos ter apresentado o essencial da discussão que podemos fazer entre o estruturalismo definido por Deleuze e a estrutura da obra de Braudel. Todavia, sabemos que muitos outros pontos poderiam ser explorados mas não sem um desvio do objetivo do atual trabalho. Entre estes outros pontos, os quais infelizmente não vamos nos acupar, podemos citar o conceito anteriormente referido de “forças ativas e reativas”, assim como seria de extrema relevância dedicar um estudo à história da formação das alianças deleuzianas, a saber, platônico-epicurista, acontecimental e bergsoniana.

### 3.3. As estruturas de Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss

Lévi-Strauss é, por diversos intelectuais, considerado o maior pensador do século XX. Independente do mérito ou julgamentos valorativos, Lévi-Strauss foi quem realizou a antropologia numa mesma proporção que Durkheim havia feito com a sociologia. Seus trabalhos são tão lidos por historiadores quanto por antropólogos, além de fazerem parte do incrível sucesso de vendas que as ciências humanas experimentaram na Europa, principalmente na França e Alemanha, entre 1965 e 1985, quando as obras históricas e antropológicas vendiam mais, mesmo entre o público leigo, que os romances e crônicas.

Vale ressaltar que Braudel e Lévi-Strauss lecionaram na mesma época na Universidade de São Paulo. Foi neste entremeio que se conheceram e iniciaram uma longa e produtiva, por vezes ríspida, mas sempre respeitosa relação de trocas metodológicas. Podemos dizer, guardadas as proporções, que os fins almejados por ambos eram, senão os mesmos, ao menos muito próximos, mas os meios para atingir este fim – a saber, uma metodologia comum das ciências humanas, ora sob domínio da antropologia, ora da história – é que divergiam. Apesar desta incessante busca de manter, no caso de Braudel, e ascender, no caso de Lévi-Strauss, sua disciplina ao topo das ciências do homem, nas relações pessoais estes grandes intelectuais se respeitavam muito. Este respeito mútuo fica bastante claro no episódio que, diante das diferenças, metodológicas e principalmente pessoais, entre Arrousse Bastide e Lévi-Strauss, na mesma Universidade de São Paulo, Braudel saiu em defesa deste último, fazendo uso da autoridade de que já gozava, e evita seu afastamento da instituição.

É paradoxalmente triste trabalhar com um intelectual como Lévi-Strauss quando sabemos que não poderemos – e nem mesmo seríamos capazes de – esgotar o que se pode falar deste autor em suas relações tão próximas com a história; nem mesmo poderemos falar tão longamente quanto desejado das relações entre Lévi-Strauss e Fernand Braudel. Vale ressaltar que nosso objetivo é discorrer sobre a questão da temporalidade e principalmente da duração em Fernand Braudel. Neste sentido, vamos nos focar em que pontos as interações e embates teóricos de Lévi-Strauss e Braudel contribuíram para a formulação temporal da história por parte deste último.

O artigo de Braudel que trata em destaque das questões temporais da história, publicado em 1958 e discutido anteriormente, pode ser encarado sob um duplo espectro: o de ser o principal manifesto do novo tempo da história e, por outro lado, uma resposta às investidas da antropologia frente à história pelo papel de destaque nas ciências humanas.

Neste sentido, podemos dizer que o artigo de 1958 é uma resposta à publicação de *Antropologia Estrutural*<sup>131</sup>, de Claude Lévi-Strauss. Assim como em Braudel, não é exatamente na época da publicação desta obra que Lévi-Strauss apresenta pela primeira vez suas hipóteses sobre o tempo na história e antropologia: vale lembrar que *Antropologia Estrutural* é uma coletânea de artigos já anteriormente publicados em revistas científicas. Portanto, assim como Braudel já havia colocado em prática as novas divisões do tempo histórico que são sistematicamente expostas em 1958, Lévi-Strauss também já havia apresentado suas conclusões sobre o assunto anteriormente. Dá-se, portanto, neste momento, um embate não mais aplicado dos métodos da história e da antropologia e sim um embate teórico – se é que podemos utilizar este conceito para apresentar elementos de metodologia – entre antropologia e história; mais precisamente entre Lévi-Strauss e Braudel.

Na obra *Antropologia Estrutural* temos dois capítulos-chave para nossa discussão: o primeiro deles intitulado “Introdução: História e Etnologia”<sup>132</sup>, que remete diretamente ao título sob o qual Braudel publica seu artigo em 1958; e o segundo capítulo que nos mais chama atenção na obra de Lévi-Strauss é intitulado “A noção de estrutura em etnologia”<sup>133</sup>. É baseado nestes dois artigos que teceremos algumas considerações sobre as estruturas segundo Lévi-Strauss e as relações entre estas e a obra de Braudel.

Abordaremos cautelosamente os principais temas e autor da antropologia; a saber, estruturas, parentesco e Lévi-Strauss. Esta não é uma escolha ligada à relevância dos temas, os quais sabemos grandes demais em volume e principalmente complexidade, mas uma escolha que se mostrou como o único caminho para melhor evidenciar o papel do tempo nas estruturas da antropologia e a sua ligação com os tempos da história. Novamente vale alertar que nosso objetivo passa longe de uma tentativa de esgotar o tema das estruturas em história e antropologia; basta, para a presente pesquisa, evidenciar os pontos em que este tema toca a matéria do tempo histórico. Parece claro tratar aqui das estruturas segundo Lévi-Strauss, mas e quanto a idéia de parentesco? “Em verdade, os etnólogos ocuparam-se quase exclusivamente de estrutura a propósito dos problemas de parentesco”<sup>134</sup>. E é por isso que este tema, possível de ser excluído do atual trabalho, aparecera repetidas vezes.

<sup>131</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Trad: Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Revisão etimológica de Júlio Cezar Melatti. 5ª. Ed. Rio de Janeiro : Edições Tempo Brasileiro, 1996.

<sup>132</sup> Publicado anteriormente com o título *Histoire et ethnologie*, *Revue de Métaphysique et de Morale*, 54º ano, ns. 3-4, 1949, PP. 363-391.

<sup>133</sup> Publicado anteriormente em: A. L. Kroeber Ed. *Anthropology To-Day*, Univ. of Chicago Press, 1953, PP. 524-553.

<sup>134</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Op. Cit. P. 315.

Neste caminho, vale iniciarmos com um ponto que, tanto Braudel quanto Lévi-Strauss, sugerem logo de início: quando falam de “estruturas sociais” ambos acrescentam um outro elemento conceitual, que são os modelos. Desta forma podem separar a “realidade empírica da estrutura” de sua, digamos, “virtualidade estrutural”, tomando de empréstimo o vocabulário deleuziano (que não está presente no vocabulário dos autores que estamos tratando no momento). Já aqui se evidencia uma primeira diferença entre os autores: se para Braudel os modelos são hipóteses e sistemas de explicação, para Lévi-Strauss os modelos são a própria referência direta das estruturas sociais. Isso implica que o recorrente alerta braudeliiano de que os modelos são formados pelo que há de mais humano, mais repetível, ou seja, devem ser sempre formulados a partir da observação empírica, não se aplica ao que Lévi-Strauss determina como estrutura social.

Segundo Braudel, as pesquisas devem partir das realidades empíricas para posteriormente formarem-se os modelos de explicação. Este caminho deve ser incessantemente percorrido, de um ponto ao outro, do atual ao virtual, possibilitando assim recorrentes retoques e ajustes até que se possa obter um modelo que sirva bem à algumas funções como: ensaio de explicação, instrumento de controle e comparação, verificação da solidez e até mesmo da vida da estrutura<sup>135</sup>. Todavia, para que um modelo possa cumprir estas funções, ele deve satisfazer a duas condições iniciais, a saber, partir de uma realidade observável, de uma aplicação de fato e se apresentar como estrutura.

Os modelos segundo Lévi-Strauss já seguem uma outra linha, devem apresentar outros elementos para que sejam reconhecidos como estruturas. Em geral, estes requisitos são: apresentar um caráter de sistema, uma interconexão que impeça modificações que não se espelhem em todo os outros elementos da estrutura<sup>136</sup>; ser uma soma de modelos para que desta forma se crie uma estrutura; a partir dos pontos anteriores, é necessário que se possa prever as reações que serão provocadas pelas modificações destes modelos; e por fim, o modelo deve ser capaz de explicar *todos* os elementos observados<sup>137</sup>.

Diante das informações contidas nos parágrafos anteriores, devemos levar em conta que, se Lévi-Strauss sugere para legitimar suas propostas, sempre exemplos oriundos das relações de parentesco e dos estudos dos mitos, Braudel segue uma outra linha que

---

<sup>135</sup> BRAUDEL, Fernand. “História e Ciências Sociais. A Longa Duração”. In: *Escritos sobre a história. Op. Cit.* p. 68.

<sup>136</sup> Retomando aqui o estudo anteriormente desenvolvido a partir da leitura de Deleuze, seria esta posição de Lévi-Strauss uma negação da possibilidade de atualização das “partes”, e dessa forma a estrutura poderia apenas se atualizar a partir de “espécies”?

<sup>137</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural. Op. Cit.* P. 316.



poderíamos classificar, neste sentido, como mais conceitual: apesar de recorrer a exemplos concretos, como o faz Lévi-Strauss, Braudel prefere insistir na questão das durações. Não é necessário apresentar elementos de longa duração ou quase intemporais, como o faz Lévi-Strauss. Para Braudel, esta explicação deve partir das considerações de que todos os elementos estruturais, por mais longos que se apresentem, têm invariavelmente uma duração. Se as duas correntes têm muitas proximidades, se tanto Lévi-Strauss quanto Braudel estão falando uma mesma linguagem, o que os diferencia, paradoxalmente, é que ao invés da antropologia, representada por Lévi-Strauss, seguir uma linha mais teórica para a explicação dos fenômenos estruturais, como normalmente acontece, o inverso se apresenta. É Braudel que recorre menos aos exemplos, e trabalha em uma linha mais conceitual para afirmar que o tempo está presente nas estruturas, sejam estas de longuíssima duração como as que Lévi-Strauss propõe com o estudo do parentesco ou do mito, sejam de fôlego mais curto como a apresentada pelo próprio Braudel, esta que é a que ele e Frank Spooner produziram, a respeito dos jogos entre metais preciosos da Europa do século XV em diante.

Se Braudel insiste na idéia de duração para os elementos estruturais, não devemos esquecer que também Lévi-Strauss fala sobre o tema, todavia este prefere usar o termo “medida”. Não que a idéia de medida tenha sido introduzida em antropologia pelo uso das estruturas. Na verdade, a estrutura, segundo Lévi-Strauss, passou a ter lugar nas ciências humanas a partir das matemáticas modernas, qualitativas, em oposição às matemáticas tradicionais, quantitativas. Dessa maneira, a medida já estava presente nas ciências humanas, ainda com base nas matemáticas tradicionais.

Braudel, em seu artigo de 1958 retoma a distinção que Lévi-Strauss havia produzido pouco antes entre “modelos mecânicos” e “modelos estatísticos”. O primeiro, na escala dos fenômenos, baseando-se na observação de um grupo pequeno. Já o segundo, usado para falar de grandes sociedades, nas quais os números e as médias se impõem.

Lévi-Strauss apresenta uma importância substancial a esta diferenciação, posto que é a partir do tamanho do grupo estudado que se pode optar um ou outro tipo de modelo de explicação. Assim, o autor afirma que para as “proibições” das sociedades, inclusive da nossa, os antropólogos recorrem aos modelos mecânicos. Já para os “possíveis”, como as relações de parentesco que podem se estender por uma vasta gama de possibilidades, o autor afirma que os modelos estatísticos se apresentam melhores. Notamos que a escolha de que modelo pode ser formulado para determinado assunto se dá a partir da medida, do tamanho do grupo estudado. Veremos que Braudel, ao recorrer aos conceitos de Lévi-Strauss sobre o assunto,

sugere que outras condições devem ser observadas para definir que modelo de explicação deve ser adotado.

Logo após citar Lévi-Strauss, Braudel acrescenta que, no fundo, pouco importam estas definições, justamente porque não é baseado na medida do grupo estudado que se deve optar por este ou aquele modelo de explicação; para Braudel, a significação e o valor de explicação de determinado modelo está ligado estritamente à duração que o objeto observado implica. Assim, importa menos o tamanho do grupo estudado, ou os elementos “proibidos” ou “possíveis”; importa é saber a que ponto a duração observada do objeto se estender mais ou menos, se se trata de um elemento de longa, média ou curta duração. Esta diferença é primordial para nós. Enquanto a medida para Lévi-Strauss está antes ligada ao tamanho do grupo, para Braudel, esta mesma medida está ligada à duração. Estas duas formas diferentes de decidir que modelo melhor se aplica a cada tipo de pesquisa são suficientes para abstrair que a estrutura braudeliana é, de fato, histórica pois baseada no tempo, elemento que individualiza a história em relação as outras ciências do homem.

Lévi-Strauss afirma que: “O problema das relações entre a história e a etnologia foi, recentemente, objeto de numerosas discussões. A despeito das críticas que me foram dirigidas, mantenho que a noção de tempo não está no centro do debate”<sup>138</sup>. Para o autor, a diferença se dá em outro nível; a saber, que a etnografia e a história se ocupam da coleta e organização de documentos enquanto a etnologia e a sociologia se ocupam dos modelos e estruturas que são construídos com base nos documentos que as duas precedentes recolhem. É certo que desta forma as novas ciências do homem, trabalhando juntas, separadas apenas sutilmente pelos métodos, se impõem frente à história, esta relegada ao status de disciplina auxiliar.

Dessa forma teríamos, como o próprio autor propõe, disciplinas que realizam uma mesma pesquisa, mas em fases diferentes. A etnografia e a história numa primeira etapa e a sociologia e a etnologia finalizando esta pesquisa, de forma que os resultados são apresentados por um estudo derivado. O problema desta divisão se dá em nível epistemológico: seguindo este padrão, tal como apresentado por Lévi-Strauss, corre-se o risco de apresentar resultados de pesquisas que, apesar de terem partido de elementos empíricos, terminam com conclusões que se aproximam mais de um discurso metacientífico que propriamente preocupado em esclarecer as questões colocadas pelo objeto em princípio observado.

---

<sup>138</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural. Op. Cit.* P. 323

Uma outra questão é levantada por Lévi-Strauss a respeito das divisões disciplinares que estamos nos ocupando por ora. Os tempos das pesquisas se diferenciariam apenas diante dos modelos que estas mesmas pesquisas podem criar. É como se houvesse apenas uma diferença temporal entre modelos “mecânicos” e “estatísticos”. O autor apresenta um gráfico que pode ser descrito da seguinte maneira: a história e a etnografia teriam como passo inicial a observação empírica, enquanto o início das pesquisas sociológicas e etnológicas se daria por meio da construção dos modelos. Já em um segundo nível, a história e a sociologia só podem fornecer modelos estatísticos, enquanto a etnografia e a etnologia, já que fazem parte de uma mesma pesquisa, apresentariam modelos mecânicos.

“Compreende-se, assim, porque as ciências sociais, que devem todas adotar necessariamente uma perspectiva temporal, distinguem-se pelo emprego de duas categorias de tempo”<sup>139</sup>. As duas categorias do tempo, para Lévi-Strauss são, portanto, as fornecidas pelos modelos “mecânicos”, de um lado, e “estatísticos” de outro. Este é o cerne da atual discussão; se para Braudel, como já vimos, o mais importante elemento da pesquisa são as durações, as imbricações temporais que toda pesquisa permite, para Lévi-Strauss, existem apenas dois tempos, estes com ainda mais uma diferença fundamental, posto que são “escolhidos” a partir dos modelos construídos e não segundo a observação empírica do objeto de estudo. Diante deste fato, temos uma conclusão bastante importante: se o objetivo da etnologia é analisar e interpretar as diferenças<sup>140</sup>, ela furta-se de muitos problemas ao ocupar-se apenas das semelhanças. Se não são os tempos do objeto observado que estão em questão, e sim o tempo do modelo construído, esta pesquisa tende a perder de vista o elemento de ensejo, o tema e objeto de fato analisados para concentrar-se nas amplificações e possíveis múltiplas aplicações dos modelos que só podem, para este fim, serem construídos com base nos inventários das semelhanças, e não das diferenças. Esta constatação, por mais que pareça um ataque externo ao estudo etnológico está, na verdade, no próprio texto de Lévi-Strauss, que apresenta inclusive certo tom de descontentamento.

Enfim: Lévi-Strauss afirma que a etnologia ocupa-se do tempo dos modelos “mecânicos”, segundo ele, reversíveis e não-cumulativos. A história, por outro lado, ocupar-se-ia de um tempo “estatístico”, não reversível e que comporta uma orientação determinada. Se levarmos em conta as observações que fizemos nas fases anteriores deste trabalho podemos afirmar que Lévi-Strauss, ao fazer tal afirmação, pensa a história exclusivamente a partir de uma de suas dimensões temporais, a saber, a da temporalidade ou “gênese ordinal

<sup>139</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural. Op. Cit.* P. 324.

<sup>140</sup> *Id. Ibid.* P. 28.

estática”; e se furta a reconhecer uma segunda aplicação temporal que, a partir dos *Annales* e principalmente de Braudel, assume a função temporal principal nos estudos históricos, que são as durações, ou as “temporalidades múltiplas internas”.

Contudo, será correto afirmar que Lévi-Strauss, de fato, considere apenas duas dimensões do tempo nas pesquisas etnológicas? Para responder a tal questão, vale citar um trecho do autor:

Observou-se já que o continuum temporal aparece reversível ou orientado, segundo o nível que oferece maior valor estratégico, em que devemos nos colocar do ponto de vista da pesquisa em curso. Outras *eventualidades* podem também se apresentar: tempo independente do tempo do observador, e ilimitado; tempo função do tempo próprio (biológico) do observador, e limitado; tempo analisável ou não em partes, que são elas mesmas homólogas entre si ou específicas, etc. Evans-Pritchard mostrou que se pode reduzir a propriedades formais dêste tipo a heterogeneidade qualitativa, superficialmente percebida pelo observador, entre seu tempo próprio e tempos que dependem de outras categorias: história, lenda ou mito.<sup>141</sup> (grifo nosso).

Sobre o trecho anteriormente citado, podemos abstrair duas conclusões oportunas. A primeira delas é que Lévi-Strauss trata apenas do “continuum temporal”, que já estava presente e foi discutido anteriormente nas obras de Marc Bloch. Falamos também sobre o mesmo tema em Fernand Braudel, todavia sob outro nome, o de temporalidade. Nestes autores dos *Annales* o “continuum temporal” não é reversível, posto que não se pode subverter o encadeamento dos fatos numa linha temporal quando este tempo está quase naturalizado, baseado nas dimensões biológicas e físicas, ou mesmo sociológicas, levando em conta a naturalização do tempo por parte dos durkhemianos (todavia este é um outro problema do qual já nos ocupamos anteriormente). Temos para a história, portanto, assim como apresentado por Lévi-Strauss um tempo não-reversível e orientado. Todavia vale lembrar que temos também uma segunda categoria do tempo, a duração, que não é abordada por Lévi-Strauss, esta sim que é dotada de outras propriedades, que discutimos anteriormente.

Um segundo ponto que deve ser ressaltado diz respeito à forma como Lévi-Strauss apresenta, no trecho anteriormente citado, a possibilidade de se pensar o tempo sob outros aspectos. Segundo ele estas outras modalidades do tempo são apenas “eventualidades”. Evitaremos produzir qualquer tipo de juízo, mesmo porque não é nosso objetivo e, obviamente, diante da excelência do autor do qual estamos tratando. Para tanto, vale apenas citar a agressiva discussão gerada por esta afirmação de Lévi-Strauss. Estamos nos referindo a Georges Gurvitch que, segundo Gilles Granger, é o sociólogo que “encurrala a sociologia na

---

<sup>141</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural. Op. Cit.* P. 328.

história”<sup>142</sup>. E principalmente sobre seu artigo “Le Concept de Structure Sociale”<sup>143</sup>, no qual Gurvitch critica duramente as definições e a falta de maleabilidade de Lévi-Strauss ao tratar das categorias do tempo. Lévi-Strauss responde, tão agressivamente quanto Gurvitch, com um outro artigo, que fecha sua obra *Antropologia estrutural*<sup>144</sup>.

Lévi-Strauss também fala de “escalas” para as características espaciais e temporais, mas de modo bastante sutil. A apresentação discursiva que o autor produz de como o etnólogo pode utilizar estas escalas é, novamente, baseada em escolhas e negações. Assim, o etnólogo utiliza um “macro-tempo” e um “micro-tempo”; um “macro-espaço” e um “micro-espaço”. Da história, apenas as categorias fornecidas por estudos de “pré-história” e da “arqueologia” são consideradas, juntamente com a teoria difusionista, a topologia psicológica e a sociometria, como conhecimentos complementares, para formar modelos e estruturas das ciências humanas. Lévi-Strauss ainda afirma que, ao contrário do que defendem os chamados “funcionalistas”, os domínios da geografia e da história são perfeitamente compatíveis com uma atitude estruturalista.

Se deixarmos momentaneamente de lado esta miríade de classificações temos, portanto, que não é negado que historiadores participem da corrente chamada estruturalista, como Lévi-Strauss deixa bastante claro. Aliás, Braudel afirma que com a longa duração e a idéia de estrutura, a história e as ciências sociais estão mais próximas que nunca:

No plano da história de longa duração, história e sociologia não se reúnem, não se ombreiam, seria dizer muito pouco: elas se confundem. A longa duração é a história interminável, durável das estruturas e grupos de estruturas. Para o historiador, uma estrutura não é somente arquitetura, montagem, é permanência e frequentemente mais que secular (o tempo é estrutura); essa grande personagem atravessa imensos espaços de tempo sem se alterar; se se deteriora nessa longa viagem, recompoem-se durante o caminho, restabelece sua saúde, e, por fim, seus traços só se alteram lentamente...<sup>145</sup>

<sup>142</sup> GRANGER, Gilles. “Événement et Structure dans les Sciences de l’homme”. *Cahiers de l’Institut de Science Économique Appliquée*. Série M, n° 1, pp. 41-42.

<sup>143</sup> *Cahiers internationaux de Sociologie*, vol. 19, n. s., 2º ano, 1955.

A obra na qual Gurvitch expõe de forma sistemática todas as categorias do tempo que reconhece é:

GURVITCH, Georges. *Déterminismes sociaux et Liberté humaine*. Paris : P.U.F., 1955.

<sup>144</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Op. Cit. PP. 361-383.

<sup>145</sup> BRAUDEL, Fernand. *Escritos... Op. Cit.* P. 106.

### 3.4. Algumas considerações sobre o tempo na metodologia de Fernand Braudel e Claude Lévi-Strauss

Assim como o fez o próprio Braudel em seu artigo “História e Ciências Sociais: a longa duração”, Lévi-Strauss dá ênfase ao início da disputa entre a história e a antropologia, disputa esta que se estende por mais da metade de todo o século XX. Nos referimos aqui aos trabalhos de Hauser e Simiand, já anteriormente comentados, publicados na passagem do século XIX ao XX. Esta retomada das “origens” é especialmente significativa posto que ambos, historiadores e antropólogos, assumem uma atitude filial em relação à Simiand, ainda que cada um o apresente de forma que justifique seu método como diretamente inspirado no trabalho de Simiand. As adaptações que fazem do trabalho deste último são apresentadas quase como uma sequência lógica do que seria a forma pretendida da observação do social segundo Simiand. Para a antropologia, esta filiação aparece de forma mais direta, o que poderia significar uma relativa “legitimação da filiação”. Todavia, os *Annales* e especialmente Braudel conseguem subverter esta vantagem ao afirmar repetidas vezes que buscam “reformular” a disciplina histórica baseando-se nos escritos de Simiand. Esta “virada de mesa” fica bastante evidente na medida que a Revista dos *Annales* publica repetidas vezes (três vezes) o artigo “Método histórico e ciência social”. Todavia não cabe aqui avaliarmos quem são os verdadeiros herdeiros de Simiand; nos importa notar que esta disputa, a partir do artigo de Simiand já anteriormente discutido, está presente nas diversas fases das interações entre história e antropologia, inclusive na que diz respeito ao conceito de estrutura.

Para realizar uma definição a mais precisa possível de etnografia e da etnologia, Lévi-Strauss recorre à relação que estas duas vertentes mantêm com a história e, inclusive, afirma que o drama interno destas mesmas duas correntes se dá na medida em que fazem uso da dimensão temporal. Segundo Lévi-Strauss:

[...]o problema das relações entre as ciências etnológicas e a história, que é, ao mesmo tempo, seu drama interior revelado, pode ser formulado da seguinte maneira: ou nossas ciências se vinculam à dimensão diacrônica dos fenômenos, isto é, à sua ordem no tempo, e se tornam incapazes de traçar-lhes a história; ou procuram trabalhar à maneira do historiador, e a dimensão do tempo lhes escapa. Pretender reconstituir um passado do qual se é impotente para atingir a história, ou querer fazer a história de um presente sem passado, drama da etnologia num caso, da etnografia no outro, tal é, em todo caso, o dilema no qual o desenvolvimento delas, ao longo dos últimos cinquenta anos, pareceu muito frequentemente colocá-las.<sup>146</sup>

Certamente Lévi-Strauss não ignorava as inovações metodológicas, em especial, às relativas ao tempo histórico, produzidas pelos *Annales*. Todavia, o trecho anterior deixa claro

<sup>146</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Op. Cit. P. 15. (Grifo nosso).

que, se não ignora – apesar de alertar constantemente a comunidade dos etnólogos da importância da história em seus trabalhos –, o autor ao menos subjulgava estas inovações em favor da defesa de sua própria disciplina, apresentando o trabalho do historiador tal qual Simiand o havia feito mais de meio século antes. Trata-se, ao menos em parte, de um problema conceitual: caso estivessem claramente definidas as divisões entre temporalidade e duração, que, na época, apesar de não estarem sistematizadas, já faziam parte da prática dos historiadores ligados ao grupo dos *Annales*, parte do problema colocado por Lévi-Strauss já estaria resolvido; não é contraditório que se trabalhe em uma pesquisa, quer seja esta histórica ou etnológica, em, por exemplo, três dimensões temporais diferentes: uma vinculada “à sua ordem no tempo”, ou seja, à temporalidade; outra, bastante definidos seus espaços e delimitações temporais, ou seja, ligada às durações; e por último, que não faz parte de nosso trabalho, mas que está invariavelmente presente em todas as pesquisas, que é o tempo do “lugar de produção”<sup>147</sup>. Portanto, o tempo não precisa ser encarado pelo antropólogo como uma dicotomia que implica, necessariamente, uma recusa; vários tempos diferentes podem coexistir numa mesma pesquisa. A pluralidade dos tempo, a “dialética da duração”, já resolvia este problema.

Um outro problema conceitual, ainda que se apresente aparentemente como de segunda ordem, é que Lévi-Strauss fala de uma “reconstituição” do passado para se atingir a história. Novamente vale lembrar o trabalho de Michel de Certeau, que apresenta de forma bastante clara a questão da reconstrução e não reconstituição do passado. É certo que a obra principal de Certeau foi publicada somente em 1975. Todavia, bem antes disso, Lucien Febvre já insistia na ideia de que a história é sempre uma construção. Podemos abstrair disto que, em primeiro lugar, os historiadores foram bem mais argutos ao fagotitar os métodos antropológicos que os antropólogos ao se apropriarem dos métodos da história nova. Em segundo lugar, foi imposto aos historiadores dos *Annales* que se preocupassem, como o é ainda hoje, em realizar sistematizações das novas metodologias propostas para que não fossem subtraídos pela preocupação teórica que vinham apresentando os antropólogos. Esta é possivelmente a principal importância dos trabalhos desta natureza produzidos pelos *Annales*; e Braudel, como arauto desta Nova História, precisou se aplicar de forma séria nesta peleja como já o havia feito Lucien Febvre e outros depois deles<sup>148</sup>.

---

<sup>147</sup> Sobre este ponto ver: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad: Maria de Lourdes Menezes ; Revisão técnica: Arno Vogel. – 2ª. Ed. – Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2006.

<sup>148</sup> Posteriormente à época que estamos tratando neste trabalho, outros membros dos *Annales* também tiveram que se posicionar firmemente neste sentido. Podemos citar, entre outros, os textos metodológicos de Jacques Le Goff, Michel Vovelle, Georges Duby e Marc Ferro. Outro nome importante neste mesmo sentido foi o de

Se, tanto para Braudel como para Lévi-Strauss, o tempo tem uma função fundamental para as ciências do homem, como se dão as diferentes formas de apresentar a orientação do tempo nas pesquisas históricas e etnológicas<sup>149</sup>? Este questionamento se justifica logo à primeira vista: Braudel, assim como proposto e efetuado pelos primeiros *Annales*, prezava bastante a ideia de uma história problema, que parte de questionamentos do presente para conhecer o passado, uma história problema que pretende passar do supostamente mais conhecido para buscar uma reconstrução do que não está mais ao alcance das mãos, do que só pode ser conhecido por meio dos vestígios, sinais, documentos e monumentos. Discutimos já de forma mais profunda a questão da história problema no primeiro capítulo. Todavia, Lévi-Strauss faz a seguinte afirmação:

Ademais, quando nos limitamos ao instante presente da vida de uma sociedade, somos, antes de tudo, vítimas de uma ilusão: pois tudo é história; o que foi dito ontem é história, o que foi dito há um minuto é história. Mas sobretudo, condenamo-nos a não conhecer êsse presente, pois somente o desenvolvimento histórico permite sopesar, e avaliar em suas relações respectivas, os elementos do presente. É muito pouca história (já que tal é, infelizmente, o quinhão do etnólogo) vale mais do que nenhuma história.<sup>150</sup>

É certo que o autor, quando atribui ao passado a tarefa de permitir conhecer o presente, está de forma plena afirmando a importância da história para a antropologia. Ora, esta perspectiva não está ausente do ofício do historiador. Entretanto, podemos notar uma prioridade dada ao movimento no sentido de um passado em direção ao presente, culminando na compreensão não da história, e sim do atual. Não há dúvida que esta diferença é inerente às disciplinas, já que a etnologia e a história, ainda que caminhando lado a lado, guardam suas diferenças. É certo inclusive que faz parte do ofício do historiador iluminar não só o passado sobre o qual se debruça, mas também o presente que o incita, propõe e mesmo permite (ou não) investigar este passado. Enfim, o que nos importa mais de perto neste ponto é que, se considerarmos esta diferença entre a orientação do tempo na história dos *Annales* e como Lévi-Strauss a propõe, notamos novamente uma indiferença da antropologia em relação à história dos *Annales*.

Os objetivos de ambas disciplinas se confundem mais que a relação que estas mesmas mantem com o tempo nas pesquisas, este último bastante diferente entre história e etnologia.

---

Michel Foucault. Apesar de não ser possível rotulá-lo como historiador adjunto (que o foi na prática) dos *Annales*, e nem mesmo como “historiador” propriamente (a longa discussão que esta questão implica não tem lugar aqui), Foucault foi considerado de início como um possível “organizador” das propostas metodológicas dos *Annales*. Porém, esta possibilidade não se concretizou plenamente, como já o sabemos.

<sup>149</sup> Certamente as questões relativas à: orientação, sentido e ritmo do tempo, são assuntos majoritariamente compreendidos sob a égide da filosofia, em especial da metafísica. Este é um campo que não pretendemos adentrar, evitando assim um desvio da proposta da pesquisa. Todavia, faremos uma pequena incursão na questão da orientação do tempo, exclusivamente em Braudel e Lévi-Strauss.

<sup>150</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Op. Cit. P. 26.



Lévi-Strauss afirma que tendo os mesmos objetos, objetivos e métodos que variam apenas sutilmente, o que difere a etnologia e a história é que uma se preocupa com os aspectos inconscientes da vida social, enquanto a outra com os conscientes. Mas o que dizer das histórias do inconsciente que desde os fundadores dos *Annales*, principalmente com Lucien Febvre, já começam a ser produzidas? Possivelmente o que difere de forma plena a história da etnologia seja a perspectiva temporal. Esta afirmação se torna ainda mais plausível se seguirmos a linha José Carlos Reis; a principal hipótese deste autor é que a mais importante renovação do saber histórico realizada pelos *Annales* se encontra na renovação do tempo histórico. Corroboramos com esta idéia que, aliás, incitou o presente trabalho.

## **Considerações Finais**

Nossa pesquisa buscou trazer novas luzes à discussão acerca do tema do tempo histórico segundo Braudel. Mas o estudo de um tema já tão investigado pode, de qualquer forma, ter novas iluminações? Acreditamos que sim. Nosso estudo reveste-se de um caráter diferenciado posto que se funde em duas perspectivas; a saber, de uma história da história dos *Annales*, e de uma análise dos conceitos presentes na metodologia. Esta segunda sobrepondo-se à primeira. Temos, portanto, um objeto de estudo datado (1949-1958), mas que se estende além deste período, para antes e depois de nosso recorte temporal, caracterizando assim, inclusive, um estudo de metodologia da história produzida atualmente. A discussão acerca da “dialética da duração” de Fernand Braudel, se não se encaixa ainda num tempo estrutural, ao menos podemos conferir-lhe características de um *trend*.

Digamos que nosso trabalho pode ser caracterizado como um capítulo de *história da metodologia* dos *Annales*. Mas os termos “história da metodologia” não poderiam, num sentido lato, serem confundidos com a noção de epistemologia? Sim e não.

Não: no sentido que não buscamos uma reflexão geral, nem uma teoria do conhecimento. O processo cognitivo e as apropriações da teoria braudeliana apenas tangem nosso trabalho, e de forma sutil.

Sim já que, por se tratar de um estudo de história da metodologia, ou se se preferir, um estudo conceitual, não fugimos plenamente ao que está compreendido sob a égide da epistemologia. Mas vale ressaltar que almejamos unicamente um capítulo bem definido do estudo maior das contribuições de Fernand Braudel às ciências atuais. Inclusive, Carlos Antonio Aguirre Rojas<sup>151</sup> trabalha neste sentido, da produção de uma biografia intelectual total de Fernand Braudel – opondo-se à biografia “pessoal”, por sinal muito bem executada, de Pierre Daix<sup>152</sup>.

Acreditamos, segundo a delimitação de nosso tema, que o estudo do tempo na prática do historiador é de fundamental importância não só para compreender a metodologia do grupo dos *Annales*, como para todas as correntes historiográficas, posto que o tempo é em nossa visão, com o perdão do epíteto, a principal variante operatória das metodologias da história. Dito isso, a necessidade da discussão acerca do tema por parte dos historiadores – e não mais a dependência da filosofia para fazê-lo – se impõe crescentemente. Inclusive a interação entre as observações históricas e filosóficas têm se mostrado cada vez mais produtivas, como podemos, apenas para citar um exemplo, notar nas obras de Krysztof Pomian.

---

<sup>151</sup> AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. *Tempo, duração e civilização* : percursos braudelianos. Trad: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo : Cortez, 2001.

<sup>152</sup> DAIX, Pierre. *Fernand Braudel: uma biografia*. Trad. Clóvis Marques – Rio de Janeiro : Record, 1999.

A divisão que propomos entre “temporalidade” e “duração” na obra de Braudel mostrou-se bastante operatória. Se esta divisão não se encontra sistematizada nos trabalhos de Braudel, ao menos está latente, pelo que pudemos avaliar com base nas leituras dos textos metodológicos que o autor publicou. O embasamento teórico que utilizamos para fundamentar esta divisão foi, inclusive, surpreendente para nós. Havíamos notado a possibilidade de distribuir o tempo da história segundo Braudel nas categorias de “temporalidade” e “duração” antes mesmo de ter acesso ao texto em que encontramos a base teórica para tanto: o artigo de Gilles Deleuze *A quoi reconnaît-on le structuralisme?*.

Propomo-nos, ainda que indiretamente, a responder algumas questões logo no início de nossa pesquisa. A primeira destas questões é: as críticas a esta nova forma de abordar o tempo histórico são procedentes, ou seja, realizaram, de fato, uma atualização da dialética da duração? Nos parece que a idéia de “intriga” de Paul Ricoeur responde bem às outras críticas feitas por autores sobre a tese braudeliana e as novas durações da história. A crítica nodal à tese de Braudel, na qual a “dialética da duração” se apresenta de forma plena, é que as partes da obra não se relacionam, as diferentes dimensões do tempo esquartejaram a unidade do Mediterrâneo. Mas se as leituras diferentes que a obra suscita – com a coroação do tempo geográfico de um lado, ou dos acontecimentos de outro – estão equilibradas na proposta de uma história de longa duração, como o sugere Paul Ricoeur, o problema colocado por Braudel de mostrar que o tempo viaja em compassos diferentes foi respondido categoricamente: sim, o tempo tem dimensões diversas em um mesmo objeto de pesquisa e a longa duração serve como sustentáculo da articulação desses tempos.

Possivelmente as duas principais questões que o atual trabalho suscitou são: a “dialética da duração” e, principalmente, a longa duração foram instrumentos bem recebidos, utilizados pelos historiadores? A dialética da duração e a longa duração ainda são ferramentas do historiador contemporâneo? A esta pergunta podemos responder com certa segurança: sim, a proposta da longa duração, tal como foi colocada por Braudel, foi muito bem recebida e largamente utilizada. Podemos legitimar esta afirmação com base na quantidade de trabalhos que versam sobre o tema. Também os historiadores dos *Annales*, nas “gerações” seguintes à de Braudel, utilizam a longa duração como uma forma de balizar cronologicamente seus trabalhos. Estes autores não estão citados diretamente no presente trabalho por uma questão de respeito às balizas temporais que propomos, mas a leitura de suas obras foram especialmente importantes para a realização deste trabalho e estas mesmas leituras estão, sem dúvida, diluídas ao longo do material que estamos apresentando.

Partindo da premissa que uma conclusão propõe mais questões que respostas, podemos até ensaiar uma hipótese, servindo apenas como exemplo, derivada da atual pesquisa: um dos historiadores que mais se aproximou dos tempos da história propostos por Braudel foi Emmanuel Le Roy Ladurie. Podemos dizer que ele vai além, quando propõe sua aula inaugural no College de France com o título “A História Imóvel”. Mas é possível conceber uma história imóvel? Acreditamos, seguindo Braudel, que não.

Em realidade, a roda da história nunca parou de girar, e o tempo continuou presente nos estudos históricos. Mas os objetos de estudo foram ampliados drasticamente com a possibilidade aberta pela longa e longuíssima duração. Diante da contingência de estudar elementos cada vez mais longamente presentes nas sociedades, de durações que se estendem por períodos cada vez maiores, quais são as novas janelas abertas ao estudo histórico? O que é mais presente em todos os tempos e sociedades, mais imortal que a própria morte?

A morte foi sempre um tema privilegiado da poesia e da literatura. E porque a história não o adotaria justamente quando é retomada a discussão acerca da narrativa histórica e suas conexões com a literatura? O chamado pela inclusão da morte nas pesquisas historiográficas tem ainda um segundo ponto, que mais nos chama a atenção: a morte pode, e na maioria das vezes foi, estudada na dimensão da mais longa duração. Para tanto podemos citar alguns exemplos, poucos diante do volume de obras produzidas com ênfase no tema da morte: Philippe Ariès<sup>153</sup> foi seu principal arauto; Michel Vovelle, Jacques Chiffolleau, Daniel Poirion, e outros onze autores publicaram uma seleção de conferências sobre o tema realizadas em 1979<sup>154</sup>; encontros de grupos de discussão sobre o mesmo tema também ocorreram quase simultaneamente na França, Canadá e Alemanha; entre uma grande massa de outros trabalhos que poderiam figurar aqui.

A discussão anterior encontra-se ligada ao atual trabalho no seguinte sentido: o tema da morte passou a ser amplamente valorizado pelos historiadores por uma somatória de causas. Entre elas, podemos citar três centrais: a retomada da história das mentalidades; a discussão acerca do caráter narrativo da história e; de encontro com nosso trabalho, a longa duração, que possibilitou o estudo de temas que se estendem por períodos muito longos, como as concepções da morte. Acreditamos que sem a ampliação, realizada por Fernand Braudel, das durações em história, o tema da morte não estaria no centro dos debates

---

<sup>153</sup> ARIÈS, Philippe. *Essais sur l'histoire de la mort em Occident: Du Moyen Âge à nous jours*. Paris : Seuil, 1975.; *Images de l'homme devant la mort*. Paris : Seuil, 1983.; *L'Homme devant la mort*. Paris : Seuil, 1977.; *La mort esauvagee*. Paris : Seuil, 1977.; *En face de la mort*. Toulouse : Privat, 1983.

<sup>154</sup> BRAET, Herman; VERBEKE, Werner (Eds.). *A Morte na Idade Média*. Trad: Heitor Megale, Yara Frateschi Vieira, Maria Clara Cescato. São Paulo : EDUSP, 1996.

historiográficos dos *Annales*, e de outros grupos de pesquisadores ao redor do mundo. A longa duração foi o instrumento metodológico encontrado pelos pesquisadores da morte para estruturarem suas pesquisas, já que a morte está sempre presente e em todo lugar, mas as durações das imagens e atitudes que os homens têm diante da morte é que são de durações variadas, mas majoritariamente de longa duração, como são as mentalidades. “Os quadros mentais também são prisões de longa duração”<sup>155</sup>.

Por fim, vamos citar um trecho de um artigo de Michel Vovelle, que vai de encontro com a hipótese que a história da morte (e das mentalidades de modo mais genérico) é balisada temporalmente pela longa duração:

Philippe Ariès, um dos descobridores dessa história, tanto no que diz respeito à criança e à família, quanto à morte, afirma isso com vigor; ele se prende a essas evoluções secretas na longuíssima duração, também, inconscientes porque não percebidas pelos homens que as vivem. A imagem que ele nos proporciona, especialmente em sua recente história da morte, é a imagem não de uma história “imóvel” (ainda que tenha reservado um lugar para uma história substrato, “acrônica”, que seria sem dúvida a das sociedades tradicionais...), mas a de amplos pedaços de história, sucessão de estruturas ou de modelos de comportamento, que, mais do que se sucederem, se sobrepõem e se encaixam como as telhas de um telhado: da morte “domesticada”, acrônica, que é tanto a de Ivan Illich quanto a do valente Roland, a uma primeira tomada de consciência do “escândalo” da morte individual, da Idade Média à idade clássica; à sua transferência sobre a morte do outro – o objeto amado – na idade romântica, enquanto se aguarda o tabu sobre a morte, na época contemporânea. Seria por grandes pedaços de história – em que as mutações insensíveis prevalecem em muito sobre o que se vê (o macabro fim da Idade Média, um epifenômeno?) – que se faria a passagem de uma estrutura a outra.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> BRAUDEL, Fernand. *Escritos... Op. Cit.* P. 50.

<sup>156</sup> VOVELLE, Michel. “A História e a Longa Duração”. In: LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dir.). *A História nova. Op. Cit.* P. 101.

**Referências**

## Fontes

BRAUDEL, Fernand. *Écrits sur l'histoire*. Paris : Flammarion, 1969.

\_\_\_\_\_. *Ecrits sur l'histoire II*. Paris : Arthaud, 1990.

\_\_\_\_\_. *La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II*. 2<sup>a</sup> ed. revista e aumentada. Paris : Armand Colin, 1966.

\_\_\_\_\_. *Les écrits de Fernand Braudel*. Paris: Fallois, 1996/97. v.2: Les ambitions de l'histoire.

\_\_\_\_\_. *Une leçon d'histoire de Fernand Braudel*. Paris : Arthaud-Flammarion, 1986.

BLOCH, Marc. *Apologie pour l'histoire, ou Métier d'historien*. 5<sup>a</sup> ed. Paris : Armand Colin, 1964.

\_\_\_\_\_. *La société féodale*. Paris : Editions Albin Michel, 1982.

\_\_\_\_\_. "Pour une histoire comparée des sociétés européennes" (1928). *Mélanges historiques*, vol. 1 : Paris, 1963.

\_\_\_\_\_. *Rois thaumaturges: etude sur le caractere surnaturel attribue a la puissance royale particulièrement en france et en algleterre*. Paris : Gallimard, 1983.

FEBVRE, Lucien. *Combats pour l'histoire*. Paris : Librairie Amand Colin, 1992.

\_\_\_\_\_. *Le problème de l'incroyance au XVIe siècle – la religion de Rabelais*. Paris : A. Michel. 1962.

\_\_\_\_\_. "Un livre qui grandit: La Méditerranée et le monde méditerranéen à l'époque de Philippe II". *Revue historique*, vol. 203, 1950.

## Referências

AGUIRRE ROJAS, Carlos Antônio. *Tempo, duração e civilização : percursos braudelianos*. Trad: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo : Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Braudel, o mundo e o Brasil*. Trad: Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo : Cortez, 2003.  
*Annales E.S.C.*, [Fernand Braudel (1902-1985)] - ano 41, n. 1, 1986.



AYMARD, Maurice. “The Annales and French Historiography (1929-72)”. *Journal of European Economic History*. Vol. 1, n° 2, 1972.

ARIÈS, Philippe. *Le Temps de l'histoire*. Paris : Plon, 1954.

BACHELARD, Gaston. *Dialectique de la durée*. Gaston. Paris : P.U.F., 1950.

BAILEY, Anne M.; SANTAMARIA, Ulysses. “A Note on Braudel’s Structure as Duration”. *History and Theory*. Vol. 23, 1984.

BAILYN, Bernard. “Braudel’s Geohistory – A Reconsideration”. *Journal of Economic History*. Vol. 11, 1951.

BLOCH, Marc. *A Sociedade Feudal*. Tradução: Emanuel Lourenço Godinho. Lisboa : Edições 70, 1973.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Lisboa : Europa-América, 1983.

BRAUDEL, Fernand. *O mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II*. 2ª edição. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1995.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. Trad: J. Guinburg e Tereza Cristina Silveira da Mota. São Paulo : Perspectiva, 2005. (Debates ; 131).

BURKE, Peter. *Revolução Francesa da Historiografia : A Escola dos Annales (1929 - 1989)*. Trad. Nilo Odalia; 2. ed, São Paulo : Unesp, 1992.

\_\_\_\_\_. “Fernand Braudel”. *The Historian at Work*. J. Cannon (ed.), London : Allen an Unwin, 1980

CARDOSO JR., Hélio Rebello. *Tramas de Clio; convivência entre filosofia e história*. Curitiba : Aos Quatro Ventos, 2001.

DAIX, Pierre. *Fernand Braudel: uma biografia*. Trad. Clóvis Marques – Rio de Janeiro : Record, 1999.

DOSSE, François. *História do estruturalismo*. Trad: Álvaro Cabral; São Paulo : Ensaio, 1993.

\_\_\_\_\_. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Trad: Dulce Oliveira Amarantes dos Santos; Revisão Técnica: José Leonardo do Nascimento. Bauru: EDUSC, 2003.

\_\_\_\_\_. *História e ciências sociais*. Trad: Fernanda Abreu. – Bauru: EDUSC, 2004.

DOSSE, François. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

FERGUSON, Priscilla Parkhurst. "Braudel's Empire in Paris". *Contemporary French Civilization*. Vol. 12, 1988.

FOURQUET, François. "Un nouvel espace-temps". In: AYMARD, M. *et al. Lire Braudel*. Paris : Editions la Découverte, 1988.

GUARIBA NETO, Ulysses T. *Leitura da obra de Lucien Febvre e Marc Bloch nos Annales: Introdução a análise do conhecimento histórico*. 299 p. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, s.d.

GURVITCH, Georges. *Déterminismes sociaux et Liberté humaine*. Paris : P.U.F., 1955.

HEXTER, J. H. "Fernand Braudel and the *Monde Braudélien*...". *Journal of Modern History*. Vol. 44, n° 4, 1972.

KAPLAN, Steven Laurence. "Long-run Lamentations: Braudel on France". *Journal of Modern History*. Vol. 63, 1991.

KELLNER, Hans. "Disorderly Conduct: Braudel's Mediterranean Satire". *History and Theory*. Vol. 18, 1979.

KINSER, Samuel. "Annaliste Paradigm? The Geohistorical Structuralism of Fernand Braudel". *American Historical Review*. Vol. 86, 1981.

KULA, Witold. "Histoire et économie: la longue durée". In: *Annales ESC*. N°2. Paris : Armand Colin, 1960. (mars/avril).

LABROUSSE, Ernest. *Esquisse du mouvement des prix et des revenus en France au XVIIIe siècle*. Paris : Dalloz, 1933.

LANGLOIS, Charles-Victor; SEIGNOBOS, Charles. *Introduction aux études historiques*. Paris : Hachette, 1898.

LE GOFF, Jacques; CHARTIER, Roger; REVEL, Jacques (Dir.). *A História nova*. Trad. Eduardo Brandão. – 5ª ed. - São Paulo : Martins Fontes, 2005.

LADURIE, Le Roy. “L’Histoire immobile”. In: *Annales ESC*, n°3. Paris: A. Colin, Mai/Juin, 1974.

LOPES, Marcos Antônio (org). *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro : Ed. FGV, 2003.

MAKKAI, Lászlò. “Ars Historica: On Braudel”. *Review*. Vol. 6, 1983.

MOTA, Carlos Guilherme. *L. Febvre : história*. Trad. Adalberto Marson, Paulo Salles Oliveira e Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo : Ática, 1978. p. 34. (Coleção: Grandes cientistas sociais ; 2.)

REIS, J. C. *Nouvelle Histoire e Tempo Histórico: a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994a.

\_\_\_\_\_. *História e Teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade*. Rio de Janeiro : FGV, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tempo, História e Evasão*. Campinas: Papyrus, 1994b.

\_\_\_\_\_. *Escola dos Annales – a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. RJ : UFRJ, 1996.

REVEL, Jacques. “The Annales: Continuities and Discontinuities”. *Review*. vol. 1, 1978.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa*. Trad. Constança Marcondes Cesar; Campinas: Papyrus, 1994.

SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Trad. José Leonardo do Nascimento. Bauru : EDUSC, 2003.

TREVOR-ROPER, H. R. “Fernand Braudel, the Annales, and the Mediterranean”. *Journal of Modern History*. Vol. 44, n° 4, 1972.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. Trad: Maria Júlia Cottvasser ; 2. ed, São Paulo: Brasiliense, 2004.

WALLERSTEIN, Immanuel. “Fernand Braudel, Historian, “*homme de la conjoncture*””. *Radical History Review*. Vol. 26, 1982.

---